

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DÁVILA MARIA FEITOSA DA SILVA

**MULHERES NEGRAS CEARENSES: narrativas de vida de influenciadoras
digitais antirracistas**

JOÃO PESSOA
2024

DÁVILA MARIA FEITOSA DA SILVA

MULHERES NEGRAS CEARENSES: narrativas de vida de influenciadoras digitais antirracistas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB) como requisito para obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade

Linha de pesquisa: **Memória, Mediação e Apropriação da Informação**

Orientadora: Profa. Dra. Izabel França de Lima

JOÃO PESSOA
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Dávila Maria Feitosa da.

Mulheres negras cearenses : narrativas de vida de influenciadoras digitais antirracistas / Dávila Maria Feitosa da Silva. - João Pessoa, 2024.

201 f. : il.

Orientação: Izabel França de Lima.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Ciêncida da informação. 2. Memória. 3. Escrivivência. 4. Mulheres negras cearenses. 5. História de vida. 6. Influenciadoras digitais negras. I. Lima, Izabel França de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 007(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Defesa nº 107

Ata da Sessão Pública de Defesa de Tese da Doutoranda **DÁVILA MARIA FEITOSA DA SILVA** como requisito para obtenção do grau de Doutora em Ciência da Informação, Área de Concentração em Informação, Conhecimento e Sociedade e com Linha de pesquisa em Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Ao nono dia do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro (09/08/2024), das quatorze horas até às dezoito horas, na sala virtual do Google Meet, conectaram-se via videoconferência a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para avaliar a candidata ao Grau de Doutora em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, a doutoranda **DÁVILA MARIA FEITOSA DA SILVA**. A defesa ocorreu de forma remota, com acesso por meio do link: <https://meet.google.com/hiw-vqjy-hbh>. A banca examinadora foi composta pelos (as) professores(as): Dra. Izabel França de Lima - PPGCI/UFPB (Presidenta/Orientadora), Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira - PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves - PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dra. Leyde Klébia Rodrigues da Silva – PPGB/UFCA (Examinadora externa), Dr. Erinaldo Dias Valério – PPGB/UFCA-UFPE (Examinador externo), Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino – PPGCI/UFPB (Suplente Interna) e Dra. Denise Braga Sampaio - PPGB/UFCA-UFBA (Suplente Externo). Dando início aos trabalhos, a Professora Dra. Izabel França de Lima, Presidenta da Banca Examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra à discente para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de tese intitulado: **“MULHERES NEGRAS: Histórias de vida de influenciadoras digitais”**. Após a apresentação, a doutoranda foi arguida na forma regimental pelos examinadores. Respondidas todas as arguições, a Professora Dra. Izabel França de Lima, Presidenta da Banca Examinadora, acatou todas as observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:

(X)Aprovado ()Indeterminado ()Reprovado.

Observações da Banca:

A Banca considera que a tese se destaca pela atualidade e ineditismo do tema, ressaltando sua relevância para o campo da Ciência da Informação ao refletir sobre os espaços de memória e a produção de conteúdo antirracista no contexto das histórias de vida de mulheres negras cearenses, que atuam como influenciadoras digitais. Propõe mudança no título da tese que será intitulada "**MULHERES NEGRAS CEARENSES: narrativas de vida de influenciadoras digitais antirracistas**", acatando a solicitação da Banca. Solicita ajustes na metodologia, especificamente a exclusão da escrevivência, uma vez que o aporte metodológico central foi a história de vida, que serviu como eixo norteador da pesquisa. Além disso, aponta a necessidade de revisão linguística e adequação às normas vigentes da ABNT.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, Professora Dra. Izabel França de Lima, Presidenta da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada digitalmente por mim e pelos demais membros, juntamente com os pareceres de avaliação da Tese e defesa de tese da doutoranda, devidamente assinados por seus respectivos avaliadores e em formato digital.

João Pessoa, 09 de agosto de 2024.

Documento assinado digitalmente
IZABEL FRANÇA DE LIMA
Data: 13/08/2024 23:53:11-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Izabel França de Lima
Orientador(a)/Presidente (a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA
Data: 14/08/2024 15:53:23-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
GRACY KELLI MARTINS GONCALVES
Data: 14/08/2024 18:30:24-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gracy Kelli Martins. Gonçalves
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
LEYDE KLEBIA RODRIGUES DA SILVA
Data: 14/08/2024 20:43:54-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Leyde Klébia Rodrigues da Silva
Examinador(a) Externo(a) – PPGB/UFCA

Documento assinado digitalmente
ERINALDO DIAS VALERIO
Data: 14/08/2024 11:20:44-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Erinaldo Dias Valério
Examinador(a) Externo(a) – PPGB/UFCA-UFPE

Profa. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino
Suplente Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
DÁVILA MARIA FEITOSA DA SILVA
Data: 14/08/2024 21:29:03-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Denise Braga Sampaio Suplente Externo(a) – PPGCB/UFCA- UFBA

Dávila Maria Feitosa Da Silva
Doutorando(a)

Dedico aos frutos do meu ventre - Yuna Feitosa Santana (menina grandiosa e doutora do amor) e a Aiyra Maria Feitosa Santana, *in memoriam* (minha menina encantada, serena e forte).

Dedico às minhas sobrinhas - Maria Vitória Carvalho da Silva e Maria Caroline Carvalho da Silva que foram as que inauguraram em mim o amor primeiro.

Dedico às minhas sobrinhas mais novas Ana Emanuely Feitosa dos Santos e Ayla Gabrielly Feitosa dos Santos

Dedico a Virgínia Sousa Costa (*in memoriam*)

Dedico as minhas mais velhas

Dedico a minha ancestralidade.

AGRADECIMENTO É A MEMÓRIA DO CORAÇÃO

Escrever uma tese é trabalhoso, dispendioso e agonizante. Escrever uma tese em tempos pandêmicos, em um governo autoritário, genocida e corrupto, vivendo a maternidade e o luto só foi possível com a rede apoio de minha família, companheiras e companheiros e principalmente pela minha persistência em realizar e concluir esse ciclo que nunca foi um sonho de criança, mas tornou-se o sonho de uma mulher preta. Rememorar essa trajetória e escrever esses agradecimentos é firmar e vivenciar a filosofia *ubuntu*¹ de comunidade, partilha e acolhimento. “Eu sou porque tu és”. Aqui agradeço e registro alguns nomes indispensáveis nessa jornada.

A Deus, meu sustentáculo e força que me manteve sã em meio a dor, ao desespero e a desesperança.

A minha ancestralidade que não mede esforços em me ajudar, que guiam meus passos e abrem os caminhos para que eu possa seguir sem titubear.

A minha mãe **Duvirgens Feitosa da Silva**, a minha primeira e principal formadora. Me educou, me preparou e prepara para alçar voos que foram negados para ela e para as nossas antecessoras. Me deu suporte para que eu não me perdesse de vista.

Ao meu pai **Cícero Severino da Silva**, por nos ter dado a oportunidade de estudar, de nos sustentar para além do alimento diário, nos ter nutrido de responsabilidade, caráter e amor.

A minha parceira **Daiane Patrícia Feitosa da Silva**, irmã, você é minha potência, espelho e aliada. Que sorte a minha de viver essa vida no mesmo espaço/tempo que você.

A **Izabel França de Lima**, pela parceria, por ter me cuidado e acreditado nesse trabalho, me colocado diante de desafios por acreditar que seriam possíveis, e sim, foram!

As protagonistas desta pesquisa, Yasmim Djalo, Izabel Acyoli e Augusta Carneiro, mulheres negras, cearenses, produtoras de conteúdos e donas de suas vidas e de suas histórias.

¹ Ubuntu, palavra existente nos idiomas sul africanos zulu e xhosa que significa “humanidade para todos” (Nascimento, 2014).

A **Joselina da Silva**, por ter dado a oportunidade de me conhecer e reconhecer enquanto mulher negra, pelo cuidado, a amorosidade e os puxões de orelha. Sou eternamente grata por nossos caminhos terem se cruzado, minha amiga.

A **Gracy Kelli Martins**, pela compreensão, pelo auxílio, pelo cuidado, pelas palavras incentivadoras, pelas oportunidades e pelas contribuições na feitura deste trabalho.

A **Leyde Klébia Rodrigues da Silva**, pelo furacão que é hahaha, pelas contribuições sinceras e cuidadosas na feitura desta pesquisa, pelo carinho por minha Curuminha, obrigada titia.

A **Bernardina Freire de Oliveira**, caramba! Que pessoa potente, que professora exemplar. Estudar memória me causou medo, por sentir que a complexidade do tema era demais para a minha compreensão. Realmente é uma temática complexa, mas com seus ensinamentos consegui chegar até aqui.

A **Erinaldo Dias Valério**, você foi a pessoa que mais esteve presente nesse processo. Aqui valeria um arquivo de agradecimento só para você. Obrigada meu irmão e professor por ser meu grande incentivador.

A **Rodolfo Santana** (meu Pleto), obrigada por não ter medido esforços para eu poder ter a possibilidade de dar continuidade a esta pesquisa, pela ajuda em ler e corrigir meus textos, pelas sugestões e observações importantes, por tomar as rédeas da Plataforma Brasil hahaha, Obrigada, companheiro!

A **Ana Beatriz de Lima Correia**, pela eterna irmandade, pelo amor e cuidado. Por ter permanecido durante e após a gravidez/maternidade. Por me carregar para tomar cerveja e ler bell hooks, por ler meus textos, por compartilhar livros, aulas, artigos. Meu amorzão, obrigada por ter me ajudado tanto.

A **Natália Fernandes e Paloma Costa**, outrora minhas “maridas”, hoje minhas comadres. Agradeço o cuidado, os esforços, as preocupações, o incentivo e o amor infinito por nós.

A **Kátia Costa-Santos**, por todos os ensinamentos, por nos dar oportunidade de adentrar no infinito de possibilidades da literatura negra feminina, por ensinar e incentivar a escrita. Muito obrigada, vizinha.

A **Keliane Pereira da Silva**, que para além do trabalho, semeou amor, afeto, aprendizados e muitos cuidados com Yuna para que eu pudesse sair de casa e fazer o que precisava ser feito com tranquilidade. Saiba que o mundo te espera para grandes feitos. Obrigada!

A **Emerson Nathan Pereira Alves** pela partilha das agonias e fuxicos, pela colaboração e incentivo, por ter me ajudado no puerpério a compreender os conteúdos dos textos, pela partilha dos seminários e infinitos resumos. Obrigada!

Como dito, essa tese foi iniciada num contexto pandêmico. Não vivenciamos presencialmente as aulas obrigatórias, e dessa forma, alguns vínculos não foram possíveis de estabelecer, todas, todos e todes enfrentamos batalhas árduas. Obrigada, turma PPGCI/UFPB 2020.

A **Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante**, pela eficiência, inteligência, FÉ e alegria em viver. Geisita, você é um presente divino nessa terra. Obrigada por tudo!

Ao GT de Relações Étnico Raciais e Decolonialidades da FEBAB, do qual sou integrante, pelas inúmeras ações e compartilhamento de conhecimentos. Pela oportunidade de conhecer pessoas ativas e grandiosas.

Ao Pretas Simoa, o primeiro grupo de Mulheres negras do Cariri Cearense, fui uma das integrantes e fundadora. O Pretas Simoa atualmente não está ativo por inúmeras questões, no entanto, seu legado é infindo.

A CAPES, que financiou meus estudos e possibilitou a realização desta pesquisa.

As pessoas não mencionadas aqui, mas que contribuíram nesta minha trajetória, deixo minha gratidão.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
A lua fêmea, semelhante nossa,
Em vigília atenta vigia a nossa memória.

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres
Há mais olhos que sono
Onde lágrimas suspensas
Virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres
Vaginas abertas
Retêm e expulsam a vida
Donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
E outras meninas luas
Afastam delas e de nós
Os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas
Pois do nosso sangue-mulher
De nosso líquido lembradiço
Em cada gota que jorra
Um fio invisível e tônico
Pacientemente cose a rede
De nossa milenar resistência.

Conceição Evaristo

* Poema em memória de Beatriz Nascimento

Publicado em Poemas da recordação e
outros movimentos (Editora Malê)

RESUMO

Esta pesquisa investigou a história de vida de mulheres negras cearenses, atuantes como influenciadoras digitais. Para tanto, delinea-se como objetivo geral analisar as narrativas de mulheres negras cearenses influenciadoras digitais e sua contribuição para a memória coletiva e a luta antirracista. Os objetivos específicos são: identificar influenciadoras digitais negras cearenses que produzem conteúdos antirracistas; caracterizar as influenciadoras digitais negras cearenses; conhecer a produção de conteúdo antirracista de influenciadoras digitais negras cearenses; apresentar as narrativas das influenciadoras digitais negras cearenses, a partir do método da História de vida. O método adotado baseia-se na história de vida, com abordagem qualitativa, apoiada na história de vida que está atrelada a relatos de vida, vivências acumuladas no dia a dia, que interferem diretamente na subjetividade de quem narra. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. A análise das entrevistas utiliza a perspectiva da escrevivência, um conceito que aborda as histórias narradas através de crônicas, refletindo sobre a forma como a academia tradicionalmente desvalorizou as produções científicas e literárias das populações negras. Pode-se afirmar que a produção de conteúdo das influenciadoras tem teor formativo, educacional, político e antirracista. A pesquisa revela que o racismo permeia a vida dessas mulheres desde a infância, afetando diversos aspectos de sua existência e evidenciando o colonialismo de dados, racismo algorítmico e discursos de ódio nas redes sociais. Apesar dessas adversidades, elas se destacam como agentes de transformação social, usando suas plataformas digitais para expressar sua identidade e promover a educação e a resistência política. A principal contribuição da pesquisa é proporcionar uma reflexão sobre as experiências e trajetórias dessas mulheres, oferecendo um espaço para suas vozes e memórias ancestrais.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; memória; escrevivência; mulheres negras cearenses; história de vida; influenciadoras digitais negras.

ABSTRACT

This research investigated the life history of Black women from Ceará who are active as digital influencers. The general objective is to analyze the narratives of Black digital influencers from Ceará and their contribution to collective memory and the anti-racist struggle. The specific objectives are: to identify Black digital influencers from Ceará who produce anti-racist content; to characterize Black digital influencers from Ceará; to understand the anti-racist content produced by Black digital influencers from Ceará; and to present the narratives of Black digital influencers from Ceará using the Life History method. The adopted method is based on life history, with a qualitative approach, supported by personal life stories, experiences accumulated in daily life that directly influence the subjectivity of the narrator. The data collection instrument was the semi-structured interview. The analysis of the interviews uses the perspective of **escrevivência**, a concept that addresses stories narrated through chronicles, reflecting on how academia has traditionally devalued the scientific and literary productions of Black populations. It can be stated that the content produced by the influencers has a formative, educational, political, and anti-racist nature. The research reveals that racism permeates these women's lives from childhood, affecting various aspects of their existence and highlighting data colonialism, algorithmic racism, and hate speech on social media. Despite these adversities, they stand out as agents of social transformation, using their digital platforms to express their identities and promote education and political resistance. The main contribution of the research is to provide a reflection on the experiences and trajectories of these women, offering a space for their voices and ancestral memories.

Keywords: Information Science; memory; life-writing; black women from Ceará; life history; black digital influencers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Print do perfil da protagonista Yasmin Djalo.....	33
Figura 2	Print do perfil da protagonista Izabel Accioly.....	33
Figura 3	Print do perfil da protagonista Augusta Carneiro.....	34
Figura 4	Plataformização e APPficação dos negócios (marcas).....	73
Figura 5	Os empreendedores.....	76
Figura 6	Caso de racismo pelo Facebook, em 2020.....	77
Figura 7	Termos de discursos de ódio contra mulheres negras.....	88
Figura 8	Linha do tempo de algumas plataformas digitais.....	91
Figura 9	Influenciadora digital Nátaly Neri em parceria paga com Natura	94
Figura 10	Influenciadora digital Ana Paula Xongani em parceria paga com Grendha.....	95
Figura 11	Influenciadora digital Dani Lima em parceria paga com CeraVe	95
Figura 12	Influenciadora digital Nérida Cocamáro em parceria paga com C&A.....	95
Figura 13	Fotos de família de Yasmin Djalo.....	111
Figura 14	Foto de Yasmin Djalo.....	117
Figura 15	Foto de Yasmin Djalo expondo seus turbantes na Feira Negra, em Fortaleza.....	121
Figura 16	Foto de Yasmin Djalo Surfando.....	123
Figura 17	Foto 3x4 de Izabel Accioly criança (Mariazinha).....	133
Figura 18	Foto de Izabel Accioly ao ar livre com o livro “Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro”.....	139
Figura 19	Foto de Izabel Accioly sentada com o livro “Não basta não ser racista: sejamos antirracistas.....	146
Figura 20	Foto do rosto de Augusta Carneiro com duas tranças finas em seus cabelos e com filtro abstrato de aplicativo.....	154
Figura 21	Foto de perfil de Augusta Carneiro com o seu cabelo natural....	157
Figura 22	Notícia de casos de racismo em escola do Estado de São Paulo	158
Figura 23	Notícia de caso de racismo em escola, em Fortaleza.....	158
Figura 24	Foto do rosto de Augusta Carneiro usando óculos e boné (frase do boné: alma boêmia).....	162

Figura 25	Print de Reels de conteúdo antirracista da Yasmin Djaló.....	169
Figura 26	Print da capa do post que apresenta 7 mulheres pretas atuantes no mercado da moda, em Fortaleza.....	170
Figura 27	Print da capa do post que apresenta 9 modelos pretas, em Fortaleza.....	171
Figura 28	Print do reels “Constrangimento educativo”.....	173
Figura 29	Print do reels “13 de maio Abolição inconclusa”.....	175
Figura 30	Print do reels sobre o feriado da Data Magna no Ceará.....	176
Figura 31	Print do reels “Aquilombar indica”.....	177
Figura 32	Print da capa do post “Como denunciar fraudes nas cotas das Universidades Públicas?.....	178
Figura 33	Print da capa do post “Maria Felipa: heroína da Independência da Bahia.....	180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Síntese dos procedimentos de coletas de dados.	37
Quadro 2 -	Títulos dos livros publicados pelo selo Nyota (temática étnico-racial, gênero e religiosidade de Matriz africana).	58
Quadro 3 -	Títulos e autorias dos trabalhos apresentados no GT 12 do XXII ENANCIB (com recorte da temática racial)	61
Quadro 4 -	Lista de casos de racismo algorítmicos mapeados por Tarcízio Silva (2022)	79

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALAYE	Laboratório de Pesquisa em Informação Antirracista e Sujeitos Informacionais
ARPA	Advanced Research Projects Agency
CI	Ciência da Informação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
GT RERAD	Grupo de trabalho Relações étnico raciais e decolonialidade
IHC	Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará
N´BLAC	Núcleo Brasileiro Americano e Caribenho de Estudos em Relações raciais, gênero e movimentos sociais
TIC´s	Tecnologias da informação e comunicação
WWW	Word Wide Web

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	HISTÓRIA DE VIDA COMO PERCURSO METODOLÓGICO	29
2.1	Método de história de vida	30
2.1.1	<i>As protagonistas</i>	32
2.1.2	<i>Instagram como lócus da pesquisa</i>	34
2.2	Métodos de coleta e análise	36
2.2.1	<i>As entrevistas</i>	38
2.2.2	<i>As análises pelo viés da Escrivivência</i>	38
3	MULHERES NEGRAS: A ESCRITA SUBVERSIVA E DESOBEDIENTE	41
4	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: AÇÕES E PRODUÇÕES ANTIRRACISTA	52
4.1	Tecnologias, colonialismo digital e racismo algorítmico	64
5	E A INFLUENCIADORA NEGRA, CUMÉ QUE FICA?	81
6	MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E FABULAÇÃO CRÍTICA	98
6.1	História, escrita, arquivo e fabulação	102
7	BECOS DA MEMÓRIA: A NARRATIVA EM EXPANSÃO	109
7.1	Lançando lembranças	109
7.1.1	<i>O princípio de si – Yasmin Djalo</i>	109
7.1.2	<i>Movimento de vida – Yasmin Djalo</i>	115
7.1.3	<i>Tempo presente – Yasmin Djalo</i>	119
7.1.4	<i>O princípio de si – Maria Izabel Feitosa Accioly</i>	131
7.1.5	<i>Movimento de vida – Maria Izabel Feitosa Accioly</i>	135
7.1.6	<i>Tempo presente – Maria Izabel Feitosa Accioly</i>	144
7.1.7	<i>O princípio de si – Augusta Maria Carneiro Sousa</i>	153
7.1.8	<i>Movimento de vida – Augusta Maria Carneiro Sousa</i>	156
7.1.9	<i>Tempo presente – Augusta Maria Carneiro Sousa</i>	159
7.2	Posts de conteúdos antirracistas	168

7.2.1	<i>Conteúdo antirracista de Yasmin Djalo</i>	169
7.2.2	<i>Conteúdo antirracista de Maria Izabel Feitosa Accioly</i>	173
7.2.3	<i>Conteúdo antirracista de Augusta Maria Carneiro Sousa</i>	177
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
	REFERÊNCIAS	186
	APÊNDICE – A Roteiro para as entrevistas	195
	APÊNDICE – B - Termo de consentimento livre e esclarecido	196
	ANEXO A – Parecer substanciado Plataforma Brasil	199

1 INTRODUÇÃO

“[...] A vida não podia se gastar em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever” (Evaristo, Conceição, 2017, 160)².

A epígrafe introdutória pode ser entendida como uma estratégia de sobrevivência, compreendendo a escrita como uma ferramenta de transformação social e política. Em específico, a escrita de mulheres negras, que para Conceição Evaristo (2020) caracteriza-se por “escrevivência”, em que autora e personagem cumprem um papel importante de trazer à tona histórias passadas, afanadas no trajeto do sequestro escravocrata de vidas e memórias. *Becos da Memória* é uma das importantes obras de Conceição, e ela atribui a Maria-Nova a parceria de comungar várias vozes femininas e negras para a construção da escrevivência desse romance.

A autora afirma que, para pensar a escrevivência como um fenômeno diaspórico, é convidada a retornar à figura da mãe preta, imagem fundante do termo. A mãe preta foi a escravizada que, dentro da casa-grande, exercia forçadamente a função de cuidar das filhas e filhos dos colonizadores. Desde a amamentação ao preparo dos alimentos das crianças, o ensinamento das primeiras palavras e o acalento através da contação de histórias. “Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar ampliar a semântica do termo” (Evaristo, p. 30, 2020).

Inicialmente, a expressão se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, que se apropriam dessa ferramenta para extinguir a imagem do passado. Quando na condição de escravizadas, a oralidade e a corporeidade estavam sob o domínio dos escravocratas e suas proles. Hoje, a escrita pertence às mulheres negras, sem demarcações, por tratar-se de uma escrita carregada de experiências e vivências na condição de pessoas brasileiras de origem africana. Como afirma Conceição, “a nossa escrita não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonhos injustos”.

² Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mestre em Literatura Brasileira/PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada/UFF.

Alice Walker (2021), em seu escrito “Em busca do jardim de nossas mães”, levanta questionamentos lamuriosos que, mesmo voltados para mulheres negras estadunidenses, não nos impedem de trazê-los para o contexto brasileiro, levando em consideração que as violências experimentadas pelas mulheres negras são históricas, atuais e se localizam, independentemente de seus territórios.

Nesse texto, Alice Walker (2021) dialoga sobre os talentos de mulheres ancestrais, que, impedidas de viver livremente, foram reprimidas e podadas em sua originalidade para exercer um papel de serviçal. A partir de tais questionamentos, a autora levanta reflexões sobre os talentos de mulheres negras que, próximas a nós (bisavós, avós e mães), não puderam e/ou não tiveram a oportunidade de fecundar seus dons e suas artes.

Você teve uma tataravó genial que morreu sob a chibata de um capataz branco, ignorante e depravado? Ou era obrigada a assar biscoitos para algum malandro preguiçoso no fim do mundo, enquanto desejava de todo o coração pintar aquarelas do pôr do sol ou da chuva caindo sobre os pastos verdes e tranquilos? Ou que teve seu corpo violado e forçado a dar à luz a filhos (que com frequência eram vendidos e enviados para longe) – oito, dez, quinze, vinte filhos -. Enquanto sua única alegria era a ideia de esculpir personagens heroicos revolucionários, em pedra ou argila? (Walker, 2021 p. 2011).

Levando em consideração o contexto escravocrata, é trágico pensar o que significava ser uma mulher negra artista naquela época. Alice Walker (2021) narra que descobriu, mesmo que tarde, o talento de sua mãe, que, aos vinte anos de idade, já tinha dois filhos e, no total, tivera seis. Trabalhadora do campo, costureira, cozinheira e mãe. “E vocês me perguntarão: mas quando foi que minha mãe, sobrecarregada, teve tempo de conhecer e se dedicar a alimentar seu espírito criativo?” (Walker, 2021, p. 216). Olhar para o lado e perceber o talento das mulheres que andam conosco ainda é um exercício tardio. Isso, talvez, seja consequência do racismo, de enxergar a arte apenas em obras e fazeres “sofisticados”.

Percebo que minha mãe fica radiante somente quando cuida de suas flores, quase a ponto de se tornar invisível – a não ser como criadora: mãos e olhos. Ela se envolve com o trabalho que sua alma precisa fazer. Organizando o universo à imagem de sua concepção pessoal de beleza (Walker 2021 p. 216).

Desse relato de Alice Walker, fica nítido que há uma herança ancestral que chega até nós, nos afazeres diários, a arte que, por séculos, não pôde ser escrita devido à proibição de escolaridade básica, se apresentou e se apresenta no verbo falado, na dança, na comida, na costura e nos jardins. A arte desenvolvida por mulheres negras pode carregar apenas uma única assinatura, mas é evidente que traz todo um legado.

As histórias contadas, os contos e as canções afro-brasileiras foram as principais representações da memória individual e coletiva desse povo. A oralidade é uma tradição dos povos africanos onde eles transmitem seus conhecimentos de geração em geração.

Contudo, bell hooks (2019), em seu texto “Erguer a voz”, narra como tivera uma infância movida por penalidades por exercer a fala. Ela ressalta que, especialmente, a criança menina era desencorajada e silenciada; se fosse um menino, talvez fosse incentivado a atuar nos cultos da igreja. Isso se justifica, dado que, no contexto dos Estados Unidos, onde a religião evangélica exercia forte influência nas comunidades negras, os homens negros dominavam as pregações no púlpito. No mesmo contexto, não havia nenhuma recompensa ou legitimidade para as meninas falantes; pelo contrário.

Isso implica em um projeto de silenciamento histórico que tem registro ainda no período escravocrata e que se perpetuou nas variadas épocas, contextos e territórios.

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (Hooks, 2019, p. 38).

Esta tese tem como tema mulheres negras cearenses e aborda suas experiências enquanto influenciadoras digitais que produzem conhecimento e informações antirracistas. Realizar este trabalho é corroborar com o empreendimento desenvolvido por essas mulheres, evidenciar suas contribuições na formação individual e coletiva de uma geração imersa no ciberespaço³.

Abordar temas específicos da mulher negra, na escrita, na oralidade, nas performances artísticas e nas diversas maneiras de comunicação, é trabalhar as

³ Refere-se a um espaço virtual composto por cada computador e usuário conectados em uma rede mundial.

marcas do racismo historicamente impostas. No âmbito das mídias sociais, não é diferente, as influenciadoras digitais negras lidam com o racismo, o machismo e as inúmeras barreiras educacionais, econômicas e de representatividade que se tornam mais extensivas no âmbito das redes.

Entende-se que sites de redes sociais são mecanismos que permitem aos indivíduos, grupos e coletivos atuarem como protagonistas, agentes de transformação. Esses fenômenos estão acontecendo, como é possível destacar aqui: em sites, blogs, páginas de Facebook, Instagram, canais do YouTube e podcasts. Sobre esses canais de difusão de informação e conhecimento, Malta e Oliveira (2017, p.68) destacam pontos em comum: “[...] o desejo de compartilhar suas experiências através de narrativas sobre sua história e sobre como enfrentam o racismo e o machismo em suas vidas”.

As/os influenciadoras/es digitais atuam diretamente com o público, provocam questionamentos, fazem sugestões, conseguem conversar com as/os seguidoras/es e almejam engajamento, diferentemente do marketing tradicional, em que as/os clientes são passivas/os no aspecto da interação com quem apresenta o produto ou conteúdo. Produzir conhecimento demanda tempo disponível para estudo, elaboração de roteiro, um ambiente propício, artefatos tecnológicos que possuem um custo oneroso, e a internet não é gratuita, ou seja, exige um investimento que não chega às influenciadoras negras de maneira fácil.

Para além do trabalho de marketing, publicidade de produtos e marcas, as/os influenciadoras/es digitais compartilham conhecimentos, pesquisas acadêmicas, vivências, rotinas e traumas por meio de sua imagem, corporeidade e fala. É importante ressaltar que a mulher negra tem que romper a barreira da baixa autoestima, da estética e de suas subjetividades, que estão intimamente ligadas à violência racial e à misoginia.

Nos apoiamos em Grada Kilomba (2019), que, em sua pesquisa de doutoramento, publicada como livro intitulado "Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano", selecionou, nas entrevistas realizadas por ela com mulheres negras, “episódios baseados nos tópicos centrais das experiências com o racismo, como contados pelas entrevistadas por meio de suas biografias” (Kilomba, 2019, p. 88).

Essa investigação compreende a história de vida de mulheres negras influenciadoras digitais a partir de suas produções, entendidas como uma prática de

resistência. Percebo que, se é possível analisar demonstrações de racismo através de episódios, “também é possível analisar ações de resistência” (Brito, 2020, p. 22).

As influenciadoras digitais nessa pesquisa são mulheres negras cearenses que produzem conhecimentos e informações antirracistas e antissexistas. A justificativa para a escolha da naturalidade das colaboradoras, que são mulheres nordestinas, mas especificamente cearenses, dá-se por algumas motivações: inicialmente, pela exclusão historiográfica da população negra cearense, fortalecida pelo mito da inexistência ou pequena incidência de negros e negras no Estado; pela minha naturalidade, pois sou cearense, nascida e criada em Juazeiro do Norte; e, por fim, pela minha inserção no movimento de mulheres no Cariri e minha experiência de vida enquanto pessoa negra, criança, menina, jovem e adulta que sentiu e sente a violência racial, a exclusão e a desconsideração pela minha humanidade, que se encontra com as experiências de vida das protagonistas desse trabalho.

Sobre o mito da inexistência da população negra no território cearense, tomamos como exemplo o fato histórico de que o Ceará foi a primeira província brasileira a abolir a escravidão, sendo assim reconhecida como “Terra da luz”⁴. Ferreira Sobrinho (2016) explica que, atrelado a esse reconhecimento, está a ideia de que, junto ao sistema escravista, extinguiu-se também a população negra escravizada. Outro fator a ser considerado na historiografia cearense é a afirmação de uma escravidão branda.

Yasmin Nascimento (2018) trata sobre o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (IHC), na perspectiva do discurso de racialização da instituição. O IHC, como um espaço de produção historiográfica oficial e legalizada, foi o responsável por narrar acontecimentos históricos que colocaram o Ceará em evidência. No entanto, a romantização utilizada pelos escritores do IHC, que, obedecendo à linha eurocêntrica de lógica civilizatória, redigida de cima para baixo aos olhos do colonizador, relegou as/os ex-cativas/os a estigmas de uma raça inferior.

⁴ A greve dos Jangadeiros, liderada por José Luís Napoleão, na capital da província, em 1884, culminou na abolição da escravatura, quatro anos antes do restante do país, dando o título de “Terra da luz”. Referência para maiores informações: FUNES, Eurípedes; FERREIRA SOBRINHO, Hilário. Vivências de negros em espaços de ‘morenos y galegos’. *Gazeta de Antropologia*, 2016.

Além de documentada essa memória e escrita assumiu um caráter legal, ou seja, esses ditos intelectuais sentiam-se autorizados a escrever essa história, todavia, esses homens, de lugar social privilegiado, demarcaram um lugar de poder através da escrita, a mesma escrita que inventou um “outro” e legitimou os lembrados e esquecidos nas páginas da historiografia cearense (Nascimento, 2018, p. 14).

Essa escrita colonizadora, que expressa um passado escravista, aprisiona e coloca como heróis homens brancos abolicionistas, fomentou a negação sobre a identidade racial no Ceará, que se assegura na mestiçagem e no branqueamento, ainda frequentes nos discursos atuais. Logo, é importante dar a devida importância às influenciadoras negras cearenses que vêm produzindo conhecimentos antirracistas e antissexistas, trazendo questionamentos e apresentando outra história através das redes sociais.

A história de vida de mulheres negras influenciadoras digitais, relacionada aos espaços de memória e produção de conteúdo antirracista, pode contribuir para a re(construção) identitária de mulheres negras. Entrevistá-las como o centro de interesse permitiu examinar como suas identidades foram construídas. “As fontes mais genuínas de conhecimento sobre as mulheres negras são elas mesmas, sendo necessário que estudos que as tomem por temática considerem seus pontos de vista de mulheres e negras” (Silva, 1998, p. 7).

Destarte, acredita-se que o compartilhamento de tais narrativas possibilita espaços da memória e da história de mulheres negras, além de oportunizar uma rede que atue de forma representativa e de estímulo para que outras mulheres possam se enxergar enquanto sujeitas protagonistas de suas próprias histórias.

A partir dessas premissas, o presente estudo está alicerçado na seguinte indagação:

Como as narrativas de mulheres negras cearenses influenciadoras digitais podem contribuir para a memória coletiva e a luta antirracista?

Com a intenção de responder à interrogação ora apresentada na problemática da pesquisa em tela, pretende-se atingir os seguintes objetivos:

Geral - Analisar as narrativas de mulheres negras cearenses influenciadoras digitais e sua contribuição para a memória coletiva e a luta antirracista

Específicos:

- a) Identificar influenciadoras digitais negras cearenses que produzem conteúdos antirracistas;
- b) Caracterizar as influenciadoras digitais negras cearenses;
- c) Conhecer a produção de conteúdo antirracista de influenciadoras digitais negras cearenses;
- d) Apresentar as narrativas das influenciadoras digitais negras cearenses, a partir do método da História de vida.

Tencionando responder ao questionamento da pesquisa e alcançar os objetivos, relacionando-os à área da Ciência da Informação (CI), são revelados os aspectos teóricos, sociais e acadêmicos que justificam a relevância do trabalho. A Ciência da Informação está intimamente ligada ao aumento informacional, promovido pelo surgimento das tecnologias da informação e, juntamente com a internet, ao que foi denominado de problema informacional, que era e talvez ainda seja a função de tornar acessível um considerável conjunto de conhecimento. O que se desvela é que a CI possui responsabilidades sociais. Dessa forma, acredita-se nas diversas possibilidades de contribuição da CI, de oferecer aporte teórico e crítico sobre informação e memória relacionadas às questões de raça e gênero, por entender que a informação representa um recurso fundamental para alcançar políticas públicas, o reconhecimento de demandas e a apropriação de fundamentos históricos.

É importante ressaltar que este trabalho dialoga diretamente com questões pessoais, profissionais e acadêmicas da autora. A estima inicial em trabalhar sobre a temática racial, com o recorte de gênero, se deu com a inserção no Núcleo Brasileiro Latino-Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N'BLAC), coordenado pela professora Dra. Joselina da Silva, na Universidade Federal do Ceará, campus Cariri.

Foi no âmbito acadêmico que tive os primeiros contatos com a temática racial e me reconheci como negra mulher. Naquele momento, como bolsista de iniciação científica, trabalhei e desenvolvi pesquisas em centros de multimeios e na implementação do ensino de história africana e cultura afro-brasileira da Lei 10.639/03 (Brasil, 2003).

Em 2013, foi desenvolvido o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: “A biblioteca universitária como auxiliar na implementação da Lei 10.639/03 nos cursos de História e Pedagogia”. Seu objetivo geral foi discutir a relevância da biblioteca universitária da Universidade Regional do Cariri (URCA) como auxiliar para o cumprimento da Lei 10.639/03 pelos formandos dos cursos de licenciatura.

Ainda em 2013, adentrei no movimento social, mas especificamente no movimento de mulheres negras. Integrante e uma das fundadoras do primeiro grupo de mulheres negras do Cariri cearense, o coletivo chamado Pretas Simoa⁵, atuou fortemente nos anos de 2014 a 2016 nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. As ações do grupo abarcavam performances artísticas, formações teóricas com textos de intelectuais negras, mobilizações urbanas; atuamos no âmbito das universidades e nas periferias. A partir dessa inserção no âmbito do movimento de mulheres negras, muitas foram as transformações pessoais e políticas.

Em 2014, trabalhei na Fundação Cultural Palmares, que tinha como presidente Hilton Cobra. Atuando no Centro Nacional de Informação da Cultura Negra – CNIRC como chefe da divisão de estudos e pesquisas, fui responsável por coordenar e desenvolver in loco os projetos de pesquisa do setor. Em 2015, colaborei na realização da primeira Marcha Nacional de Mulheres Negras contra o racismo, a violência e pelo bem viver⁶, que aconteceu em Brasília.

A procura pelo aprimoramento na estética me fez buscar, nos canais de YouTube de mulheres negras, tutoriais de amarrações de turbantes. Nessa busca, deparei-me com informações sobre a história dos turbantes e das amarrações, com relatos de mulheres que passaram pelo processo de transição capilar, a dificuldade de encontrar produtos para cabelos crespos e cacheados, a ausência de maquiagens para pele negra e a diversidade de tonalidades de cor de pele preta. Algumas dessas informações eram embasadas teoricamente por intelectuais negras como bell hooks, Nilma Lino Gomes e Angela Davis. Dessa forma, construo meu projeto de dissertação de mestrado sobre as informações produzidas por mulheres negras em canais da plataforma *YouTube*.

Em 2019, concluí o mestrado profissional em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri, com a dissertação intitulada “A construção da estética

⁵ <https://pretassimoa.wordpress.com/2014/03/25/as-filhas-deste-solo/>

⁶ <https://www.geledes.org.br/manifesto-da-marcha-das-mulheres-negras-2015-contra-o-racismo-e-violencia-e-pelo-bem-viver/>

feminina negra a partir de informações étnico-raciais disseminadas no *YouTube*". O objetivo geral deste trabalho foi analisar os processos de produção e uso da informação étnico-racial na construção da identidade negra, tendo como foco os canais de *Youtubers* negras. O estudo concluiu que a utilização das mídias sociais, e especificamente do *YouTube*, tem contribuído para o fortalecimento da identidade de mulheres negras, a partir da informação étnico-racial produzida e disseminada pela plataforma. Portanto, o *YouTube*, neste trabalho, foi considerado uma fonte de informação que pode e deve ser inserida no trabalho de mediação da pessoa bibliotecária. Além do mais, foi elaborada uma cartilha educativa com um breve apontamento histórico sobre a trajetória da beleza negra no Brasil, apresentando também links de acesso a canais do *YouTube* de mulheres negras.

A partir dessa trajetória acadêmica, política, social e pessoal, nasce a necessidade de produção deste trabalho que, relacionando-se com a minha subjetividade, despertou o interesse de investigar a história de vida de mulheres negras influenciadoras digitais cearenses.

É inevitável dizer que exercer a função de pesquisadora e escrever uma tese, num contexto pandêmico mundial e político brasileiro onde vidas foram perdidas e a ciência sucateada e desvalorizada, é um ato de resistência. Escrevo com reverência às mulheres negras, escritoras e não escritoras, que me antecederam; escrevo para as minhas mais novas e para as que ainda virão. Penso que minha escrita será/poderá ser uma fonte, um caminho que potencialmente levará às lembranças ancestrais. bell hooks (2021, p.238) diz que: "a rememoração atenta nos permite reunir outra vez os pedaços e os cacos de nosso coração. É assim que a cura começa". Almejo que este trabalho seja um caminho de cura e de desobediência epistêmica da Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

Para melhor apresentação, o texto está estruturado da seguinte maneira: na "**Introdução**", delineamos o objeto da pesquisa, configuramos os objetivos (geral e específicos), discorremos brevemente sobre o lugar de resistência das mulheres negras historicamente, apontamos a problemática e, por fim, apresentamos a estrutura do texto.

Prontamente, na seção dois, "**História de Vida como Percurso Metodológico**", compreendemos o tipo de pesquisa, o referencial teórico; apresentamos as etapas da pesquisa científica, o percurso metodológico, acompanhado de subseções que detalham sobre o método de história de vida, sobre

as protagonistas da pesquisa (as produtoras de conteúdo que colaboraram através das entrevistas), as entrevistas, o método de coleta de dados e as análises.

A seção três, **“Mulheres negras: a escrita subversiva e desobediente”**, apresenta cinco nomes de intelectuais negras que romperam com as normas hegemônicas de escrita, de pensamento e de conhecimento.

Na seção quatro, **“Ciência da Informação: ações e produções antirracista”**, é a parte preliminar do referencial teórico da tese. Aqui, é apresentada, a partir de revisão de literatura, aspectos da compreensão do social na CI, onde são revelados pesquisadores e pesquisadoras que têm contribuído para a inserção das temáticas sobre gênero, raça e sexualidade na CI e, ainda, como subseção, é demonstrado como as pautas das tecnologias e como as violências históricas advindas do período colonial se moldaram à atualidade, com abordagem sobre a internet e sua relação com a economia, tratando sobre aspectos da uberização, invisibilidade e exploração do trabalho e como o racismo se incorporou na conduta das plataformas de mídias sociais.

A seção cinco, **“E a influenciadora negra, cumé que fica?”**, considera o lugar da influenciadora negra a partir das reflexões de Lélia Gonzalez sobre a situação da mulher negra na sociedade brasileira, como o discurso do mito da democracia racial determinou os espaços dessas mulheres, como a figura da mucama reverbera em suas vidas até a atualidade e como a atuação dessas mulheres ainda configura-se pioneira e transgressora ao ponto de se apropriar das redes sociais com o objetivo de transmitir valores, conhecimentos e angariar lucros, assim como a mãe preta fez quando introjetou os ensinamentos africanos aos filhos dos senhores, instituindo o pretuguês e tornando o Brasil uma América Ladina.

Na seção seis, **“Memória, esquecimento e fabulação crítica”**, traz revisão de literatura e reflexões sobre os conceitos de memória e identidade, com a intenção de provocar a reflexão sobre os espaços de memória e construção da identidade da mulher negra, tendo como pressuposto um passado traumático, uma historiografia oficial pautada na escravização e uma identidade fundamentada no mito da democracia racial. Compreende os conceitos de história, memória e arquivo pela perspectiva de Ricoeur (2021), traçando um diálogo com a Fabulação crítica de Hartman (2021).

A seção sete, **“Becos da memória”**, apresenta a história de vida das protagonistas (Figura 23) desta investigação em formato de crônicas, entendendo-as

como Escrivências, que, mesmo sendo histórias de vidas individuais, remetem a experiências coletivizadas.

Na seção oito, “**Considerações finais**”, são elencadas as conclusões encontradas e pensamentos para pesquisas futuras no campo da Ciência da Informação e sua aproximação com os estudos de raça e gênero. Em seguida, às considerações finais, estão as referências das publicações bibliográficas utilizadas na pesquisa, os apêndices com os materiais desenvolvidos para sistematização da pesquisa e coleta de dados.

2 HISTÓRIA DE VIDA COMO PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, são apresentados os procedimentos metodológicos e os percursos para efetivação da pesquisa. Minayo (2005) entende metodologia para além de técnicas; afirma que a metodologia inclui as concepções teóricas da abordagem, desenvolvendo-se com a base teórica, com a realidade empírica e a ideia sobre a realidade.

Esta tese tem uma abordagem qualitativa. O interesse aqui é com a história de vida de influenciadoras negras cearenses, considerando suas produções, conteúdo e conhecimento, entendendo-as como uma contra narrativa ao que foi colocado na historiografia oficial sobre a população negra. Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007, p. 27).

caracterizam-se por um compromisso com a história como processo de rememorar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito. Neste contexto, a memória é algo presente na existência do homem, o que implica numa valiosa importância de seu resgate cuidadoso e ético.

O referencial teórico pensado para este estudo apresenta, como arcabouço, a escrita desobediente das mulheres negras; a ciência da informação, na perspectiva social, notadamente sobre a inserção da temática étnico-racial, demonstrada em diferentes ações individuais e coletivas; tecnologias da informação e comunicação, colonialismo digital, racismo online, influenciadoras digitais negras; questões sobre memória e identidade.

Mundialmente, os últimos anos têm sido marcados por adversidades nas esferas da saúde, economia, política e educação. As mulheres negras, por ocuparem um lugar subalterno na sociedade, conseqüentemente, são as que mais sofrem com os impactos; no entanto, é um grupo que historicamente vem lutando contra o encarceramento de suas vidas. Com isso, corroboramos com a seguinte assertiva de Portelli (2000, p. 68), que diz:

[...] o desafio da memória às ideologias dominantes é também uma parte do desafio de movimentos políticos de indivíduos aos poderes dominantes na economia e na política. E penso que isto se relaciona também com a questão metodológica, porque acredito que a metodologia é uma extensão da política.

As histórias de vida e a memória de indivíduos são fontes de informação, mas também são práticas de resistência e de luta. Sendo assim, essa tese se debruça nas

histórias de vida de mulheres negras que atuam profissionalmente e politicamente nas mídias sociais. Considerando que a Ciência da Informação, como uma área do conhecimento centrada nas Ciências Sociais Aplicadas, tem sido instigada a desenvolver pesquisas sobre temas atuais, a ratificar sua identidade entre o sujeito e o elemento analisado (Minayo, 1998), a acolher o estímulo e a elaborar pesquisas que atentem à produção científica para grupos específicos, considerando a multiculturalidade e a relação com a informação.

Este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética. É importante informar que pesquisas envolvendo seres humanos, de forma direta ou indireta, que incluam o manuseio de dados, informações ou materiais biológicos (este último comum em pesquisas na área da saúde) devem ser submetidas para apreciação do Sistema de Comitês de Ética em Pesquisas (CEPs), que faz o trabalho de analisar e decidir pela aprovação ou não. Esse processo é fundamental para garantir a proteção dos participantes.

Contudo, utilizamos as informações cedidas pelas protagonistas através de entrevistas semiestruturadas, salientando que o método utilizado foi o de história de vida. A subseção subsequente aborda brevemente o histórico e algumas características do método de história de vida.

2.1 Método história de vida

A primeira obra a utilizar o método de história de vida foi “The Polish Peasant in Europe and America” (1918), dos sociólogos W. I. Thomas e F. Znaniecki. O tema abordado se concentrava no processo de reorganização dos poloneses na cultura americana, ou seja, como um grupo se insere em um novo contexto social. Um clássico que também utiliza-se de histórias de vida é o livro “Os filhos de Sanchez” (1956), de Oscar Lewis. O objetivo era estudar a “cultura da pobreza”.

durante o processo de transformação social e econômica da América Latina, em meados do século XX. Lewis selecionou uma família pobre representativa – segundo questionário socioeconômico previamente aplicado – na Cidade do México. A família Sanchez foi objeto de visitas, ao longo de anos, nas quais Lewis coletou narrativas de cada um de seus membros, e com elas compõem um mosaico, que lhe permitiu descrever de vários ângulos – geracional e de gênero, sobretudo – a experiência da pobreza (Alonso, 2016, p.13).

O método de história de vida possibilita um olhar detalhado da realidade social para além da narrativa da/o protagonista, visto que a exposição do ângulo subjetivo de quem narra tem relação perene e paralela com os fatos sociais. É possível afirmar que a ação de contar sua história de vida oportuniza àquela ou àquele que fala a oportunidade de (re)experimentá-la. Utilizar um método que possibilita a escuta e a narração livre da história de vida de atores sociais é recorrer a uma abordagem democrática, principalmente quando se trata de um grupo majoritário e historicamente silenciado, como o das mulheres negras cearenses, que são as protagonistas nessa tese.

Dessa forma, é necessário que haja uma escuta sensível e dedicada entre as pessoas envolvidas – pesquisadora/o e protagonista. Portanto, o método de história de vida dispõe de características em sua abordagem, a saber: preocupação com o vínculo entre pesquisadora e pesquisadas; produção de sentido tanto para a/o pesquisadora/o quanto para a/o pesquisada/o; história contada na maneira própria da/o protagonista; conexão entre o individual e o social. “O ponto fundamental que diferencia o método de história de vida de outras abordagens clássicas é o respeito que o pesquisador tem pela opinião do sujeito. O pesquisador acredita no sujeito” (Santos e Glat, 1999, p.44).

Métodos tradicionais afirmam que, para que haja cientificidade em pesquisas, notadamente de caráter biográfico, é necessário que haja distanciamento entre pesquisadora/or e entrevistadas/os. Neste trabalho, corroboramos com Grada Kilomba (2019), que defende o posicionamento de não concordar com o ponto de vista tradicional. “Ser uma pessoa ‘de dentro’ produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos (Kilomba, 2019, p.83).

As protagonistas nesta tese são mulheres negras, cearenses, que atuam como influenciadoras digitais e que pautam as questões das relações étnico-raciais em seus conteúdos. Alego que não foi uma busca fácil encontrar influenciadoras negras cearenses que atuem com as questões raciais, principalmente se formos contrastar com outras regiões do Nordeste como Recife e Bahia. Pensar sobre a mulher negra no contexto proposto por esta investigação significa reafirmar a resistência e persistência dessas mulheres em enfrentar as violências que são submetidas. Utilizar-se de sua imagem, de sua criatividade, capital cultural e intelectual e colocar nas mídias sociais, obtendo uma abrangência significativa de seguidoras/es, visualizações, é romper diariamente com estereótipos racistas e misóginos. As

mulheres colaboradoras dessa tese residem na Capital do Estado do Ceará, Fortaleza.

2.1.1 As protagonistas

Três mulheres negras foram entrevistadas. Todas cearenses, residentes em Fortaleza, capital do Estado do Ceará. Para encontrar as entrevistadas, publiquei um destaque em meu perfil na plataforma *Instagram*, denominado “COLABORAR COM PESQUISA”, onde eu pedia para que as pessoas compartilhassem comigo o @ de influenciadoras negras cearenses; não obtive nenhuma resposta. Contatei individualmente pessoas próximas que são pesquisadoras das relações étnico-raciais, e só assim obtive algumas respostas.

Quatro critérios foram utilizados, a saber: 1) ser mulher negra; 2) nascidas no Estado do Ceará; 3) atuar ativamente nas plataformas online; 4) trabalhar com conteúdo sobre as questões étnico-raciais online.

Dessa forma, conheci Yasmim Djalo, Maria Izabel Accioly e Augusta Carneiro. O contato foi realizado pelo Instagram e oficializado pelo e-mail, com um envio do convite para colaboração em pesquisa e anexado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aqui, identificamos as entrevistadas como protagonistas, por compreender que a realização dessa pesquisa só foi possível pela atuação dessas mulheres que produzem conteúdos e subvertem a lógica colonial que objetifica população negra durante séculos. Abaixo, apresento imagens de seus perfis no *Instagram*.

Figura 1: Print do perfil da protagonista Yasmin Djalo



Fonte: Instagram @yasmindjalo (2024)

Figura 2: Print do perfil da protagonista Izabel Accioly



Fonte: @afroantropologa (2024)

Figura 3: Print do perfil da protagonista Augusta Carneiro



Fonte: @aquilombar (2024)

Após proceder a todas as entrevistas, foi considerado trabalhar com todas as participantes, por trazerem informações fortes e distintas, de acordo com suas vivências.

2.1.2 Instagram como *locus da pesquisa*

Os impactos causados na comunicação mediada pelo computador juntamente com a internet são inúmeros, e trouxe modificações nas interações sociais. O surgimento de redes sociais online são os principais exemplos desse impacto. No início dos anos 2000 acompanhamos, no Brasil a popularização do *Orkut*⁷, esse site inaugurou uma nova forma de relacionamento a partir de um perfil individualizado, em que as pessoas são identificadas pelos seus perfis. Há, no ambiente social da internet, diversos conceitos de sua definição. Aqui, consideramos a partir da perspectiva de Recuero (2009) o conceito de rede social como um local online para compartilhar informações, produzir conteúdo, propagar informações de forma descentralizada.

O *Orkut* foi desativado em 2014, no entanto, outras ferramentas foram surgindo como o *Facebook*, *Instagram*, *YouTube*, *Snapchat*, *TikTok* e outros. Nessa

⁷ Criado por Orkut Buyukkokten, ex-aluno da Universidade de Stanford e lançado pelo Google em janeiro de 2004, extinto em 2014.

investigação, o *Instagram* é o lugar da pesquisa. Lançado em 06/10/2010, foi desenvolvido por Kevin Systrom e Mike Krieger. É uma rede social online de compartilhamento de fotos, vídeos e *stories* (postagens temporárias), com foco na imagem, é possível utilizar filtros. As (os) usuárias (os) podem ver os conteúdos postados pelas pessoas que seguem, podem interagir através de comentários, *likes* (curtidas), conversas por mensagens e ligações de vídeo. De acordo com Marques (2020, p. 239) as principais funcionalidades e características do Instagram são:

- criar conta pessoal (pode ser privada ou pública) ou profissional;
- Permitir funções adicionais com a conta profissional: estatísticas, botão para chamada, telefone, link e mapa. Dá ainda a possibilidade de fazer anúncios na App;
- Poder criar biografia (consiste numa curta descrição);
- Ter possibilidade de publicar fotografias, vídeos de até 60 segundos - reels;
- Poder criar Stories: imagem, vídeo, texto e direto
- Poder adicionar hashtags;
- Permitir criar álbuns com até dez fotografias ou vídeos;
- Ter a possibilidade de guardar posts e criar coleções;
- Poder arquivar publicações;
- Poder enviar e receber mensagens diretas (Direct);
- Permitir gerir até cinco contas independentes na mesma App;
- Permitir pesquisar conteúdos;
- Ser possível fazer publicidade pela App ou pelo gestor de anúncios do *Facebook*.

Atualmente, segundo o Instituto Qualibest⁸, 67,2% das/os influenciadoras/es digitais brasileiras/os estão principalmente no *Instagram* e *Facebook*; o primeiro, ainda de acordo com o Qualibest, é onde essas pessoas conseguem mais trabalho. É importante dizer que o *YouTube* ainda é bastante utilizado no mundo, e no Brasil é a plataforma mais acessada para entretenimento. No entanto, houve uma expansão com o surgimento de novas plataformas, e pessoas que utilizavam o *YouTube* e outras

⁸ Primeiro instituto de pesquisas online do Brasil, o QualiBest realiza, por meio do painel de pesquisa e outras diversas fontes de dados, estudos Ad Hoc, Quantitativos e Qualitativos. https://www.institutoqualibest.com/sobre-nos/?_gl=1*1siuhwn*_gcl_au*MTQ4NTAxNDkzOS4xNzI2NTEExMDkx

ferramentas para produzir conteúdo agregaram o Instagram para a divulgação de seus trabalhos, em alguns casos, tornando-se a principal rede social de trabalho dessas/es profissionais.

Logo, o *Instagram*, como uma rede social com notoriedade, acessada por públicos diversos e sendo a ferramenta mais acessada na atualidade no Brasil, foi escolhida para trabalharmos com mulheres negras cearenses que produzem conteúdo antirracista

2.2 Métodos de coleta e análise

O método de história de vida consiste em priorizar a informação da colaboradora/protagonista. O mecanismo essencial da construção dos dados na história de vida é a entrevista. “A entrevista, por seu turno, é o ponto central do estudo, a qual deve ser caracterizada por um ambiente afável, de modo que a pessoa possa narrar sua história sem constrangimentos” (Silva; Barros, 2010, p. 71).

Depois de realizadas as entrevistas, parti para a organização e tratamento dos dados. Esse processo compreende três procedimentos, como é sugerido por Meihy (2005), que são:

- a) **Transcrição** – é uma etapa longa e exaustiva de conversão da entrevista oral para a escrita. É um procedimento que exige rigor;
- b) **Textualização** – é a parte do processo em que as perguntas da pesquisadora são eliminadas ou adaptadas as falas das protagonistas;
- c) **Transcrição** – etapa que procura recriar o contexto da entrevista no documento escrito.

A transcrição, nesse trabalho, foi apresentar as narrativas em crônicas, por entender que a estrutura de um texto em prosa seria mais adequada, pelo formato e pelo conteúdo, tendo em vista sua objetividade, pelo conteúdo abordado, além de considerar o método de escrevivência. Acontecimentos e lugares da infância, da juventude e de dias não tão distantes são expostos. Após esses três procedimentos, o documento final passa pela validação das colaboradoras.

Para esta tese, as entrevistas aconteceram de maneira virtual, pela plataforma do *Google Meet*. A escolha das colaboradoras foi direcionada por critérios qualitativos, a partir da função e experiência enquanto pesquisadora, como é sugerido por Alberti (1989). Direcionei-me para os perfis das influenciadoras digitais negras, nascidas no

Estado do Ceará, conhecidas em sua região local, produtoras de conteúdo de cunho racial.

Foi escolhido o Ceará por ser o Estado de nascimento da autora da tese, por ser uma região localizada no Nordeste brasileiro e pela sua historiografia, que tem propagado por séculos a ideia da inexistência da população negra no Estado, baseada no fato de ter sido a primeira capitania a abolir a escravidão, dando-lhe a alcunha de “Terra da Luz”.

Logo, é demonstrado em quadro síntese os instrumentos e procedimentos que foram utilizados na coleta de dados acerca dos objetivos específicos.

Quadro 1 Síntese dos procedimentos de coleta de dados

Objetivos específicos	Instrumentos/procedimentos
Identificar as influenciadoras digitais negras cearenses que produzem conteúdos antirracistas	Pesquisa de campo
Caracterizar as influenciadoras negras cearenses	Pesquisa de campo
Conhecer a produção de conteúdo antirracista de influenciadoras digitais negras cearenses	Entrevista semiestruturada
Apresentar as narrativas das influenciadoras digitais negras cearenses, a partir do método da História de vida; Crônicas narrativas	Análise das narrativas/escrevivência

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O quadro apresentado sintetiza os métodos e instrumentos utilizados para a realização do estudo. Delineia uma pesquisa qualitativa sólida e relevante, que tem o potencial de contribuir significativamente para o campo dos estudos sobre raça, gênero e mídias sociais.

2.2.1 As entrevistas

Como dito, utilizamos uma abordagem qualitativa, apoiada na história de vida que está atrelada a relatos de vida, vivências acumuladas no dia a dia, que interferem diretamente na subjetividade de quem narra. Esse método trabalha diretamente com o processo de rememorar e fazer da memória algo presente, considerando que a experiência com o racismo é inerente e subjetiva. Nesse sentido, foi utilizado um esquema de entrevista semiestruturada que, para Minayo (2018), essa modalidade de intervenção permite ao entrevistador um melhor direcionamento sobre o que se pretende saber, ao mesmo tempo, oferece espaço de reflexão livre e espontânea ao/à entrevistada/o sobre os pontos assinalados.

O cronograma das entrevistas foi baseado nos grupos de informações de interesse de estudo apresentados a seguir:

- a) Percepções de racismo na infância;
- b) Experiências pessoais de racismo na vida cotidiana
- c) Percepções de ativismo negro e questões relacionadas a produção de conteúdo na internet;
- d) Percepções de si em relação a outras influenciadoras não negras.

As entrevistas duraram 57 minutos, 53 minutos e 49 minutos e 50 segundos, todas realizadas pelo Google Meet, individualmente, nos dias 19 de julho, 20 de setembro e 18 de outubro de 2023. A realização das entrevistas pelo Google Meet se deu pela indisponibilidade de deslocamento da pesquisadora para a capital do Estado e pela agenda das colaboradoras. Para a realização das entrevistas, foi solicitada a autorização para a gravação; as entrevistadas encontravam-se em suas residências e não houve interrupções.

2.2.2 As análises pelo viés da *Escrevivência*

Na introdução da pesquisa, trouxemos o termo de *Escrevivência*, criado por Conceição Evaristo (1996). Como dito, a autora recorre à figura da mãe preta que esteve, desde a amamentação, às primeiras palavras e à primeira infância, utilizando-se de contações de histórias na educação das crianças brancas, e é a partir dessa figura que Conceição toma estímulo para ampliar o termo e tornar suas memórias e histórias, através da literatura, em *Escrevivência*. Logo, escolhemos analisar as

entrevistas pela perspectiva da Escrivivência, em que trazemos as histórias narradas pelas protagonistas desta tese através de crônicas. É importante ressaltar que a Escrivivência é contar e recontar lembranças, que, de acordo com Evaristo (2022, p. 9)

Nem precisam ser só as lembranças da própria vida. Das pessoas, em particular da minha gente, das que estão aqui e agora, das resguardadas tanto pelo passado recente, como das que moram nos fundos dos tempos e que predisseram e predizem o tempo do que vai acontecer.

Sabendo que as Ciências Sociais Aplicadas, as Ciências Sociais e Humanas têm alargado suas concepções para novos métodos que opõem os tradicionais.

A busca por novos métodos de pesquisa no interior das ciências sociais não pode deixar de considerar as escritas de si e do outro, que surgem em contraposição ao colonialismo, presente também no meio acadêmico, que por muito tempo afastou essas narrativas como possibilidades científicas. Até recentemente, textos escritos em primeira pessoa, e a presença do “eu enunciator” era combatida como pós-moderno, e por esse motivo, visto como menos científico (Lima; Gabino, 2023, p.14).

Depois da transcrição e contextualização, a transcrição passou pelo processo de escrivivência, considerando que, por muito tempo, a população negra brasileira foi objeto de investigação. Temos o conhecimento de que, no campo acadêmico, esse tipo de análise, ou melhor dizendo, que “essas escrivivências permanecem em fase de aceitação como um fazer científico” (Lima; Gabino, 2023, p. 19). Isso acontece devido à internalização de estruturas tradicionais racistas na universidade, que coloca hesitação na produção criativa e científica das mulheres negras.

O que nos faz pensar também no que Alice Walker fala no texto “Em busca dos jardins de nossas mães”, também apresentado na introdução deste trabalho, trazendo a reflexão de Walker para o âmbito escolar e acadêmico. Podemos dizer que foi e ainda é um lugar que historicamente desvalorizou e negou as produções científicas e literárias da população negra, contribuindo para que talentos fossem destituídos e desacreditados.

Porém, intelectuais como Rosane Borges, Lívia Nathália, Maria Nazareth Soares Fonseca, entre outras, têm contribuído para o desenvolvimento científico do conceito de escrivivência e suas possibilidades epistemológicas. No campo da Ciência da Informação, podemos citar algumas autoras que têm adotado a

escrevivência como método e como campo de pesquisa, a saber: Bianca Santana (2020), Elisângela Gomes (2023) e Karina Ceci Souza Holmes (2023).

No decorrer do texto, é possível identificar a justificativa e a importância da decisão de trazer a escrevivência como método de análise. A invisibilidade da população negra brasileira foi estabelecida de muitas maneiras, pela própria prática de colonização e escravização, e foram incorporadas nas políticas públicas de esquecimento à memória da população negra, estendendo-se para o campo científico e para a internet. A nossa preocupação aqui é evidenciar a subjetividade, corroborando com Kilomba (2019), que frisou em sua obra “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” a preservação da subjetividade, afirmando:

Não vejo isso como um déficit, mas como uma forma de interpretação que dá espaço a novas linguagens e a novos discursos, e que está preocupada com a produção de subjetividade e não com a produção de conhecimento universal (Kilomba, 2019, p. 90).

Conceição Evaristo (2017) explica que a noção de escrevivência nasce na intenção de romper com o imaginário da mulher negra escravizada, submissa, cuidadora, que proporcionou riqueza, educação e bem-estar para o senhor e suas famílias. Com isso, Conceição (2017) compreende a escrita do vivido da seguinte forma: “a nossa ‘escrevivência’ conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da casa-grande” (Evaristo, 2017, s.p.).

Pesquisadoras e pesquisadores da Ciência da Informação têm evocado vozes provocativas na tentativa de despertar a área, abordando aspectos sociais para a luta antirracista em suas ações, produções e atuações nos ambientes institucionais.

3 MULHERES NEGRAS: A ESCRITA SUBVERSIVA E DESOBEDIENTE

Não se espera que uma mulher negra escreva. Espere que ela dance [...]. Espera-se que ela cante, que ela saiba cuidar bem de uma casa [...]. Sempre duvidaram que nós tivéssemos capacidade de fala e de escrita então... (Evaristo, Conceição. *YouTube*, TV Brasil, 16 de nov. de 2023).

Como nos afirma Conceição Evaristo, a produção intelectual e literária de mulheres negras não é reconhecida. Contudo, as bases teóricas principais para a construção dessa tese são de mulheres negras. Essa investigação traz a história de vida de três mulheres negras cearenses que utilizam das mídias sociais online para produzir e disseminar conhecimentos antirracistas e antissexistas. É um trabalho desenvolvido e orientado por mulheres negras. Antes das falas das protagonistas (Yasmin, Izabel e Augusta) dessa tese, peço licença para evocar nomes de intelectuais, escritoras, ativistas e poetas que, com suas produções, têm contribuído para a construção de trabalhos acadêmicos como esse, que tendem a subverter e desobedecer aos conhecimentos colonizados.

Quando criança, não tive referências literárias negras. Na adolescência, quando meu interesse pela leitura cresceu e eu iniciei, de maneira autônoma, a ir em busca de livros e leituras em bibliotecas, o romance “A mão e a luva”⁹ de Machado de Assis foi o primeiro que, de alguma forma, me envolveu no mundo da leitura e da literatura. Naquele momento, meados de 2006, não imaginava ler um livro escrito por uma mulher negra.

Na universidade, no curso de Biblioteconomia, tive o privilégio e a grande benção de ser aluna de Joselina da Silva, na disciplina de Introdução à Sociologia. Joselina coordenava o Núcleo Brasileiro Latino-Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N’BLAC). Foi como integrante do N’BLAC que tive os primeiros contatos com teóricas/os negras/os. E nesse momento, acontece uma virada de chave em torno do meu olhar sobre mim, sobre minhas experiências, sobre minha infância, minha juventude e, principalmente, sobre o agora vivido.

⁹ Publicado em 1974. A obra apresenta características típicas do Realismo literário, estilo pelo qual o autor é conhecido.

O epistemicídio¹⁰ negou, por séculos, o acesso a obras e escritas de mulheres negras. De acordo com Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio pode ser entendido como um processo de anulação, desqualificação dos conhecimentos dos povos dominados. A literatura brasileira e o campo científico fizeram bem o papel dominador de colocar o homem branco como os detentores do conhecimento. No entanto, as mulheres negras brasileiras e estrangeiras reagiram e reagem ao longo dos tempos, em meio ao desprestígio, à desautorização e às inúmeras barreiras socioeconômicas e educacionais. Nomes como Maria Firmina do Reis, Carolina Maria de Jesus, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Marilene Felinto, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Mirian Alves, Tatiana Nascimento, Elisa Lucinda, bell hooks, Maya Angelou, Alice Walker, Toni Morrison e tantos outros nomes passaram décadas silenciados e amordaçados. É recente a chegada das obras de tais escritoras ao conhecimento popular, e algumas dessas ainda estão restritas a um pequeno grupo.

Alice Walker, na introdução do seu livro “Em busca dos jardins de nossas mães”, escreve sobre a importância de modelos na vida de uma artista, onde ela narra a influência e o impacto causado a ela quando descobriu a escrita de Zora Neale Hurston¹¹. Abaixo é apresentado o trecho em que Alice Walker confessa como aconteceu sua busca pelas obras de escritoras negras.

[...]12 sentei à minha mesa de trabalho um dia, num quarto só meu, com fechadura e chave e comecei os preparativos para um conto sobre vodu, um assunto que sempre me fascinou. Recolhi muitos dos elementos dessa narrativa em uma história que minha mãe contou várias vezes. Durante a depressão, ela havia ido à cidade se inscrever na delegacia local para receber o auxílio alimentar do governo e teve seu pedido recusado, de forma bem humilhante, pela atendente branca.

Minha mãe sempre contou isso com uma expressão muito curiosa no rosto. Ela erguia logo a cabeça mais alto ainda – estava sempre de cabeça erguida -, e havia um ar de integridade, um tipo de calor sagrado emanando de seus olhos. Ela dizia que

¹⁰ O conceito de epistemicídio foi originalmente elaborado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos, e Sueli Carneiro o reelabora para discorrer sobre o silenciamento e destruição de memórias, conhecimentos, saberes e culturas da população afro-brasileira.

¹¹ Zora Neale Hurston (1891-1960) foi escritora e antropóloga afro-americana. Publicou diversos contos, artigos e livros posteriormente aclamados como *Seus olhos viam Deus*.

¹² Esse trecho desobedece às normas de citação padrão da ABNT NBR 10520 de 2023, como estratégia de evidenciar o texto da Alice Walker que comunga com o texto-relato da autora e com o escopo desta tese.

tinha vivido para ver aquela mulher branca ficar velha e senil, e tão entrevada que precisava de duas bengalas para caminhar.

Para minha mãe, isso era obra clara de Deus, que, assim como no antigo hino, “[...] pode não vir quando você o quer, mas Ele nunca atrasa!”. Ao ouvir aquela história pela quinquagésima vez, percebi outra coisa: suas possibilidades na ficção.

Eu me perguntei o que teria acontecido se, depois que a velha entrevada morresse, fosse descoberto, fosse descoberto que alguém, talvez minha mãe (que ficaria mortificada só de pensar nisso, boa cristã que é), tinha feito um vodu com ela? Então, com meus pensamentos me guiando por um mundo de maldições e feitiços de séculos atrás, eu me perguntei como um relato mais elaborado poderia ser criado a partir do que minha mãe me conto; um que fizesse jus tanto à magnitude de sua humilhação e dor quanto à falta de sensibilidade e de compaixão daquela mulher branca.

Minha terceira dúvida era: como eu poderia encontrar tudo o que precisava para escrever um texto que contivesse a autêntica feitiçaria dos negros?

A questão quase me leva de volta ao dia em que fiquei muito interessada em escritoras negras. Digo “quase” por conta de outra coisa, vinda de minha infância, que tornou lógica e irresistível a escolha pela feitiçaria negra para minha história. Em paralelo às várias narrativas que minha mãe contava sobre curandeiros que ela conheceu, ou de quem ouvia falar, havia a que eu ouvia com frequência sobre a minha tia Walker, “a louca”.

Há muitos anos quando minha tia era uma menina dócil e obediente, crescendo em uma família rígida do Sul rural, tipicamente religiosa, ela abandonou num instante a doçura e fugiu de casa, acompanhada por um vigarista comprometido com outra. Ao ser trazida de volta para casa pelo pai, foi declarada louca. Nos campos do Sul, na virada do século, essa “loucura” não era curada com psiquiatria, mas com pós e feitiços. (É possível assistir à ópera Treemonisha, de Scott Joplin, e entender o papel que o vodu desempenhava entre as pessoas negras daquela época.) A loucura da minha tia foi tratada pelo curandeiro da comunidade, que prometeu e entregou os resultados desejados. O tratamento era um saquinho de pó branco, comprado por cinquenta centavos, espalhado no chão ao redor da casa de minha tia, e uma parte do conteúdo do saquinho costurada, eu acho, dentro do corpete de sua camisola. Então, quando me sentei para escrever o conto sobre o vodu, ou sem dúvida estava com tia Walker, a louca, na cabeça.

Entretanto, minha tia havia experimentado sua loucura temporária há tanto tempo que a emoção do caso parecia fantasiosa. Em vez de memórias de família, eu precisava de informações factuais sobre o vodu como era praticado pelos negros do Sul no século XIX. (Felizmente, em nenhum momento me ocorreu que o vodu não merecesse o interesse que tinha por ele, ou que fosse ridículo demais para ser levado a sério).

Eu tinha começado a ler tudo o que conseguia encontrar sobre o assunto “O negro, sua cultura popular e superstições”. Havia Botkin e Puckett e outros, todos brancos, a maioria racistas. Como eu poderia acreditar em qualquer coisa que eles tinham escrito, quando Puckett, em seu livro, foi capaz de se perguntar se “o Negro” tinha um cérebro grande o bastante?

Bom, pensei, onde estão os negros pesquisadores de folclore? Onde estão os antropólogos pretos? Onde está a pessoa negra que seguiu pelas estradas do interior do Sul a reunir informações da quais eu preciso: como curar um mal de amor, tratar barriga d’água, amaldiçoar alguém até a morte, trancar intestinos, causar junta inchada, olho caído e assim por diante. Onde estava essa pessoa negra? E foi então que vi, numa nota de rodapé das vozes brancas que detinham a autoridade, o nome de Zora Neale Hurston.

Folclorista, romancista, antropóloga e estudiosa do vodu, além de mulher negra versátil, com coragem suficiente para pegar uma fita métrica e tirar as medidas das cabeças negras aleatórias no Halem; não para provar a inferioridade dela, mas para provar que, não importava o tamanho, a forma ou a situação de servidão de seus donos: aquelas cabeças continham toda a inteligência necessária para se virar nesse mundo.

Zora Hurston, que foi para Barnard College estudar o que realmente queria aprender: os saberes de seu povo, quais rituais antigos, costumes e crenças o tornavam único.

Zora, que deixou o Sul apenas para poder voltar e observá-lo outras vez. Que visitou benzendeiras da Flórida à Louisiana e disse “Estou aqui. Quero aprender seu ofício”.

Zora, que tinha coletado toda a cultura popular negra que eu poderia usar.

Aquela Zora.

E ao encontrar aquela Zora (como uma chave dourada capaz de abrir um depósito de tesouros variados), fui fisgada.

O que tinha descoberto, claro, era um modelo. Um modelo que, aliás, me deu muito mais do que o vodu para minha história, mais do que um dos grandes romances jamais escritos nos Estados Unidos – embora, sendo como são, os Estados Unidos não tenham percebido isso. Ela ofereceu, como se soubesse que um dia eu iria vagar pelo deserto, um registro quase completo de sua vida. E embora essa vida tenha tido várias falhas, sou para sempre grata por ela, com falhas e tudo.

Esse texto de Alice Walker demonstra fielmente como a escrita de autoras negras pode alterar o rumo de outras mulheres negras. É possível especular que inúmeros talentos foram perdidos por não terem um modelo ou quem lhes abrisse os caminhos. As histórias contadas por nossas avós, mães e tias são fios condutores de inspiração imaginativa e histórica, e os trabalhos literários e científicos de mulheres negras são pontos de apoio e confiabilidade de que é possível criar, imaginar, produzir e fabular narrativas que contemplem a nossa existência para além do olhar do homem branco.

Partindo de experiências distintas, tempos e lugares diversos, há um diálogo entre as diversas escritas de mulheres negras. Conceição Evaristo (2020) afirma que sua escrevivência parte diretamente de sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira, e denuncia que a crítica literária, por vezes, não acredita que a vivência de negras/os escritoras/es possa ser matéria de ficção, tendo em vista que, em algumas obras literárias brasileiras de autores brancos, usam como temática ou inspiração as culturas africanas ou afrodiaspóricas.

A literatura brasileira considerada canônica, nas mais variadas épocas e estilos literários, traz uma imagem distorcida da mulher negra. É possível apontar para as obras: “Escrava Isaura” (1875) de Bernardo Guimarães, “Gabriela, cravo e canela” (1958) de Jorge Amado, “O cortiço” (1890) de Aluísio Azevedo. É possível identificar aspectos estereotipados de sexualização da mulher negra, sua animalização, o distanciamento de sua descendência africana e, ao mesmo tempo, a coloca na subalternidade.

Dessa forma, a literatura de mulheres negras é uma relutância ao epistemicídio. Utilizando-se da escuta atenta das histórias passadas, contadas pelas/os mais velhas/os, e utilizando-se da imaginação radical – que será aprofundada na seção 6.1 História, escrita, arquivo e fabulação –, escritoras negras realizam uma recomposição da imagem da mulher negra.

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p.54).

Autoras afro-americanas também evidenciam suas vivências e experiências múltiplas em suas escritas. Por exemplo, Audre Lorde se descrevia enquanto negra, mãe, lésbica, guerreira e poeta, dando destaque às suas múltiplas personalidades. Filha de imigrantes caribenhos, nasceu nos Estados Unidos em 1934 e faleceu aos 59 anos, vítima de câncer. Audre Lorde escreveu romances, ensaios, poesias, abordando temas como amor, raça, classe, gênero, sexualidade, erotismo e maternidade.

Audre graduou-se na Hunter College e obteve mestrado em biblioteconomia pela Columbia University, em 1961. Por sentir-se uma pessoa fora do que era considerado padrão, Audre passou a denominar-se “outsider”. Sua escrita é marcada por suas vivências e particularidades, evidenciando sempre sua condição de mulher negra e lésbica. Escreveu sobre o medo e a importância de falar, de transformar o silêncio em linguagem e ação.

Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais estou em busca, tive contato com outras mulheres enquanto analisávamos as palavras adequadas a um mundo no qual todas nós acreditávamos, superando nossas diferenças. E foi a preocupação e o cuidado dessas mulheres que me deram força e me permitiram esmiuçar aspectos essenciais da minha vida (Lorde, 2019, p. 52).

Esse trecho é do artigo “A transformação do silêncio em linguagem e em ação”, em que Audre nos diz de sua convicção de quebrar os silêncios, que reconhece a vulnerabilidade de escrever, falar, verbalizar e compartilhar o que sente, afirmando ser um risco. No entanto, ela declara que a maior ameaça não é a vulnerabilidade, e

sim, o silêncio. Este artigo foi apresentado em 1977 durante o *Lesbian and Literature Panel* (Painel de Lésbicas e Literatura), na *Modern Language Association*, em Chicago. Dias antes, ela havia sido submetida a uma biópsia, que sucederia ao diagnóstico de câncer de mama e nesse processo de pensar e reorganizar a vida diante da mortalidade, revela que

Ao tomar uma obrigatória e fundamental consciência da minha mortalidade, e do que eu desejava e queria para minha vida, por mais curta que ela pudesse ser, prioridades e omissões ganharam relevância sob uma luz impiedosa, e o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios (Lorde, 2019, p.53).

Audre quebrou padrões no âmbito da literatura, quando tratou sobre sexualidade e colocou as mulheres como protagonistas e inspirações para suas histórias. Desde criança, a escritora tinha fascínio pelas contações de histórias e pela ficção. Audre deixou inúmeras contribuições teóricas sobre raça, racismo, gênero, sexualidade e interseccionalidade, termo que foi desenvolvido posteriormente pela intelectual Kimberle Crenshaw¹³.

No campo teórico, a mulher negra também se faz presente, trazendo reflexões importantes sobre os modos conservadores, preconceituosos e perpetuadores de desigualdades. bell hooks (2013), em sua obra intitulada “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, fala sobre sua experiência escolar, vivendo no sul dos Estados Unidos, segregado, onde existiam escolas para negros e escolas para brancos.

Frequentei a escola num momento histórico em que era ensinada pelas mesmas professoras que haviam dado aula a minha mãe, às irmãs e irmãos dela. Meu esforço e minha capacidade para aprender sempre eram contextualizados dentro da estrutura de experiência das várias gerações da família. Certos comportamentos, gestos e hábitos de ser eram considerados hereditários. Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo (Hooks, 2013, p.11).

Ao final do regime de segregação, as escolas passaram pela integração racial e tudo mudou: as relações e experiências já não tinham relevância, o que se esperava das/dos alunos/as negras/os era a submissão. Os professores brancos reforçavam o estereótipo do negro como incapaz de aprender, logo, o entusiasmo que existia em aprender era entendido como uma ameaça à autoridade branca. No âmbito

¹³ Kimberlé Crenshaw, teórica feminista negra estadunidense, foi quem sistematizou o conceito, em 1989.

acadêmico, bell hooks percebe a permanência e o reforço aos estereótipos racistas e de dominação existentes nas escolas de integração racial.

Na pós-graduação, igualmente na escola e na graduação, suas experiências de mulher negra não eram levadas em consideração. Nesse sentido, bell sente a necessidade de escrever e tornar-se uma escritora independente. Nesse percurso, ela tem a oportunidade de ler Paulo Freire e se identifica com suas ideias. Fica evidente como a influência da leitura de Paulo Freire despertou em bell o reconhecimento de uma educação como prática de liberdade, intimamente ligada à sua vivência educacional nas escolas segregadas, onde as experiências e o contexto familiar e geracional eram levados em conta.

Como professora universitária, encontrou alguns desafios, e um deles ela destaca como sendo a inexistência de entusiasmo das/dos estudantes. Logo, bell cria estratégias para transgredir e encorajar uma educação libertadora, com uma pedagogia engajada, que valoriza o conhecimento de cada estudante, o protagonismo e o engajamento mútuo de ensinar e aprender. bell hooks (2013) viu na teoria um lugar de cura de feridas e de dores.

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (Hooks, 2013, p.83).

É possível reconhecer em outras escritas de intelectuais negras um diálogo com o que bell hooks propõe em suas teorias, notadamente, na obra citada acima. Por exemplo, Grada Kilomba, escritora, teórica, psicóloga e artista interdisciplinar, lançou em 2019, no Brasil, o seu livro intitulado “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”. Essa obra foi lançada em 2008, em Berlim, onde vive até hoje. Na carta da autora à edição brasileira, ela explica que essa publicação foi possível quando recebeu uma bolsa do governo alemão, para doutorado, e foi com um imenso alívio que deixou Lisboa, a cidade em que nasceu e cresceu. “Não havia nada mais urgente para mim do que sair, para poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário, no qual eu pudesse finalmente encontrar-me. No qual eu pudesse ser eu” (Grada, 2019, p. 11).

Em entrevista ao programa Metr polis¹⁴, disponível na plataforma *YouTube*, Grada foi indagada sobre a sua rela o com o seu território de nascença, e ela explica que a sua rela o com Portugal e com o Brasil são similares, por serem na es que glorificam e romantizam sua história colonial, que possuem aspectos problemáticos com a negritude. Revela ainda que em Berlim a ditadura imperial fascista e a história colonial alemã deixaram marcas inimagináveis e brutais, no entanto,   uma história que não   negada, e que causa senso de culpa e vergonha.

Este percurso de conscientiza o coletiva, que começa com *nega o - culpa-vergonha - reconhecimento - repara o*, não   de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabiliza o. A responsabilidade de criar novas configura es de poder e de conhecimento (Kilomba, 2019, p.11).

A possibilidade de criar configura es de poder e de conhecimento novas foi o diferencial encontrado em Berlim, proporcionando a realiza o do seu trabalho, que, em Portugal, não seria possível. Grada   uma intelectual contemporânea que, através da teoria e da arte em suas múltiplas facetas, vem descolonizando o conhecimento. Mais de 10 anos após a primeira publica o de seu livro,   que a obra chega traduzida ao Brasil. Na edi o brasileira, há uma introdu o que não existe na versão original, isso acontece devido a terminologias que, quando apresentadas em português, exercem e reforçam violências. O racismo   discursivo, opera através do discurso, por meio de imagens e de palavras que, associadas umas às outras, criam uma narrativa histórica de domina o, como a de supremacia branca.

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar rela es de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem   normal e de quem   que pode representar a verdadeira condi o humana (Kilomba, 2019, p. 14).

Memórias da planta o apresenta episódios cotidianos de racismo, narrados por duas mulheres, uma afro-alemã e outra afro-estadunidense que vive na Alemanha. A obra trata sobre a memória do esquecimento, a normalidade do racismo, o processo de descoloniza o, de cura do trauma colonial, da importância de escrever e falar em primeira pessoa, de tornar-se sujeito. Aborda uma epistemologia que inclui o pessoal

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=nKY239Uu9y0>

e o subjetivo como elemento do discurso acadêmico, “pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros” (Kilomba, 2019, p. 58).

Dessa forma, assinala os discursos de Frantz Fanon e bell hooks como sendo lírico e teórico, político, pessoal e poético, que transgride a linguagem clássica da academia tradicional, trazendo para a escrita suas realidades. Grada utiliza-se da junção da escrita, com a imagem, a performance e a atuação para dismantelar estruturas de poder e criar uma linguagem anticolonial.

No Brasil, uma das pioneiras do feminismo foi Lélia de Almeida. O sobrenome Gonzalez foi integrado a partir da união matrimonial, em 1964, com Luiz Carlos Gonzalez¹⁵. Penúltima filha de dezoito irmãos, Lélia conseguiu, com muito esforço, seguir nos estudos e construir uma carreira acadêmica, intelectual, ativista e militante antirracista.

Uma educadora, filósofa, pós-graduada em Comunicação, que fez simultaneamente incursões acadêmicas nos terrenos da Antropologia, Psicanálise e Sociologia. Lélia dominava inglês, francês e espanhol, o que lhe permitiu, também, atuar como tradutora de diferentes obras (Carneiro, 2014, p.5).

Entre os anos de 1974 e 1985, o Brasil passava pelo processo de redemocratização e o retorno dos movimentos sociais. Nesse período, Lélia já possuía formação intelectual sólida, quando ela se engaja na construção e na militância do movimento negro, colocando em discussão os temas de raça e gênero. Em 1978, no interior do Movimento Negro Unificado (MNU), ela cria o Centro de Lutas Luiza Mahin.

Lélia produziu inúmeras contribuições teóricas que, até recentemente, não eram conhecidas e reconhecidas, não estavam, e algumas ainda não estão, nas referências básicas e obrigatórias das universidades brasileiras. A sua escrita é firmada num compromisso político de humanização da população negra. Em suas obras, podemos destacar os seguintes temas: raça, gênero, questões identitárias, estudos nos campos da cultura e da antropologia.

Atualmente, os textos dessas escritoras/intelectuais chegam a nós e causam o desconforto necessário para que consigamos, a partir das ações individuais e coletivas, continuar no propósito de tramar outras/nossas narrativas para as meninas

¹⁵ Desde o falecimento do marido, um ano depois de casados, Lélia não mais abandonou o sobrenome Gonzalez. Em entrevista ao Jornal Pasquim (1986), afirmou que despertou para sua condição de mulher negra com Luiz Carlos.

e mulheres negras que virem depois de nós, que não silenciem suas vozes, suas escritas e suas performances.

4 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: AÇÕES E PRODUÇÕES ANTIRRACISTA

É fundamental que nossa epistemologia e nossos métodos se percebam e se posicionem como elementos-chave na organização e na disponibilização de conhecimentos múltiplos, diversos e inclusivos. Como campo alinhado à luta pela eliminação de toda forma de discriminação, a começar com uma revisão de suas próprias bases (Silva, 2020, 201)¹⁶.

Não é novo o tema acerca da perspectiva social na CI. Araújo (2003) apresenta uma reflexão sobre a inserção da CI nas Ciências Sociais. O autor afirma que, nas esferas institucionais, é indiscutível sua natureza social, sendo definida como uma Ciência Social Aplicada, de acordo com as classificações de agências como a Capes e o CNPq. No entanto, no campo teórico-epistemológico, essa colocação não é exatamente evidente.

Para Araújo (2003), essa incorporação não foi imediata e passou por diferentes correntes sociológicas, tendo maior proximidade com o positivismo e o funcionalismo. Isso se deve à proximidade com as ciências exatas, a partir de uma perspectiva estatística e quantitativa.

É apenas com a organização junto ao “terceiro ramo” das Ciências Sociais, isto é, aos enfoques microsociológicos e interpretativos, que a ciência da informação vai conhecer uma reformulação mais profunda de seus pressupostos, que vai alterar sobretudo o significado do que é entendido como “informação” (Araújo, 2003, p. 25).

Outro evento importante que possibilitou diálogos da CI com as ciências sociais é o advento das tecnologias da informação e comunicação, que tornam as demandas e buscas de informação mais rápidas e flexíveis. A participação ativa do usuário na dinâmica de uso, apropriação, fluxo, criação, organização e disseminação da informação, no contexto das tecnologias da informação e comunicação, convoca a CI a pensar sua responsabilidade social.

Estudos sociais sobre identidade cultural e identidade de gênero, importante pauta do movimento negro comprometida com a efetiva descolonização do conhecimento, são estudos que contam com grande aporte teórico e produções científicas no campo da sociologia e antropologia. No campo da ciência da informação, tais discussões passam a compor o rol de possibilidades de estudo à medida que a informação passa a ser compreendida enquanto um fenômeno social (Silva; Muccilo; Lima; Azevedo Netto, 2022, p. 109).

¹⁶ Leyde Klébia Rodrigues da Silva é sertaneja de Patos, Paraíba. Bibliotecária, mestra e doutora em Ciência da Informação. Docente do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA).

A partir dessa perspectiva, Aquino (2007, p. 11) apresenta duas indagações: Que informação? Para quem? Que nos encaminham à concepção de informação social, em uma sociedade que reconhece a necessidade informacional da população, defende o acesso às redes de comunicação tendo em vista o avanço tecnológico e suas exigências.

Sobretudo, Aquino (2007) expõe a inclusão de diversos temas na CI que tem feito parte da construção de "uma nova" Ciência da Informação, por exemplo: planetariedade, globalização, sustentabilidade, biodiversidade, virtualidade, transdisciplinaridade, subjetividade, diversidade e tantos mais. A autora ressalta a importância de não esquecer as relações de gênero, sexualidade, raça e etnia, com o objetivo de levar a reflexões e relacioná-las com a informação.

Esta seção é essencial para que possam ser apresentadas algumas das ações que vêm sendo desenvolvidas no campo da CI e da Biblioteconomia em relação a produções científicas de caráter antirracista no contexto brasileiro.

Nessa tese, privilegamos gênero e raça de modo que possa se somar a estudos e pesquisas sobre mulheres negras e para a elaboração de políticas públicas de informação, aspirando à popularização dos seus conhecimentos e competências, e tensionando a eliminação do racismo e da misoginia que atingem mulheres negras secularmente. Pesquisas e ações voltadas para a temática étnico-racial e suas interseccionalidades têm contribuído na construção de uma Biblioteconomia e uma Ciência da Informação antirracistas.

As discussões sobre relações étnico-raciais na formação de bibliotecárias/os têm se dado por diferentes iniciativas de intelectuais negras/os brasileiras/os. Essas discussões, ainda que recentes no campo, são de fundamental importância para a formação de pessoas bibliotecárias, capazes de desenvolver nas suas práticas profissionais, ações que contribuam para uma pauta antirracista e antissexista (Silva; Valério; Carmo, 2021, p. 29).

Oliveira (2010) em sua dissertação de mestrado desenvolveu um conceito de informação étnico-racial considerando a relação afrodescendência, informação e memória como sendo

todo elemento inscrito num suporte físico, (tradicional ou digital), passivas de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana (Oliveira, 2010, p. 56).

A constituição desse conceito contribuiu para a formulação de outras pesquisas no âmbito da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. Mas é importante ressaltar que, anterior a isso, intelectuais como Mirian de Albuquerque Aquino¹⁷ e Maria Aparecida Moura¹⁸ já vinham introduzindo pioneiramente esses temas em seus trabalhos.

Dessa forma, para apresentar a inserção do tema das relações étnico-raciais no campo da Ciência da Informação, utilizamos a tese de doutorado da professora Leyde Klébia Rodrigues da Silva, intitulada: “Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida e pesquisadoras negras na biblioteconomia e ciência da informação”. Considerando também que a contribuição dessas pesquisadoras teve e tem tido continuidade por parte de suas orientandas e orientandos.

Silva (2020) apresenta o que ela denominou de “Baobá genealógico”¹⁹, onde teve como protagonistas três professoras negras, a saber: Mirian de Albuquerque Aquino, Maria Aparecida Moura e Joselina da Silva²⁰. O Baobá genealógico e os seus galhos (pessoas que foram orientadas/influenciadas), no campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, nas etapas de graduação, mestrado e doutorado, nos mostram como a atuação dessas intelectuais contribuiu na formação de pessoas preocupadas com os aspectos sociais no campo, e com problemas estruturais e estruturantes.

¹⁷ Possui Graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1979), Mestrado em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (1994) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1998). Pós-Doutorado na Universidade de Barcelona (UB/Es). Atualmente aposentada.

¹⁸ Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996), doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002) e Pós-doutorado em Semiótica Cognitiva e Novas Mídias pela Maison de Sciences de l' Homme (2006-2007).

¹⁹ Na África, o Baobá é uma árvore sagrada. Encontramos algumas histórias que contam sobre pessoas africanas da Costa Ocidental, e que antes de serem brutalmente embarcadas nos “navios negreiros”, eram obrigadas por seus captores a dar voltas entorno de uma Baobá, conhecido assim como “Árvore do Esquecimento”. Na pesquisa realizada pela Professora Leyde Klébia Rodrigues da Silva toma a ideia de Baobá como o retorno dessa cultura e de uma ancestralidade africana e afro-brasileira que não pode ser apagada nem silenciada.

²⁰ É professora associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pós doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP), Possui doutorado (2005) em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi aluna do curso intensivo Interrogating the African Diáspora - Flórida International University (2004). É uma das redatoras dos verbetes relacionados à raça, ao racismo e ao movimento negro, na Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe (2006).

No currículo da professora podemos observar, além da grande contribuição para os campos da Educação e Ciência da Informação, que a mesma pode ser apontada como uma das precursoras das discussões étnico-raciais na Ciência da Informação no país, tendo nos seus orientandos e orientandas a continuidade do seu trabalho e a difusão da temática para além da UFPB e para além do campo da informação. (Silva, 2020, p. 178).

Precursora das discussões étnico-raciais no campo da CI, a professora Mirian Aquino plantou em seus alunos e alunas o seguimento nos estudos das relações étnico-raciais.

A Maria Aparecida Moura, primeira professora titular negra da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), possui uma trajetória importante de militância e de produções intelectuais.

Sua produção bibliográfica é vasta, com 64 artigos publicados em periódicos científicos, 35 capítulos de livros e 74 artigos publicados em anais de eventos, para citar uma parte de sua publicação. Sua produção em diferentes temáticas, como apontou, denotam um pertencimento da professora ao campo da Ciência da Informação, que ao lidar com os problemas sociais que afetam negras e negros os transversaliza em suas várias práticas, seja de ensino, pesquisa e/ou extensão (Silva, 2020, p.184).

Atuante em projetos de extensão, grupos de pesquisas e cargos administrativos. A professora Maria Aparecida Moura construiu uma carreira de luta e resistência. Em 2017 recebeu homenagem da Câmara Municipal de Belo Horizonte pela sua atuação no combate ao racismo.

A terceira intelectual é a professora Joselina da Silva, que foi/é o Baobá da autora deste trabalho. Socióloga, militante no movimento negro, atuou como professora na Universidade Federal do Ceará, no curso de Biblioteconomia (2006-2013). Fundadora do Núcleo Brasileiro Latino-Americano e Caribenho de Estudos Raciais, Gênero e Movimentos Sociais, desenvolveu pesquisas relacionando raça, gênero e movimentos sociais com as questões biblioteconômicas, contribuindo também na formação identitária e política das/os estudantes envolvidos.

A passagem de Joselina da Silva nesse campo pode até ser considerado curto, se considerarmos sua atuação no campo da educação, por exemplo, mas tendo em vista as marcas que deixou, não apenas nas e nos estudantes, mas na estrutura do próprio curso e seu contexto, onde pelo menos 3 (três) das pessoas que orientou e fizeram parte do seu grupo, deram continuidade aos estudos até o doutorado. Desse modo, destacamos, o papel docente ao assumir compromissos com os problemas que afligem a sociedade em sua estrutura, podem provocar um impacto positivo na vida de alguém (Silva, 2020, p. 191).

A professora Joselina da Silva, a partir de sua atuação docente, contribuiu para que houvesse movimentações importantes sobre o debate da negação da identidade negra no Ceará, especificamente, na região do Cariri cearense. Essa tese é consequência de seu ativismo e trabalho: “sou um galho de seu Baobá”.

A atuação engajada e preocupada das professoras Mirian, Aparecida e Joselina rendeu frutos que deram continuidade aos estudos em cursos de mestrado e doutorado. Alguns tornaram-se professoras e professores que vêm contribuindo na construção de novas pesquisas e demandas com a temática étnico-racial e a relação com a informação na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. Dessa forma, grupos de pesquisa vêm se formando e se ampliando ao longo do tempo. Aqui apresentamos alguns deles, com um recorte para a Ciência da Informação.

No campo da Ciência da Informação, há atuação de grupos de pesquisas vinculados a universidades e coordenados por professoras e professores comprometidos em trazer para as salas de aula da graduação e pós-graduação temas sobre relações étnico-raciais e suas intersecções. Como exemplo, o Núcleo de Estudos sobre Performance, Patrimônio e Mediações Culturais (NEPPMCs)²¹, formado em 2016, é coordenado pelo professor doutor Rubens Silva²² (UFMG) e tem como linha de pesquisa: “Memória social, patrimônio e produção de conhecimento”, que tem como finalidade:

dar ênfase aos aspectos construídos coletivamente, na sedimentação promovida pela memória social, naquilo será tido como herança (patrimônio) de dada coletividade, num campo de relações desiguais de acesso e produção, considerando ainda as dimensões da cultura informacional, os impactos sociais e a viabilidade tecnológica de produtos e serviços e informação (NEPPMCs)²³.

O professor Rubens Silva é antropólogo e vem atuando no âmbito da biblioteconomia, arquivologia e museologia, tanto na graduação quanto na pós-graduação em Ciência da Informação. Logo, tem contribuído com os seguintes temas:

²¹ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6110835540001839>

²² Rubens Alves da Silva é antropólogo e professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH. É Doutor em Antropologia Social, com Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo - USP. Como professor e pesquisador vinculado ao curso de Ciência e Informação da UFMG, tem ministrado disciplinas que dialogam na interface dessa área do conhecimento com a Antropologia (atuando na pós-graduação e graduação - Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia), com abordagem das temáticas: cultura e informação; diversidade epistêmica; patrimônio cultural, performances; memória social; mediação cultural.

²³ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6110835540001839>

cultura e informação, diversidade epistêmica, patrimônio cultural, memória social e mediação cultural.

Há o Grupo de Estudos e Pesquisa em Informação Antirracista e Sujeitos Informacionais (ALAYE)²⁴, coordenado pelo Professor Doutor Erinaldo Dias Valério²⁵, em vigência desde 2019. Esse grupo vem contribuindo com o desenvolvimento de pesquisas científicas e de trabalhos de conclusão de curso. As linhas de pesquisa são: “Descolonizando o campo informacional: interseccionalidade de gênero, raça e sexualidade”; “Leitura e formação de pessoas leitoras em diferentes ambientes e contextos informacionais”; e “Sujeitos informacionais na busca, acesso, uso e produção de saberes”.

Outro grupo de pesquisa atuante é o Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação e Representação da Informação e os Marcadores Sociais (GeMinas)²⁶, liderado pelas professoras doutoras Gracy Kelli Martins Gonçalves²⁷ e Gisele Rocha Cortes²⁸, formado em 2020. As linhas de pesquisa do grupo são: Mediação da informação e marcadores sociais da diferença e Organização, representação e apropriação da informação e suas interseccionalidades. Sobre a finalidade e o que se propõem, o grupo afirma que:

O grupo propõe-se a dinamizar estudos e pesquisas sobre a mediação e a representação da informação, em interface com os marcadores sociais da diferença. Notadamente as categorias de gênero, raça e classe social. Objetiva-se, por meio do compartilhamento de saberes, contribuir para a interlocução entre a mediação e a representação da informação, com foco nos processos de empoderamento e protagonismo social subalternizados (GeMinas)²⁹.

²⁴ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4561005091117747>

²⁵ Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (PPGCI/IBICT-UFRJ). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI/UFPE). Atualmente é professor do Departamento de Ciência da Informação (DCI) da UFPE, onde atua como docente dos cursos de Biblioteconomia, de Gestão da Informação e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPE).

²⁶ <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/591786>

²⁷ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Marília/SP, Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Atualmente é professora adjunta no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba

²⁸ Graduada em Pedagogia (1996) e Ciências Sociais (1998) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Possui Mestrado (2002) e Doutorado (2008) em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professora associada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba

²⁹ <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/591786>

A produção de pesquisas científicas impulsiona o desenvolvimento social, auxilia na resolução de problemas e impacta diretamente no progresso nacional, além de tornar a área em questão em constante expansão. Destarte, uma ação que vem contribuindo para o crescimento da Ciência da Informação e das áreas associadas, em relação ao debate étnico-racial, é o Selo Nyota.

O Selo Nyota pode ser entendido como um instrumento de luta e resistência no campo científico da Ciência da Informação. Administrado por duas mulheres: Franciéle Carneiro Garcês da Silva³⁰ e Nathália Lima Romeiro³¹, ambas com formação em Biblioteconomia, mestrado e doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Seu propósito é publicar livros de mulheres, população negra, população indígena e da comunidade LGBTQIA+, decorrentes de pesquisas científicas e experiências profissionais envolvendo a Biblioteconomia, a museologia, a arquivologia, a comunicação e a Ciência da Informação.

Sua primeira publicação data do ano de 2018. Até a defesa desta tese, somam-se 45 livros publicados. Desses, 10 tratam da temática étnico-racial, sendo que um deles possui o recorte de gênero e outro é específico das tradições religiosas, com destaque para as de matrizes africanas.

Quadro 2 Títulos dos livros publicados pelo selo Nyota (temática: étnico-racial, gênero e religiosidade de Matriz africana).

Títulos	Ano
Bibliotecári@s negr@s: ação, pesquisa e atuação política	2018
Epistemologias negras: relações raciais na biblioteconomia	2019
Bibliotecári@s negr@s: informação, educação, empoderamento e mediações	2019
Mulheres negras na biblioteconomia	2019

³⁰ Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta no Departamento Acadêmico de Ciência da Informação (DACI), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). É idealizadora e gerente do projeto social Quilombo Intelectual, coordenadora o Selo Editorial Nyota.

³¹ Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG. Coordenadora o Selo Editorial Nyota. Integra o grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI)

Bibliotecári@s negr@s: pesquisas e experiências de aplicação da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) na formação bibliotecária e nas bibliotecas	2020
Bibliotecári@s negr@s: perspectivas feministas, antirracistas, decoloniais em Biblioteconomia e Ciência da Informação	2021
Repensar o sagrado: as tradições religiosas no Brasil e sua dimensão informacional	2021
Identidade negra e mediações da informação étnico-racial em blogs de funk	2022
Informação e estudos étnico-raciais, gênero e diversidade	2023
Epistemologia social feminista negra.	2023

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

[...] o selo Nyota, ao garantir espaço para cientistas que enfrentam forças marginalizantes do racismo e do machismo estrutural, configura-se como um recurso potencializador da luta neste campo, considerando a luta como ações que produzem movimento nas posições ocupadas por agentes de um campo social específico (Silva; Muccilo; Lima; Azevedo Netto, 2022, p. 117).

É importante dizer que os títulos publicados estão disponíveis para download no site do Selo Nyota. São, em média, 120 artigos publicados, levando em consideração apenas o recorte étnico-racial, tendo em vista que o Selo trabalha na perspectiva de disseminar e visibilizar também os conhecimentos produzidos por mulheres, indígenas e pela população LGBTQIA+.

No âmbito institucional, um importante feito foi a criação do Grupo de Trabalho de Relações Étnico-raciais e Decolonialidades (RERAD)³² pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB)³³. O RERAD se propõe a contribuir para a implementação da Lei Federal 10.639/03, nº 11. 645/2008, do Parecer CNE 03/2004 com as Diretrizes Curriculares Nacional para

³² <https://www.acoesfebab.com/etnico>

³³ A FEBAB tem como principal missão defender e incentivar o desenvolvimento da profissão. Tem como objetivos congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais; apoiar as atividades de seus filiados e dos profissionais associados; atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de biblioteconomia, ciência da informação e áreas correlatas brasileiras; interagir com as instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando o aprimoramento das bibliotecas e dos profissionais; contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação. <https://febab.org/sobre/>

a Educação das Relações Étnico-racial e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Instituído no ano de 2020, o RERAD é constituído por uma equipe de bibliotecárias negras e um bibliotecário negro, e tem por finalidade:

discutir e realizar ações em prol da promoção de diversidade étnico-racial, emancipação de povos em vulnerabilidade econômica, social e educacional por intermédio do acesso à informação e às bibliotecas, bem como refletir sobre a decolonização do ensino e prática em Biblioteconomia em solo brasileiro (FEBAB, 2020, online).

O RERAD tem representantes dos diversos Estados brasileiros e tem atuado firmemente na luta antirracista no âmbito da Biblioteconomia.

Em 2022, foi instituído o Grupo de Trabalho: Informação, Estudos Étnico-raciais, Gênero e Diversidades no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB)³⁴. O GT encontra-se sob a coordenação da professora Dra Izabel França de Lima³⁵ e da professora Dra. Maria Aparecida Moura. Em sua primeira edição, foram aprovados 35 trabalhos, entre resumos expandidos e trabalhos completos. Aqui, destacamos os trabalhos inaugurais do GT 12 que abordaram a temática racial.

Segue um quadro com os títulos e suas respectivas autorias.

³⁴ Principal evento de pesquisa e de pós-graduação da área de Ciência da Informação do País e visa discutir e refletir a produção de conhecimento na área, de modo a estimular, por meio de amplo diálogo entre os pesquisadores que nela atuam, a realidade dos programas de pós-graduação (ENANCIB, 2021, online).

³⁵ Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Líder do grupo de Pesquisa InclusoS da Universidade Federal da Paraíba e Coordenadora do Grupo de Trabalho GT 12 - Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (GT 12 da ANCIB). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012), mestre em Educação (2007) especialista em Gestão de Unidades de Informação (2006), graduada em Biblioteconomia (1989) e em Administração (1999) pela Universidade Federal da Paraíba. Orientadora desta tese.

Quadro 3 – Título e autorias dos trabalhos apresentados no GT 12 do XXII ENANCIB (com recorte da temática racial)

Título do trabalho	Autorias/Instituição
Registro e Organização das Histórias e Memórias do Quilombo Vidal Martins: Relato de Pesquisa	Kariane Regina Laurindo, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; Daniella Pizarro Universidade do Estado de Santa Catarina
Coletividade Digital: o Blog Blogueiras Negras	Thais Pereira da Silva, Universidade de São Paulo (USP); Marco Antônio de Almeida, Universidade de São Paulo (USP)
Documentação Museológica e Identidade Negra: Antirracismo e Supremacia nas Práticas Museológicas	Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Renata Cardozo Padilha, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Cartografias da Supremacia Racial e da Branquitude na Biblioteconomia e Ciência da Informação: Inserido dentro dos Estudos Críticos da Branquitude e da Biblioteconomia	Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Dirnele Carneiro Garcez, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Daniella Camara Pizarro, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Memória e decolonialidade: a poética de Tatiana Nascimento nas mídias sociais	Dávila Maria Feitosa da Silva Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Anna Raquel de Lemos Viana Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante Universidade Federal de Pernambuco (UFPB); Izabel França de Lima Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Racismo na Literatura Científica em Biblioteconômico-Informacional	Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Kariane Regina Laurindo, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Rubens Alves da Silva, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Epistemicídio Negro na Ciência da Informação: uma Discussão Inicial	Felipe Arthur Cordeiro Alves, Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Gisele Rocha Cortês, Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Quadro 3 – Título e autorias dos trabalhos apresentados no GT 12 do XXII ENANCIB
(Continuando)

TÍTULO DO TRABALHO	AUTORIA/INSTITUIÇÃO
Direitos Humanos, Informação e Racismo: uma Análise do Perfil do Instagram do Quilombo Intelectual	Priscila Rufino Fevrier, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); Franciéle Carneiro Garcês Da Silva, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Dirnele Carneiro Garcez, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Nathália Lima Romeiro, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Ana Paula Meneses Alves, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Da Redução à Pluralidade: Reflexões sobre a Descolonização do Domínio da Indumentária	Ana Isabel Ferreira Wanderley, Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Gracy Kelli Martins, Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Concepções Acerca de Gênero e Raça na Ciência da Informação	Letícia Pereira De Souza, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Rodrigo Silva Caxias de Sousa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Construindo Caminhos: Delineando os Princípios da Justiça Informacional	Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Dirnele Carneiro Garcez, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Universidade Federal da Bahia (UFBA); Priscila Rufino Fevrier, Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ); Ana Paula Meneses Alves, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os trabalhos foram organizados por sessões, a saber: Ética da informação e inclusão; Conhecimento, saberes tradicionais e interculturalidade; Gênero, Sexualidade e informação; Informação, questão racial e decolonialidade. É possível perceber, a partir dos títulos apresentados, as inúmeras possibilidades de discursos e reflexões voltados para o aspecto social informacional na Ciência da Informação e nas relações étnico-raciais.

Essa seção tentou demonstrar ações individuais e coletivas que fazem parte da trajetória de inclusão e pertencimento da temática das relações étnico-raciais na Ciência da Informação e na Biblioteconomia. Sabe-se que há inúmeras produções

científicas disponíveis que trazem reflexões importantes para o campo, pensando na temática em tela. No entanto, é evidente que ainda falta muito para alcançarmos uma Ciência da Informação e uma Biblioteconomia decolonial.

É sabido que tanto a Biblioteconomia como a Ciência da Informação emergem no hemisfério norte do planeta e, como tal, foram adequadas a contextos específicos. A cultura moderna ocidental é fortemente marcada por um caráter colonialista, o que culminou com a supressão de culturas e experiências de diferentes grupos e povos em favor de uma homogeneização a partir do mundo europeu, branco e masculino (Amorim; Alves, 2022, sem página).

O surgimento da ciência da informação, como o de outras ciências, se consolida e se desenvolve em um contexto europeu, imperialista e colonizador. Isso quer dizer que a biblioteconomia e a Ciência da Informação são constituídas sob a influência da colonialidade. Segundo Anibal Quijano (2014), a colonialidade tem a ver com a formação de um padrão de exercício de poder que não se limita às questões formais de exploração ou controle colonial tradicionalmente reconhecidas, mas compreende também diversas formas pelas quais as relações intersubjetivas se organizam a partir de noções de domínio e subalternidade. No contexto da ciência, a colonialidade favorece os preceitos do patriarcado e da branquitude, por ter como referência a Europa.

Enfatizando a dimensão da colonialidade do saber, entendendo-a como mais significativa nesta investigação, uma vez que esta se refere à supremacia de conhecimentos em detrimento de outros, colocando-os na condição de inferioridade. Dessa forma, Santos (2007) vai dizer que a colonialidade do saber

[...] exclui outros saberes e outras formas de interpretar o mundo, desautorizando epistemologias da periferia do ocidente. Tal colonialidade do saber é representada na geopolítica do conhecimento, a partir da qual a razão, a verdade e a ciência são atributos possíveis nas – e das – metrópoles, cabendo aos territórios (ex) coloniais e seus sujeitos o status de objetos, classificados como populares, leigos, naturais, ignorantes, sem lei (Santos, 2007, p. 72).

Profissionais da informação engajadas/os e preocupadas/os com a transformação da sociedade e a eliminação das desigualdades são agentes importantes no movimento decolonial. Portanto, é evidente que esse movimento seja fortalecido no âmbito da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, para que haja um rompimento na hegemonia de uma única narrativa, para que possam se abrir

horizontes para novas reflexões, revelando outras faces, outras memórias, outras vozes.

A Ciência da Informação, como área social aplicada, intimamente ligada às tecnologias da informação e da comunicação e às suas implicações, assim como às urgências sociais, é conveniente que esteja atenta às dinâmicas das relações e das movimentações informacionais provenientes das redes sociais online.

4.1 Tecnologias, colonialismo digital e racismo algorítmico

O mundo colonizado é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais. Nas colônias, o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, o porta voz do colono e do regime de opressão, é o policial ou o soldado (Fanon, 2005, p.55)

Uma variedade de termos e conceitos compõe o vocabulário atual para designar o processo produtivo na atual sociedade movida pelas tecnologias informacionais: sociedade da informação, economia virtual, consumo colaborativo, entre tantos outros. Para compreendermos a dimensão do colonialismo digital, iniciaremos esta subseção abordando brevemente como surge a internet, em qual momento histórico, político e econômico ela se desenvolve, para que possamos aprofundar as transformações ocorridas pelo progresso das tecnologias digitais e da internet.

A criação da WWW popularizou a internet, tornando a navegação intuitiva e a arquitetura digital dinâmica, o que facilitou a utilização para usuários não profissionais. Com tais mudanças na interface e o estabelecimento da web, o número de usuários conectados cresceu, de acordo com Bolaño e Vieira (2012, s.p.): “em 1995 apresentava cerca de 5 milhões de conectados, número que praticamente sextuplicou em apenas três anos, pulando para cerca de 30 milhões”.

Em 1995, quando a *National Science Foundation* assumiu somente a gerência da infraestrutura da rede e empresas como *Prodigy*, *AOL (America Online)* e *CompuServe* passaram a ofertar serviços de provedores de acesso à internet, foi promovida uma economia de mercado. Empresas diversas começaram a utilizar a internet para negócios, iniciando a comunicação com fornecedores e clientes. Com a licença de uso para fins comerciais, surge uma nova economia movida por empresas eletrônicas.

Por empresas eletrônicas entendo qualquer atividade de negócio cujas operações-chave de administração, financiamento, inovação, produção, distribuição, vendas, relações com empregados e relações com clientes tenham lugar predominantemente pela/na internet ou outras redes de computadores, seja qual for o tipo de conexão entre as dimensões virtuais e físicas da firma. Ao usar a internet como um meio fundamental de comunicação e processamento de informação, a empresa adota a rede como sua forma organizacional (Castells, 2003, p. 57).

A consolidação desse novo mercado é marcada por fases, que iniciam com a criação de sites por parte das empresas, onde disponibilizavam informações voltadas para a clientela. Esse período foi preponderante entre os anos de 1994 e 1995. A etapa seguinte foi atualizar os sites, tornando-os interativos e possibilitando a realização de compras de produtos *online*. “Neste período, surgiram empresas denominadas ‘empresas de internet puras’, pois só atuavam através da rede; entre elas, podemos citar a Amazon [...]” (Torquato, 2002, p. 5).

A terceira fase tratou-se daquilo que foi denominado reengenharia, quando as empresas começaram a integrar aos negócios eletrônicos os diversos setores como: logística, recursos humanos, planejamento de produção, administração e finanças. A quarta etapa foi oferecer um serviço personalizado aos clientes, a partir do *eCRM (Electronic Consumer Relationship Management)*. Essa aplicação acontece da seguinte forma: os produtos divulgados no site vão de acordo com as últimas pesquisas ou compras realizadas, produzindo, assim, hábitos de consumo.

Após essas fases, chega-se à era do marketing digital, com lojas exclusivamente online, que atualmente movem a economia em suas diversas esferas. “Suas funcionalidades se tornaram parte indispensável para atividades cotidianas, como compra de produtos, transações bancárias, aluguel de imóveis, entre outras” (Ferreira, Grangeiro, Pereira, 2019, p. 05). A internet, atualmente, conecta bilhões de usuárias e usuários através de *smartphones*, *notebooks* e *tablets*. Mas não apenas isso: inúmeras ferramentas tecnológicas contam com a internet para o seu funcionamento, por exemplo: relógios, sistemas de vigilância, consoles para jogos, automóveis, entre outros.

O avanço dessas tecnologias é frequentemente exaltado como essencial para o crescimento econômico, político e social do século XXI. É real que mudanças significativas aconteceram: por exemplo, atualmente é possível ministrar cursos, aulas, palestras em tempo real, utilizando as plataformas digitais, como realizar

consultas médicas e comunicações instantâneas com pessoas, independentemente da localização geográfica.

No entanto, há implicações negativas trazidas por esse avanço tecnológico no âmbito econômico, político e social. Tais encadeamentos precisam ser considerados, pensando nos diversos países e seus diferentes contextos, especialmente na perspectiva da arrecadação: países ricos, de renda média e pobres. Os impactos causados em territórios suburbanos precisam ser refletidos e problematizados. Nessa perspectiva, é interessante que seja levantado o assunto sobre a colonialidade do poder como parte caracterizante da modernidade.

Anibal Quijano (2005) explica como a dominação, a partir do capital, colocou as pessoas não brancas como indivíduos inferiores e passíveis de exploração e trabalho não remunerado ou com pagamento insuficiente. Tendo em vista que a ideia de raça passou a ser compreendida como uma identidade e, a partir da interação social, foram se estabelecendo relações de dominação, as identidades foram relacionadas a posições hierárquicas, de lugares e condutas.

Considerando que essa divisão de raças foi colocada com a finalidade de enriquecer e concentrar o lucro nos bolsos europeus, dessa forma, o poder foi alcançado. Logo, foi colocada em prática a escravização, utilizando-se da exploração do trabalho e de violências contra os povos não brancos. Com o fim do sistema escravocrata, as formas de abuso de trabalho não se encerraram, mas se adaptaram ao novo contexto. A partir de uma política de precarização e dependência, a Europa Ocidental se constituiu no centro do poder mundial. Quijano (2005) se debruça nos países da América Latina, sobre como foram colocados na condição de dependência política, cultural, econômica e de desenvolvimento dos países europeus e norte-americanos. Portanto, utilizam-se, especialmente, da mão de obra de pessoas negras para exercer os serviços que são considerados de risco. Assim, a continuidade da escravização é perpetuada, mas com um novo formato, mantendo o objetivo de levar lucro para a Europa. É importante ressaltar que as questões relacionadas à raça e ao racismo estão intimamente ligadas à manutenção do sistema capitalista e colonizador, com a colonialidade do poder.

Entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas (Césaire, 2020, p. 24).

Além dos meios materiais, sua permanência se mantém por relações de dominação, subalternidade e sujeição de maneiras de vida, de saberes e de conhecimento. Ou seja, já na condição de centro do capitalismo mundial, a Europa impôs seu controle sobre a subjetividade, a cultura, o conhecimento e a produção de conhecimento. A supremacia europeia estava instaurada.

Esse processo foi estabelecido através de inúmeras e variadas violências, como a expropriação das populações colonizadas para benefícios próprios; a repressão que determinou a eliminação da herança cultural e das subjetividades de alguns povos; a determinação religiosa foi, especialmente, uma das condições forçosamente impostas aos colonizados.

[...] Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (Quijano, 2005, p. 121).

Com o triunfo da Europa Ocidental em tornar-se o centro mundial, os europeus desenvolveram uma perspectiva de mundo onde se consideravam superiores às demais nações e grupos étnicos: o etnocentrismo. Esse traço é comum a todos os colonizadores e imperialistas da história, no entanto, no caso europeu, há uma particularidade e uma justificativa: “a classificação racial da população do mundo depois da América” (Quijano, 2005, p. 121).

Ainda segundo Quijano (2005), a combinação dos fenômenos — o etnocentrismo colonial e a classificação racial universal — levou os europeus a se sentirem naturalmente superiores aos demais povos do mundo. Esse sentimento de superioridade natural influenciou fortemente a ideia de modernidade, partindo da perspectiva europeia ocidental. Ressaltando que o debate sobre modernidade e pós-modernidade possui uma ampla bibliografia, aqui serão levantadas algumas questões sobre a modernidade tratadas por Quijano no artigo “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”.

O autor afirma que os europeus ocidentais, compreendendo serem superiores, passaram a acreditar que eram os mais novos, a espécie mais avançada e moderna da humanidade.

[...] os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo – isso não é um privilégio dos europeus – mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro de um novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder (Quijano, 2005, p.122).

A modernização é um fenômeno possível em todas as culturas e em todos os períodos históricos quando refletida pelas concepções de inovação, secular, tecnológico e científico, que em geral são relacionadas a esse conceito. Logo, a exclusividade de produção e protagonismo alegada pela Europa ocidental é consequência do etnocentrismo. O que é possível dizer é que, na atualidade, o avanço científico-tecnológico foi crescente e realizou maiores descobrimentos.

Contudo, é importante dizer que o atual padrão de poder é o primeiro, por certo, com abrangência global que se tem conhecimento na historiografia. Portanto, Quijano (2005) vai enumerar quatro especificidades desse modelo:

- a) É o primeiro em que todos os campos da existência social estão vinculados às formas de controle das relações sociais;
- b) É o primeiro em que está sob um regime hegemônico que perpassa todas as estruturas da existência social, que estão dispostas em instituições de controle: controle do trabalho, de seus recursos e produtos, está a **empresa capitalista**; no controle do sexo, de seus recursos e produtos, está a **família burguesa**; no controle da autoridade, seus recursos e produtos, está o **Estado-Nação**; no controle da intersubjetividade, o **eurocentrismo**;
- c) Cada uma dessas instituições mantém relação de dependência recíproca;
- d) É o primeiro padrão de poder que engloba a população do planeta.

O sistema vigente atua, desde sua formação, com a pretensão de homogeneizar as populações que estão sob o seu domínio. Há três elementos básicos que influenciam o mundo na atualidade: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo.

Em síntese, é possível afirmar que, de acordo com os estudos e análises levantados por Aníbal Quijano, o capitalismo se desenvolveu e teve como base o colonialismo; que não há colonialidade sem a divisão da humanidade em raças; que a escravidão, o racismo e o genocídio dos povos originários foram fundamentais para a construção e desenvolvimento do eurocentrismo; e que não há modernidade sem a colonialidade. “Não há capitalismo sem colonialismo e, por sua vez, não há colonialismo sem racismo, e ambos estão interligados dialeticamente por uma relação de determinações reflexivas” (Faustino, 2021, p. 474).

Após essa breve discussão sobre a colonialidade do poder e a estrutura de dominação ocidental, retomamos o tema das tecnologias e suas implicações coloniais. Segundo Sérgio Amadeu da Silveira (2021), há inúmeras não-questões que envolvem a colonialidade estendida pelas tecnologias. O autor vai dizer que, na perspectiva de muitos intelectuais, o colonialismo histórico acabou, contudo a colonialidade se mantém e pode ser estruturada e observada.

Na perspectiva das tecnologias, Deivison Faustino e Walter Lippold (2023) trazem para o debate o conceito de colonialismo digital, levando em consideração que o debate central é no âmbito digital, que de maneira coerente se aplica ao colonialismo, pensando, pois, que o digital não esteve presente no contexto do colonialismo longo.

O capitalismo na era digital tem gerado um novo tipo de dependência, utilizando-se da quantificação computacional juntamente com práticas destrutivas e de dominação do colonialismo histórico, mantendo a lógica ocidental, incluindo as relações sociais, políticas e culturais.

Há, portanto, uma relação histórica entre capitalismo, colonialismo e racismo. Mas essa relação de exploração e violência pautada pelo universalismo diferencialista não se limitou ao período “primitivo” (inicial) do capitalismo mercantil nem àquele da indústria madura cuja mão de obra escrava fornecia o algodão que alimentava a produção têxtil. A violência colonial se atualiza diante das necessidades dos novos estágios de acumulação capitalista (Faustino, 2023, p. 57.)

Como todos os processos de dominação, a ideia de humano e humanização não é neutra e, por isso, não inclui a pessoa negra, com o objetivo de não romper a manutenção da exploração escravista e, conseqüentemente, de capital, no contexto do capitalismo contemporâneo.

Levando em consideração a atualização e adaptação de tais violências, Faustino e Lippold (2023) abarcam o pensamento de Fanon (1968) para analisar os

efeitos do colonialismo no contexto digital. Com isso, salientam o raciocínio de desumanização da população negra que foi concebido pelo sujeito branco a partir do fato de que “é o branco que cria o negro”. Ou seja, a pessoa negra é destituída de humanidade; esse aspecto é fundamental para que se possa entender o sentido e a estruturação do colonialismo digital e do racismo algorítmico.

Em vista disso, apresentamos definições desses dois fenômenos para que haja melhor compreensão ao decorrer das reflexões manifestadas a seguir. Sobre o colonialismo digital, corroboramos com Lippold e Faustino (2022, p. 56) quando afirmam que:

O colonialismo digital não é uma nova fase, mas um dos traços objetivos do atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista e representa um largo passo em direção à uma reificação, cada vez mais profunda, da nossa experiência e senso de realidade, elevando a um novo patamar, a objetificação e mercantilização das relações, das mais simples às mais complexas. Refere-se, em primeiro lugar, à uma nova partilha do mundo que atualiza o imperialismo e o subimperialismo, ao reduzir o chamado Sul global a mero território de mineração extrativista de dados informacionais ou a consumidores retardatários de tecnologia.

Sobre racismo algorítmico, segundo Silva (2022, p.69), pode ser compreendido “como o modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social, recursos e violência em detrimento de grupos minorizados”.

A expansão da internet e dos serviços frenéticos que surgem diariamente só foram possíveis a partir de uma rede aberta e colaborativa de produção de conhecimentos; no entanto, empresas privadas iniciaram um trabalho de privatização e venda dessas criações coletivas e começaram a lucrar e se transformaram em grandes corporações capitalistas, especificamente as *big techs* (corporações do setor da tecnologia digital).

As organizações *Apple*, *Amazon*, *Alphabet*, *Microsoft* e *META* (dona do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*), são conhecidas como *Big Five*, as empresas mais valiosas no ramo da indústria digital. A problemática que gira em torno desse crescimento lucrativo está nos meios pelos quais se dão os processos de apoderação.

Em primeiro lugar, estamos diante de uma tendente monopolização de setores estratégicos do ramo, a partir do controle da produção de aplicativos e serviços em nuvem, de produtos e acúmulo de dados e outros serviços singulares. Em segundo lugar [...], essa monopolização não rompe, e sim intensifica e diversifica, a um patamar jamais visto, as formas de apropriação do tempo de trabalho para as finalidades de acumulação de capitais (Faustino, 2023, p.73).

Sabe-se que a apropriação de dados é uma das atividades principais de faturamento das *big techs*. Não é por acaso que produtos e serviços são ofertados por e-mail e redes sociais por segundo. Isso é possível devido às grandes infraestruturas desses oligopólios, que passaram a ter controle das publicidades, direito de uso e acesso à captura de dados. Destarte, têm expandido e obtido o controle dos demais setores sociais e econômicos. É importante que se diga que há também desvios lucrativos. “[...] as gigantes de tecnologia possuem sedes regionais localizadas em ‘esconderijos fiscais’, também chamados de paraísos fiscais. Estes permitem sonegações bilionárias que juntas já passam da casa do trilhão de dólares [...]” (Pessanha, online, 2021).

Voltando o olhar para a América Latina, especificamente para o Brasil e a Bolívia, alguns acontecimentos reforçam "As veias abertas da América Latina", escrita por Eduardo Galeano em 1971. O Brasil, ante o mandato de Donald Trump³⁶, submeteu-se a uma política de servilismo aos Estados Unidos, tornou-se notável na disseminação de *fake news* pelas redes sociais, em especial pelos serviços de mensagens eletrônicas pelo *WhatsApp* articulada a outras mídias sociais em prol da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro³⁷. Sobre a Bolívia, Elon Musk, dono e fundador da Tesla (empresa automotiva e de armazenamento de energia norte-americana) fez apoio explícito aos Estados Unidos no golpe da Bolívia, tendo em vista garantir o fornecimento de lítio, elemento químico utilizado na bateria de carros elétricos. O lítio é um componente utilizado na produção de energias renováveis como a energia solar, eólica e dos reatores para energia nuclear. Atualmente a matéria-prima tomou destaque por ser usada na fabricação de baterias de veículos elétricos, as principais fontes de lítio estão localizadas predominantemente na América Latina, especialmente na Argentina, Bolívia e Chile. Esses são apenas dois exemplos de inúmeros relacionados a manipulação e golpes políticos corroborados por tais indústrias. É

³⁶ 20 de janeiro de 2017 – 20 de janeiro de 2021

³⁷ Ex-presidente do Brasil 1 de janeiro de 2019 - 31 de dezembro de 2022

considerável que se diga, mesmo sendo notório que as lideranças dessas organizações apoiam governos autoritaristas e não democráticos.

Outro aspecto elementar no fluxo de desenvolvimento e controle político e econômico das *big techs* é a sustentação e ampliação das desigualdades. Sabendo que a concentração, produção e exportação das tecnologias estão no Norte, as empresas se beneficiam dos lucros obtidos mundialmente.

Na época do colonialismo histórico, temas centrais no debate político europeu sequer chegavam aos territórios coloniais. Os moradores das Américas não precisavam opinar, eles não existiam. Essa relação segue mais ou menos intocada na era do colonialismo de dados. Os produtores de tecnologia pouco se importam com os consumidores do Sul Global, salvo o recebimento de feedback para melhorias de seus próprios produtos ou com alguns nichos lucrativos. O que importa são os dados coletados (Cassino, 2021, p. 29).

No Brasil, é constitucional o direito e o acesso à educação. Há projetos e medidas legais que regulamentam esse direito para crianças, jovens e adultos. No entanto, há barreiras históricas e estruturais que têm contribuído para a evasão escolar e, conseqüentemente, o analfabetismo da população brasileira, majoritariamente negra.

A pandemia do COVID 19³⁸ acentuou as violências de racismo, as condições precárias de subsistência e falta de acesso a recursos tecnológicos e informacionais de estudantes brasileiros. Em março de 2020, as escolas brasileiras fecharam as portas e deram início ao ensino remoto, que exigia, basicamente, das/dos estudantes, a posse de aparelhos tecnológicos de comunicação (computador, celular, tablet) conectados à internet. Nesse contexto, as deficiências de aprendizagem se intensificaram, sabendo-se que a situação das/dos estudantes do ensino público, notadamente, é deficiente nos diversos aspectos sociais, culturais, econômicos, de saúde e da própria educação.

As sequelas deixadas pela COVID-19 no âmbito econômico, educacional, de saúde e político ainda estão muito presentes no cotidiano. Algumas intervenções promovidas no período pandêmico permaneceram e foram incluídas na dinâmica regular. Um exemplo dessa manifestação é a educação digital e o surgimento de Plataformas Digitais Educacionais (PDE).

³⁸ Doença infecciosa, que se espalhou pelo mundo no ano de 2020.

A Plataformização da Educação é parte de um fenômeno mais geral das relações entre tecnologia e sociedade. Tecnologia e finanças. Tecnologia e trabalho. E no âmbito cruzado destas relações, foram entrando em nosso cotidiano no final da década passada - e de forma mais intensa na Pandemia e no Pós-Pandemia -, misturando uma necessidade emergencial com um difuso discurso de modernidade tecnológica presente na atual sociedade capitalista (Pessanha, p. 2, 2023).

Nesse processo de plataformação da Educação, há inúmeras problemáticas; todavia, o destaque aqui será para a perspectiva de captação de dados que serão revertidos em lucros para as *big techs*. Considerando que a plataformação perpassa todos os setores, não apenas a educação, “são processos integrados no uso dos dados através das PDs que permitem que as fábricas, lojas, consultórios e escolas entrem em nossas casas, via mídias digitais” (Pessanha, p. 5, 2023).

Figura 4: A Plataformização e APPficação dos negócios (marcas):



Fonte: <https://www.robertomoraes.com.br/search?q=plataformiza%C3%A7%C3%A3o> (2023)

Pode-se dizer que há um esquema movido pela lógica do capital que cria dependência financeira e ideológica em proporção mundial. Os dados fornecidos para a utilização dessas plataformas são convertidos em recursos que ficam concentrados nos países que comandam as *big techs*. Outro fator a ser considerado é a terceirização de serviços essenciais para o funcionamento do sistema em tela; no entanto, desvalorizada, a função de moderador de conteúdos, como Machado (2021) destaca, é responsável pela análise e extração de conteúdos que violem as políticas de tais plataformas, abrangendo questões de direitos autorais até vídeos de violências explícitas em geral. Em conjunto com esse serviço, está a negação de direitos dos trabalhadores, principalmente em relação aos aspectos de saúde mental, tendo em

vista que a região escolhida para realizar tais funções não considera esse adoecimento como um risco ocupacional.

O trabalho de moderação de conteúdo, apesar de intenso na região, não é restrito ao Sul Global. Mais de 10 mil trabalhadores americanos que atuam ou atuaram como moderadores de conteúdo entraram com uma ação judicial contra a Facebook Inc. alegando que o trabalho ao qual eles foram submetidos - que inclui analisar fotos e vídeos retratando violência extrema - lhes causou grandes danos psicológicos. No início de 2020, a empresa chegou a um acordo de 52 milhões de dólares com os advogados que representaram os trabalhadores estadunidenses. Os contratados em países do Sul Global não tiveram o mesmo desfecho. Trabalhadores da Índia alegam que processos trabalhistas desse teor dificilmente vão para frente no país, pois esse não reconhece problemas de saúde mental como um risco ocupacional, enquanto na Filipinas, embora existam leis trabalhistas que afirmam que as empresas terceirizadas também possuem responsabilidade pelos funcionários que trabalham para as empresas contratantes, essas leis não se aplicam às empresas de *business process outsourcing* (empresas que terceirizam processos de negócios que tenham foco em tecnologia da informação). Isso mostra que, mesmo ao observar funções similares exercidas por trabalhadores do Sul e do Norte Global, é possível identificar uma assimetria de vulnerabilidades (Machado, p. 57, 2021).

Dessa forma, cabe aqui chamar a atenção para a uberização do trabalho. O conceito de uberização tem tomado visibilidade e se tornado muito frequente no âmbito sociológico, por possibilitar a compreensão das relações que despontam a partir das tecnologias. O desenvolvimento tecnológico desencadeou um tipo de precarização do trabalho reconhecido como radical. A economia compartilhada, também conhecida por consumo colaborativo, está engajada na dinâmica de estabelecer relações de negócios conectando consumidores e provedores de serviços. Sites e aplicativos como *iFood, Uber, Airbnb, Mercado Livre* e *Estante Virtual* são exemplos dessa movimentação econômica. Logo, “a expressão uberização é utilizada para representar todas essas relações de trabalho decorrentes da chamada economia do compartilhamento” (Bianchi, Macedo e Pacheco, 2020, p. 149).

Nesse contexto, é salientada a facilidade e comodidade que é para o consumidor adquirir serviços e produtos sem sair de casa. Porém, a relação entre trabalhador e empresa não é considerada. O discurso de flexibilidade de horários de trabalho, em que o trabalhador é colocado como dono dos meios de produção, tem acobertado a ausência de direitos trabalhistas.

[...] os profissionais inseridos na lógica da uberização estão diretamente ligados na dinâmica da venda de força de trabalho, pois não existe uma relação formal, jurídica e legal que ampare esses indivíduos no sentido que se acidentarem, se deixarem de trabalhar por algum motivo ou se sofrerem qualquer empecilho para a realização de suas funções, deixaram de ganhar (Dias, 2020, p.7).

A fiscalização do trabalho desses profissionais fica a cargo dos clientes; no caso dos motoristas de aplicativo, se a avaliação for baixa, os lucros caem, e o número de pedidos de corridas também diminui. É importante destacar que a Uber é uma empresa de transporte, mas que se intitula como empresa de tecnologia. Bianchi, Macedo e Pacheco (2020) trazem reflexões críticas sobre a economia compartilhada, a precarização e as relações de trabalho dos profissionais que atuam como motoristas vinculados à Uber. Neste sentido, destacam pontos que corroboram para a afirmativa de que a relação efetiva dos motoristas e da Uber é um vínculo de emprego, pois há todos os componentes que configuram e estruturam para isso, de acordo com os requisitos exigidos legalmente pela legislação brasileira pelos artigos 2 e 3 da Consolidação das Leis do Trabalho.³⁹, e não a relação difundida de empreendedorismo.

Abaixo são postos os requisitos demonstrados por Bianchi, Macedo e Pacheco (2020).

- a) Primeiro requisito: refere-se à prestação de serviço por pessoa física
- b) Segundo requisito refere-se à pessoalidade do serviço prestado
- c) Terceiro requisito: refere-se a não eventualidade

O terceiro requisito – a não eventualidade – é dividido em três vertentes que, de acordo com os autores, devem ser analisados conjuntamente, a saber: a primeira vertente é sobre o contrato de trabalho contínuo, que não pode ser algo ocasional; a segunda vertente é a função integrada à atividade-fim do empregador; e, finalmente, a existência de subordinação jurídica entre o empregado e o empregador.

Diante da realidade laboral dos motoristas de aplicativo, há uma dependência dos motoristas em relação à Uber, o que diferencia da dinâmica tradicional é que os comandos são desenvolvidos por sistemas operacionais e algoritmos que fiscalizam

³⁹ CLT. Art. 2º - Considera-se empregador a empresa, individual ou coletiva, que, assumindo os riscos da atividade econômica, admite, assalaria e dirige a prestação pessoal de serviço. Art. 3º - Considera-se empregado toda pessoa física que prestar serviços de natureza não eventual a empregador, sob a dependência deste e mediante salário

a jornada trabalhada e que cobram assiduidade e produtividade daqueles que são chamados de “empreendedores”.

Figura 5: Os empreendedores



Fonte: @tonidagostinho (2023)

Essa tendência de qualificar trabalhos exaustivos como empreendimento retira do trabalhador seus direitos trabalhistas, contribui para dismantlar direitos sociais e impõem uma lógica destoante da realidade. Fica a cargo do Estado interferir, reconhecer e conceder direitos trabalhistas para tais profissionais.

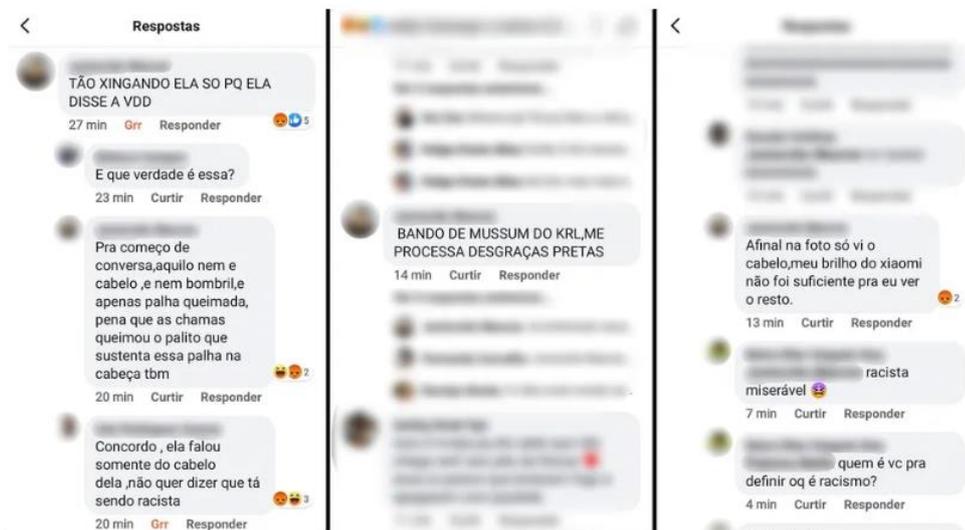
A sua caracterização indevida como empreendedorismo acarreta na intensificação da questão social e funciona como um círculo vicioso, isto é, causa e consequência do processo de uberização. Os indivíduos se submetam a relações precárias de trabalho pela necessidade de subsistência, e essa mesma relação, por sua vez, funciona como um forte elemento impulsionador da desigualdade social, inerente ao sistema capitalista de produção (Bianchi, Macedo e Pacheco, p.152, 2020).

Outra ação de controle político e econômico comum das *big techs* é realizada através de marketing e discursos sobre aperfeiçoamento e ascensão tecnológica que adentram em locais vulneráveis e de pouco acesso, com a finalidade de causar dependência e obter um maior número de usuários para suas plataformas. Ou seja, inúmeras violências e violações estão envolvidas no processo de automatização dos funcionamentos de ordenação e gestão. Para ilustrar, trazemos Abeba Birhane (2020), que reflete sobre a atuação do *Facebook* em parte da África, com a justificativa de proporcionar assistência humanitária para a população.

Em 2016, o Facebook declarou que está criando um mapa de densidade populacional da maior parte da África usando técnicas de visão computacional, dados populacionais e imagens de satélite de alta resolução (Greenwood, 2019). O Facebook, no processo, designou-se como a única autoridade responsável por mapear, controlar e criar conhecimento da população do continente. Ao fazer isso, não apenas o Facebook está assumindo que o continente (seu povo, movimento e atividades) está disponível para fins de extração, manipulação e previsão de dados, através da criação do mapa da população, como também o Facebook assume autoridade sobre o que é percebido como conhecimento legítimo da população do continente (Birhane, 2020, p. 158).

Seguindo a lógica de dominação e colonização, as dinâmicas de relacionamentos e interações nas plataformas são mediadas por discursos racistas, notadamente nas mídias sociais. Para ilustrar, segue a imagem de um caso de racismo, ocorrido em 2020, pela rede social *Facebook*.

Figura 6: Caso de racismo pelo Facebook, em 2020.



Fonte: g1 Bauru e Marília (2020)

Sabendo que o racismo não é um fenômeno novo, que não surgiu com as tecnologias informatizadas e suas plataformas, como visto no início da subseção, discursos e ações racistas estão presentes no cotidiano, como consequência dos efeitos de séculos de escravização. O que acontece é a passagem do racismo para as mídias sociais. Tarcízio Silva (2022), na obra “Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais”, aborda as diversas facetas do racismo a partir de pesquisas críticas sobre comunicação digital e, dessa forma, nos apoiamos

nessa publicação para tratarmos do racismo online, assim retomando a discussão sobre racismo algorítmico.

Diariamente são recomendados conteúdos nas *timelines* das mídias sociais para seus usuários, cadastros através de biometria, segurança digital e reconhecimento facial são alguns exemplos de aplicações presentes no cotidiano usual de computadores e smartphones. É importante enfatizar que a Inteligência Artificial (IA)⁴⁰ é desenvolvida a partir das concepções e contexto ocidental, isso quer dizer que há uma continuidade das violências e sistemas de dominação notadamente em relação aos aspectos de raça e racismo, tendo em vista, a contextualização histórica de controle colonial.

A manutenção e reprodução dos privilégios da branquitude partindo de uma centralidade evocativa à Europa se ligaram histórica e economicamente à dominação colonial e neocolonial, com desdobramentos da ciência à tecnologia, mas sempre através da evitação ao debate sobre raça (Silva, 2021).

É importante frisar esses aspectos para que se possa sobrepujar as concepções de neutralidade da tecnologia, sabendo que os dados necessitam de tratamento e passam pelo processo de categorização, antes de serem armazenados e que esses procedimentos são produzidos por pessoas. É possível citar muitos exemplos de como a estrutura tecnológica relacionada a IA reproduz racismo. No entanto, o sistema de reconhecimento facial é um exemplo emblemático.

Pode-se considerar que a característica mais evidente desse fenômeno é o reconhecimento facial relacionado a sistemas de segurança. Habitualmente casos denominados de falhas no sistema de reconhecimento facial são notificados no Brasil e fora do Brasil. Uma matéria do G1 BA, publicada em 01/09/2023 aponta os seguintes dados:

ferramenta de reconhecimento facial, que já prendeu 1.011 pessoas na Bahia, levou vários inocentes à cadeia desde a implementação, em 2018. Especialistas dizem que o sistema, que tem investimento de R\$ 665 milhões do estado, usa catálogos informais e é fundamentado no "racismo algorítmico" (Alencar, 2023)

Tais erros e falhas do sistema de reconhecimento facial não acontecem de forma aleatória; existe um padrão: rostos negros são os alvos de tais equívocos. Um exemplo representativo disso é o caso envolvendo o astro do cinema norte-americano

⁴⁰ (...) a busca pela inteligência artificial geral significa tentar emular capacidades da mente humana nas diversas esferas da experiência, produzir comportamento autônomo, independente e proativo e aprender sobre esse comportamento de forma criativa (Silva, 2021)

Michael B. Jordan, ator do filme “Pantera Negra”, que aparece em lista de procurados pela polícia do Estado do Ceará. A imagem do ator estava vinculada a um catálogo para reconhecimento de suspeitos envolvidos em chacina.

Para ilustrar, trazemos um quadro elaborado por Tarcízio Silva (2022), onde ele apresenta uma lista de casos de racismo algorítmico. Na tabela do autor, ele apresenta os casos associados ao conceito de microagressões. Nesta pesquisa, utilizaremos apenas o recorte dos casos identificados como racismo algorítmico, entendendo que esse aspecto é substancial nas reflexões aqui expressas.

Quadro 4 – Lista de casos de racismo algorítmicos mapeados por Tarcízio Silva (2022)

Caso de Racismo Algorítmico
Sistema do Google permite empresas exibirem anúncios sobre crime especificamente a afroamericanos (Sweeney, 2013)
Resultados no Google Imagens apresentam hiperssexualização para buscas como “garotas negras” (Noble, 2013, 2018)
Facebook esconde manifestações contra violência policial racista (Tufekci, 2014)
Google Photos marca fotos de jovens negros com a tag “Gorila”
Chatbot da Microsoft torna-se racista em menos de um dia
Robôs conversacionais de startups não encontram face de mulher negra; sistemas de visão computacional erram gênero e idade de mulheres negras (Buolamwini, 2018)
Mecanismos de busca de bancos de imagens invisibilizam famílias e pessoas negras
App que transforma selfies equipara beleza à brancura
APIs de visão computacional confundem cabelo negro com perucas
Ferramentas de processamento de linguagem natural possuem vieses contra linguagem e temas negros
Análise facial de emoções associa categorias negativas a atletas negros
Twitter decide não banir discurso de ódio nazista/supremacista branco para não afetar políticos republicanos

Fonte: Extraído de Silva (2022).

No contexto brasileiro, o discurso de neutralidade tecnológica junta-se ao ideal de democracia racial, dificultando assim as punições necessárias para situações criminosas envolvendo o racismo online. Esse fato reforça e tem atuado para a naturalização de casos de racismo na internet, especialmente através das principais plataformas de mídias sociais, a saber: Facebook, Instagram, X (antigo Twitter), YouTube e WhatsApp. Tais crimes são conhecidos como discurso de ódio e, quando acontecem contra mulheres negras, o índice é superior. Esse fato corrobora com o que Lélia Gonzalez (1984) afirma: a mulher negra sofre duplamente, por ser negra e mulher.

Algumas dessas ocorrências tomaram/tomam maiores repercussões e visibilidade por terem vitimado mulheres negras famosas, como, por exemplo: Taís Araújo, Maria Júlia Coutinho, Ludmilla, Sheron Menezes e Cris Vianna. No entanto, diariamente, mulheres e meninas negras são atacadas em seus perfis.

Nos anos 2012, surgiram inúmeros perfis e grupos online sobre beleza e estética negra, e a consequência foi o incentivo e a disseminação de mulheres e meninas negras passarem pela transição capilar, assumindo e postando seus cabelos naturais crespos e cacheados. O *Facebook* e o *YouTube* foram as principais plataformas utilizadas para tratar tais temas. Os conteúdos variam entre testemunhos e relatos pessoais sobre a transição, dicas de como cuidar dos fios, penteados e sobre como o racismo impacta diretamente na estética negra, iniciando pelos cabelos.

Atualmente, o *Instagram* tem sido uma das principais plataformas de atuação de mulheres negras que tratam sobre as questões das relações raciais, nos seus mais diversos aspectos. Logo, após a explanação sobre as tecnologias, colonialismo digital e racismo, partiremos para a discussão a respeito das mulheres negras influenciadoras digitais.

5 E A INFLUENCIADORA NEGRA, CUMÉ QUE FICA?

Neste instante eu me dirijo a você, onde e como você estiver: É duro zombarem do seu sofrimento com tanta acomodação. Olhe, Jurema, justamente porque as coisas foram assim com você era importante que você me respondesse. Lembrando nossa infância, a nossa adolescência, não posso aceitar sem asco que queiram nos dar como alternativa nossa “cultura” e nossa forma de estar no mundo. Não aceito porque é um preconceito. Quem nos dá esta opção são os mesmos brancos. Eles não sabem que você um dia me disse – continue. Eu continuei, mas lhe digo que não adiantou muito. O preconceito é o mesmo, embora hoje eu seja mais “viva” e não o deixe me destruir como destruiu parte de você. De onde você estiver, fazendo de suas palavras as minhas: “Não deixe que façam isso conosco! (Nascimento, Beatriz, 2015)

O texto anterior trouxe as pautas das tecnologias e como as opressões históricas da colonialidade se adequaram à realidade atual, tratou dos aspectos da uberização do trabalho e da invisibilidade da exploração dos profissionais, e, por fim, como o racismo se incorporou na dinâmica das plataformas de mídias sociais. Nesta seção, chamamos a atenção para a situação das influenciadoras negras. Por isso, a indagação: “E a influenciadora negra, cumé que fica?”.

O título desta seção faz referência ao artigo de Lélia González, e a epígrafe pertence a Beatriz Nascimento. Lélia foi uma intelectual, ativista antirracista, militante em partidos políticos no Brasil. Maria Beatriz Nascimento, por sua vez, foi uma intelectual negra, nordestina que trouxe, em seu ativismo político e intelectual, extensa contribuição nos estudos das relações raciais, das comunidades quilombolas, do período escravocrata e no campo da história e da historiografia do Brasil.

Essas mulheres, em seus contextos, moveram muros e trouxeram à tona discussões que têm sido fundamentos importantes para pensarmos as especificidades das mulheres negras. Logo, é crucial que entendamos a posição em que foi colocada historicamente a mulher negra, para compreender e discutir a sua atuação contemporânea no âmbito das mídias sociais. Para isso, nos apoiamos em Lélia e Beatriz, precursoras no debate sobre a relação entre classe, racismo e sexismo.

Como já discutido, entre os projetos políticos de dominação colonial esteve a desumanização, notadamente, da população negra. Entendendo que o processo de desumanização fez parte de um conjunto extenso de violências e violações e, no Brasil, a miscigenação fez parte desse curso que inicialmente tinha como objetivo o

embranquecimento populacional. Todavia, o projeto de embranquecimento não aconteceu como ambicionado. Com isso, os higienistas, estrategicamente, passam a considerar a miscigenação como fator conveniente, disseminando a ideia de que o Brasil possuía uma raça original.

E nesse contexto foi forjado o imaginário da mulher negra submissa. Lélia González (1984), a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta, analisa a situação da mulher negra no interior desse discurso.

Inicialmente, a autora vai tratar da naturalização do racismo. Afirmando que, no entendimento da lógica de dominação, o lugar da população negra é na mazela, que toda pessoa negra é irresponsável, infantil, que não possui capacidade intelectual, que se não possui um trabalho é malandro e se é malandro é ladrão. A mulher negra é, naturalmente, faxineira, prostituta, cozinheira. Outro coeficiente que reforça esse ideal é a historiografia oficial que tem perpetuado a narrativa e internalizado uma idealização de que, no Brasil, o racismo não existe, que as relações são cordiais, devido à miscigenação.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas.... Nem parece preto (Gonzalez, 1984, p. 226)

Nesse discurso é construído o mito de democracia racial que foi consolidada na obra de Gilberto Freyre, *Casa grande & senzala*. A obra e o mito da democracia racial romantizam os estupros, assédios, violências físicas e psicológicas causadas às vítimas e influenciou estudos científicos, especialmente, de cientistas estrangeiros.

Beatriz Nascimento (2021) no artigo “Por uma história do homem negro” desenvolve reflexões a partir de inúmeras indagações sobre o desprezo concedido a população negra no Brasil, nos mais diferentes aspectos, e especialmente nas ciências humanas que estudam apenas e quase que exclusivamente o período escravagista e a população escravizada pelo mesmo viés colonizador. “A história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma história do Brasil ainda a ser feita”. (Nascimento, 2021, p.45).

Sobre a mulher negra ficou o peso de carregar sozinha todos os tipos de violações e degradações, sem apoio do homem negro, devido também a sua condição

de escravizado. Sueli Carneiro (2006) vai dizer que foi concebido um tipo de independência e autonomia como consequência do abandono social a que foram submetidas as mulheres negras que ficou denominado como o “matriarcado da miséria”.

No contexto estadunidense, mas seguindo a mesma perspectiva, Patrícia Hill Collins (2019) vai dizer que as mulheres negras podem ter deixado o trabalho doméstico em residências particulares, mas sua sobre representação em ocupações subalternas e mal remuneradas está longe de ser algo do passado.

Retomando as discussões sobre as noções de mulata, doméstica e mãe preta apresentadas por Lélia Gonzalez (1984), a autora vai trazer o carnaval como exemplo simbólico do mito da democracia racial relacionando-o especificamente com a posição da mulher negra nesse espaço e discurso. De acordo com Lélia, a mulher negra torna-se uma das protagonistas de tal evento, juntamente com todo o espetáculo montado. No entanto, o protagonismo é direcionado ao corpo, ao rebolado, às coxas, ou seja, a estrela sexualizada que se tornou o principal produto vendido no período carnavalesco.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica (Gonzalez, 2020, p. 80).

E para entender como esses dois termos, "mulata" e "empregada", são atribuídos à mesma pessoa, retornamos ao período escravocrata e ao papel da mucama, que era a escravizada que lavava, passava, cozinhava, cuidava dos filhos da senhora e era estuprada pelos senhores. Dessa forma, "o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama" (Gonzalez, 2020, p. 82).

No período escravocrata, a mulher escravizada que exercia a função de mucama, além de todos os serviços prestados e violências sofridas na casa grande, ainda era o amparo emocional e cuidadora de seus companheiros e familiares. O que não difere muito das domésticas atuais que, em sua maioria, vivem em situações de precariedade, são as únicas que sustentam suas casas, devido principalmente ao genocídio da juventude negra e à perseguição policial aos homens negros.⁴¹

⁴¹ No Brasil, 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza. <https://www.generonumero.media/reportagens/casas-mulheres-negras-pobreza/>

A única figura que é tratada de maneira menos agressiva, de acordo com Lélia, é aquela que contribuiu na perpetuação de valores fora dos padrões ocidentais: que amamentou, que colocou para dormir, que contou histórias, que ensinou a andar e a falar. Sim, a mãe, mas a mãe preta e/ou ama preta. “Ela é a mãe neste barato doido da cultura brasileira” (Gonzalez, 2020, p. 87).

O papel exercido pela mãe preta foi fundamental para o que Lélia afirma sobre a nação brasileira ser uma América Ladina. Isso porque a mãe cumpriu sua maternidade em excelência, e desse feito surge o pretuguês e a consolidação da maternidade desse país.

E por falar em pretuguês, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém do tronco linguístico bantu que “casualmente” se chama bunda). E dizem que significante não marca... Marca bobeira quem pensa assim. De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido, é coisa. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência européia, muito civilizado, etc e tal (Gonzalez, 2020, p.90).

Sobre os aspectos da consciência, ela está presente nas diversas formas de manutenção das relações de poder, que perduram na figura do homem com ascendência europeia. No sistema de hierarquias que foi estabelecido em nossa sociedade, há uma classificação que determina os espaços que podem ser ocupados a partir do critério racial. Dentro dessa categorização, a população negra encontra-se nos lugares inferiores dessa hierarquia.

O acesso à escolarização no Brasil foi tardio. Somente na década de 1930 do século XX surgem políticas públicas voltadas para a educação, considerando que acontece dentro do contexto da Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, que impulsionou a industrialização brasileira, a urbanização e a educação. No entanto, a prioridade para frequentar a escola era da elite; a população negra e pobre permaneceu marginalizada também nessa área.

No âmbito da política social elaborada pelo governo Getúlio Vargas, a partir de 1930, muitas medidas foram efetivadas seguindo a direção estabelecida por eugenistas, alienistas e higienistas, no campo da assistência psiquiátrica, da higiene escolar e da educação sanitária (Machado, 2009, p.62).

Esses fatores foram componentes que favoreceram e privilegiaram o grupo racial dominante, o branco. Tendo em vista que a historiografia oficial, a partir dos diferenciados aparelhamentos institucionais, funciona a favor do soterramento das histórias locais, da destituição identitária da população negra, da eliminação de lembranças e quaisquer vínculos da população escravizada e de seus descendentes com a África.

Essa denegação escolar e educacional contribuiu para a continuidade da população negra nos serviços precarizados. A mulher negra continua sendo a mais explorada, pois é afligida por três tipos de discriminação, a saber: a racial, a sexual e a social.

A experiência da mulher negra na sociedade historicamente é marcada pela desumanidade. É importante que se diga que, ao longo dos anos, paulatinamente a população negra vem conseguindo alcançar conquistas importantes e que é graças à mulher negra que as concepções que afirmam a nossa identidade e ancestralidade foram preservadas. E dessa forma, tem sido possível unir os fragmentos que ficaram soterrados no solo das lavouras e no porão da casa-grande.

Lélia Gonzalez (2020) vai dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pelo negro, devido ao espírito quilombola da mulher negra, que agiu de acordo com o contexto em que foi inserida, desde os campos de plantações ao serviço doméstico.

No primeiro caso, enquanto escrava do eito, ela estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Enquanto habitante destes últimos, ela participou, como em Palmares, das lutas contra as expedições militares destinada à sua destruição, nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravista, anticolonialista e antirracista (Gonzalez, 2020, p. 198).

Na atualidade, a realidade do racismo ainda é presente na vivência da população negra brasileira. Sobre os espaços de trabalho, as pessoas negras estão majoritariamente em posições de menor prestígio econômico e social. Segundo Carneiro (2011, p. 114), “negros com as mesmas habilitações que os brancos são preteridos em processos de seleção e, quando igualmente empregados, ganham menos pelo exercício das mesmas funções”.

Sabendo da trajetória e perpetuação do racismo, que perpassa todas as esferas da vida cotidiana como parte indissociável das relações, entende-o como

estrutural. Logo, se faz presente nas relações mediadas pela internet, como explanado no texto anterior: “Tecnologia, colonialismo digital e racismo”. Posto isso, retomamos a indagação do título: “E a influenciadora negra, cumé que fica?”. Com isso, trouxemos matérias e pesquisas que analisaram e obtiveram dados sobre a situação das mulheres negras na internet.

Seguindo os caminhos de Trindade (2022), é importante que seja explanado inicialmente o que se entende por discurso de ódio, sendo esse fenômeno comum e conhecido nos debates sobre violências a partir das redes sociais. Segundo o autor

caracteriza-se pelas manifestações de pensamentos, valores e ideologias que visam inferiorizar, desacreditar e humilhar uma pessoa ou um grupo social, em função de características de gênero, orientação sexual, filiação religiosa, raça, lugar de origem ou classe. Tais discursos podem ser manifestados verbalmente ou por escrito, como tem sido cada vez mais frequente nas plataformas de redes sociais (Trindade, 2022).

Manifestações racistas nas mídias sociais correspondem à categoria de discursos de ódio. Em 2019, a revista Fórum publicou uma matéria com o intelectual Luiz Trindade, que, em sua tese de doutorado, pesquisou sobre casos de racismo no *Facebook* no Brasil, desenvolvida entre os anos de 2014 a 2017. A pesquisa revelou que 81% das vítimas de racismo no *Facebook*, no Brasil, são mulheres negras em ascensão social, na faixa etária de 20 a 35 anos de idade, sendo os principais alvos: médicas, advogadas, jornalistas e engenheiras. Na entrevista, o autor faz a seguinte análise sobre este último dado:

Historicamente, três profissões se tornaram clássicas no Brasil desde o período colonial: engenharia, direito e medicina. Naturalmente que hoje em dia as coisas mudaram bastante e surgiram diversas outras profissões de elevado prestígio. Contudo, ainda assim, no imaginário coletivo essas três profissões clássicas ainda estão associadas com ideais de privilégio e prestígio, exercidas, essencialmente, por homens brancos de classe média e alta e quando pessoas fora desse perfil se engajam nelas, isso causa espanto, estranheza e até mesmo incredulidade. Sendo assim, na medida em que mulheres negras se engajam nessas profissões e outras que lhes conferem prestígio e elevada visibilidade qualificada (como jornalismo, por exemplo), elas rompem essa corrente de pensamento e acabam se tornando alvos, já que na mente dos defensores de ideologias racistas, elas não deveriam estar ocupando tais espaços. A propósito, em um dos posts depreciativos que analisei, o usuário teceu o seguinte comentário a respeito de uma médica negra: “Ó nossa, não sabia que negros se toranm médicos. Quem se arriscaria em uma consulta?” (Trindade, 2019, online).

Fica nítido a relação dos apontamentos de Lélia González (2020), Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro (2006) com os resultados obtidos no trabalho de Trindade (2022). As mídias sociais proporcionam uma exposição dos usuários muito mais abrangente em relação à mídia tradicional, ainda possibilitando a interação entre as pessoas que fazem uso de tais plataformas. Dessa forma, é possível detectar o racismo que acontece nas mídias sociais.

Trindade (2019) vai dizer que essas violências acontecem em forma de comentários em posts. Em seu trabalho, foi possível identificar oito categorias de episódios que despertam a realização de publicações racistas contra mulheres negras, considerando que a mídia analisada pelo autor foi o *Facebook*. Isso quer dizer que, em outras plataformas, essa dinâmica pode acontecer igual ou não. As categorias foram:

- a) expressar discordância com algum post ou comentário anterior de cunho negativo contra negros;
- b) evidência de engajamento com profissões consideradas mais “nobres” e de prestígio;
- c) relacionamento interracial;
- d) exercer posição de liderança ou bem-sucedida em programa de televisão ou até mesmo como convidada de honra;
- e) desfrutar de viagens de férias para o exterior;
- f) utilizar e/ou enaltecer a adoção de cabelo cacheado natural;
- g) vencer concurso de beleza;
- h) rejeitar proposta de relacionamento afetivo

Fator importante problematizado por Trindade (2019) trata da compreensão que os criminosos da rede têm sobre seu anonimato, o que lhes faz acreditar na inexistência de punições, na sensação de liberdade e segurança em realizar tal crime. No entanto, existem técnicas e mecanismos de busca e localização. Diante de tais fatos, podemos afirmar que a impunidade fica a cargo do poder público brasileiro. A Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, criminaliza o racismo; no entanto, com mais de trinta anos de existência, a condenação por racismo no Brasil é praticamente inexistente.

Em matéria do Correio Braziliense, publicada em 2021, especialistas afirmam que “imputar a alguém o crime de racismo é difícil devido ao próprio racismo estrutural presente no Judiciário. A maior parte dos crimes raciais acabam sendo registrados como injúria racial, que tem uma pena mais leve e é prescritível” (Correio Braziliense, 2021).

Pode-se afirmar que a impunidade, mais do que o pseudoanonimato, encoraja as pessoas racistas a usarem a internet para praticar tal crime. Abaixo são apresentados os termos com maior incidência direcionados às mulheres negras.

Figura 7 Termos de discursos de ódio contra mulheres negras



Fonte: Dados da pesquisa

Na nuvem de palavras, podemos perceber que há uma indignação do lugar social que a mulher discriminada tem ocupado. Que os discursos de ódio animalizam, desqualificam tanto na perspectiva estética como profissional, fazem referência à senzala, à escravidão e à África, reforçando o imaginário de mulher negra domesticada, submissa e inferior.

Logo, é possível fazer conexão com o pensamento de Lélia González quando trata, no texto “*Têm que ficar ‘no seu lugar’*”, de que em profissões de atendimento ao público a mulher negra nem podia se candidatar, pois exigia-se boa aparência, o que, segundo Lélia, queria dizer: “negra não serve”. O que acontece com mulheres negras que possuem visibilidade midiática, e conseqüentemente nas mídias sociais, é o mesmo que acontecia quando se exigia “boa aparência” para contratação, dado que, no imaginário nacional, o lugar da mulher negra é na cozinha, em espaços invisíveis, isso no contexto profissional, como sexual, mas isso é papo para outra pesquisa.

No Brasil, os primeiros vídeos a serem publicados na plataforma *YouTube* datam do início de 2010. O *YouTube* é considerado um site de entretenimento; em 2007, foi o mais acessado no Reino Unido. Funciona na dinâmica de compartilhamento de vídeos, com conteúdo diversificado, onde é

possível também participar de comunidades e canais, em que seus usuários podem se inscrever e obter vídeos de seu interesse. Através de programas específicos para o YouTube, pode-se fazer download de vídeos para o computador, utilizando-os como se desejar (Pellegrine; Reis; Monção; O, 2010, p. 3).

Com a flexibilidade de utilização da plataforma e a visibilidade, o *YouTube* passou a ser utilizado em divulgação comercial, marketing, programas de televisão e programação política; além disso, proporciona a produção de vídeos profissionais e pessoais.

E eis que a indagação continua: “E a influenciadora negra, cumé que fica?”. Nos anos de 2014 e 2015, surgem, no *YouTube*, canais liderados por pessoas negras, notadamente, mulheres negras, tratando sobre temas relacionados às questões étnico-raciais. Com linguagem simples e conteúdo confiável, criadoras de conteúdo como: Jacy Carvalho, Gabi Oliveira, Natály Neri, Lorena Monique (Neggata), Luciellen Assis, Ana Paula Xongani, Xan Ravelli, Maristela Rosa, Nathália Braga, Patrícia Rammos, Érica Ribeiro, Maíra Azevedo, Natália Romualdo, Camilla de Lucas e outras mais se apropriam desse espaço midiático e passam a trazer, de maneira didática, assuntos antes restritos a espaços acadêmicos (considerando também que a temática étnico-racial não é tratada devidamente nas universidades), grupos de intelectuais negras e negros, movimentos sociais, passam a estimular discussões aprofundadas sobre o racismo, tornam-se um mecanismo de denúncia e narrativas combatentes.

Essas produções tomaram visibilidade importante; professoras e professores passaram a levar e indicar tais canais para os estudantes do ensino básico; estudantes de graduação e pós-graduação desenvolveram pesquisas diversas, nas mais variadas áreas, sobre o impacto causado na sociedade, suas contribuições e assim por diante. Consequentemente, blogueiras e *YouTubers* são formadoras de opinião, o que atualmente são denominados de influenciadoras digitais. Karhawi (2018, p. 53) explica que o termo se tornou popular no Brasil, a partir de 2015, e que um dos motivos fundamentais está atrelado à introdução de novas plataformas na dinâmica de produção e disseminação do conteúdo desses profissionais, que se expandiu para além do blog e do *YouTube*.

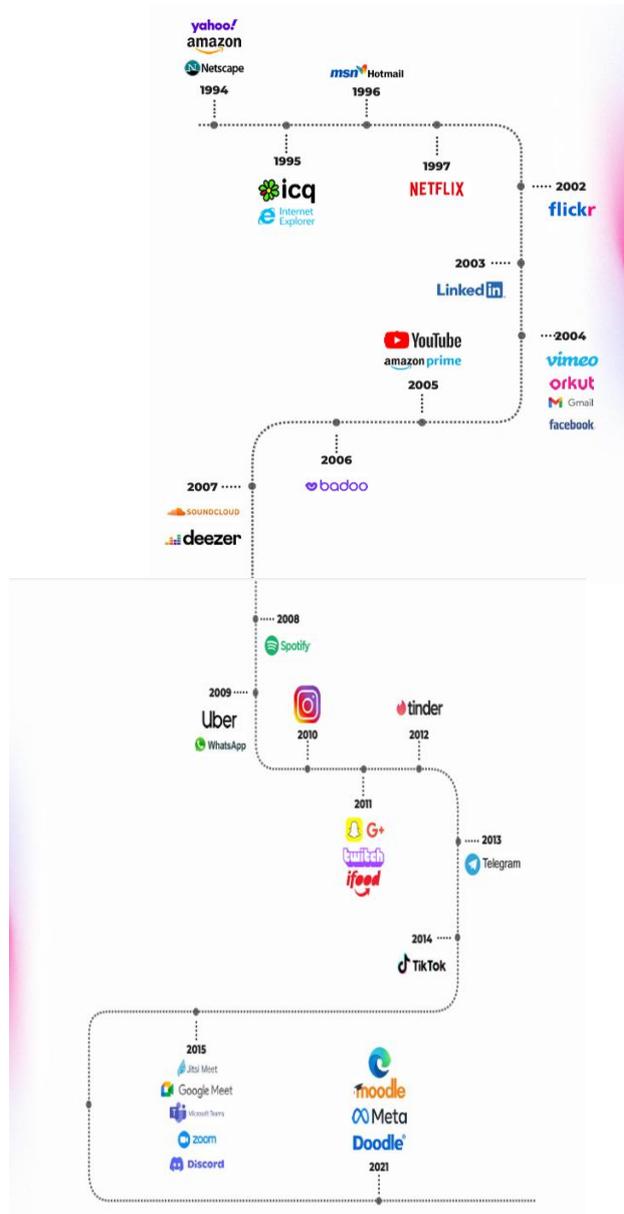
O *Facebook*, *Instagram*, *X (ex-Twitter)*, *LinkedIn*, *TikTok* são exemplos dessas plataformas, com atuações diversas e específicas. Apesar das diferenças, todas elas operam dentro da publicidade, promovendo movimentação econômica e visibilidade que são apuradas a partir do número de seguidores/as.

É importante que se diga que atuar nas redes sociais é expor-se para além da imagem; isso pode ser óbvio, mas quando estamos falando de pessoas negras, que passaram por processos de mutilação, de perda de identidade, de autoestima, de negação de si, pode-se afirmar que, para além de um ato político, é um modo corajoso e resiliente de se posicionar.

A plataforma *YouTube* foi um meio importante de ingresso e visibilidade para a atuação de produtoras/es negras/os no Brasil. No entanto, a desigualdade é latente entre negras e brancas. Oliveira (2020) adverte que “pesquisa realizada pelo Instituto Qualibest, divulgada em dezembro de 2019, mostrou que entre os 15 maiores influenciadores do Brasil, nenhum deles é negro” (2020, p. 28). Mas não é somente a inexistência de reconhecimento nacional que criadoras de conteúdos enfrentam, mas ao expor seus corpos, suas narrativas antirracistas, suas formações acadêmicas, são imediatamente alvos de agressão.

Abordamos o *YouTube*, primeiramente, por sua imensa abrangência no Brasil, por ter popularizado a criação de vídeos, onde as/os usuárias/os passam a protagonizar suas narrativas. Mas, anteriormente, outras plataformas já existiam. O PretaLab elaborou uma linha do tempo com algumas plataformas, abaixo apresentamos.

Figura 8: Linha do tempo de algumas plataformas digitais



Fonte: Extraído do Guia de cuidados digitais: aprendizados da formação de ciberativismos e cuidados digitais (2022).

A gênese da personagem da influenciadora digital acontece com a atuação em blogs, que eram listas de links da internet. Com o desenvolvimento e evolução da rede, permitiu que não só especialistas em HTML a utilizassem e administrassem um blog. A fluência em publicar em blogs tomou popularidade no início dos anos 2000. Eram utilizados como diários virtuais, blogs jornalísticos, blogs culinários, blogs institucionais de empresas, blogs de produção textual (poemas, contos e poesias). O percurso de profissionalização das influenciadoras digitais no Brasil foi longo até ser

considerado um meio confiável de informação. Houve mudanças significativas ao longo dessa linha do tempo, tanto de aprimoramento tecnológico como de interesse e responsabilidades. Atualmente, as/os usuárias/os de plataformas estão mais exigentes e vigilantes, tendo em vista que o lucro é advindo do bolso da classe trabalhadora que acessa as plataformas.

Hoje, a fase que vislumbramos na blogosfera é a dos blogs como mídia. Os blogs são espaços de comunicação, geridos por blogueiros profissionais - “originalmente” da área de Comunicação ou não. Além disso, podem ser encarados como veículos de comunicação, credenciados por leitores, pela blogosfera, pela mídia tradicional e pelo mercado no qual estão inseridos – além de fonte de renda de seus autores. (Karhawi, 2018, p.49).

Outra modificação que surgiu ao longo do tempo foi o surgimento do mercado de influência digital, que envolve o setor industrial com influenciadoras/es de mídia social que possuem significativa quantidade de seguidores em plataformas como *Instagram, TikTok, YouTube* e outras. O mercado de influência digital tem acarretado lucros bilionários; segundo dados do Relatório de Benchmark de Marketing de Influenciadores 2023, o marketing de influência digital deve expandir e arrecadar aproximadamente US\$ 21,1 bilhões, de maneira que o crescimento de investimentos foi para 29%, em comparação com a aplicação de US\$ 16,4 bilhões em 2022.

O mercado de influência digital tem exigido de suas/eus profissionais cada vez mais criatividade e dinamismo; é tanto que há uma esfera de agenciamento que presta serviços de comunicação direcionado para as plataformas de mídias sociais. O mercado de influência tem sido um campo de trabalho promissor e rentável, especificamente para pessoas não negras e indígenas, no Brasil.

O campo publicitário ainda concentra suas preferências de ações para pessoas brancas; dessa forma, as pessoas negras são excluídas e têm espaços reduzidos no campo de trabalho publicitário na mídia tradicional e nos espaços digitais. “Essa desvalorização no mercado é refletida nos números salariais, onde influenciadores brancos recebem, em média, R\$ 564 por ação publicitária nas redes, enquanto os pretos R\$ 496 [...]” (Teodoro, 2023).

Esse comportamento reforça estereótipos. Um aspecto importante de perpetuação desse modelo é a preferência por pessoas brancas para campanhas de temas gerais e pessoas negras para temas voltados para a comunidade negra.

O racismo institucional coloca em segundo plano produtoras de conteúdo competentes e com qualidade de engajamento na hora de falar de produtos, eventos e marcas que não apelam para a raça. Um erro, pois pessoas negras consomem em diversos nichos, ultrapassando as barreiras de produtos/marcas considerados nichados (Teodoro, 2023).

Quando se faz pesquisa no buscador do Google sobre “Influenciadoras negras brasileiras”, é possível encontrar uma lista com nomes de influenciadoras negras, relacionando-as à representatividade negra, beleza negra e remetendo ao dia comemorativo da consciência negra. Monte (2023) realizou uma pesquisa que propicia acréscimos ao debate sobre a mulher negra e o mercado de trabalho, especialmente no contexto das plataformas de mídias sociais. A investigação trouxe análises sobre a atuação de Camilla de Lucas. Monte (2023) vai dizer que chegou ao perfil da influenciadora da seguinte forma:

Ao todo, para chegar no nome de Camilla de Lucas, foram coletadas e analisadas, inicialmente, 12 matérias jornalísticas presentes no Google, a partir das palavras chaves: “influenciadoras digitais negras brasileiras”. As matérias traziam ‘ranking’ de influenciadoras brasileiras negras e com base no mapeamento feito, chegamos ao nome mais recorrente. Aqui, consideramos dois pontos importantes: 1) a maioria das matérias que trazem esses ranking são alusivas ao dia da Consciência Negra 2) figuram na listagem perfis comerciais que a maioria são vinculados a agências de publicidade (Monte, 2023, p. 3).

Atualmente, Camilla de Lucas está ligada a uma das maiores agências do país, a Mynd 8. Camilla iniciou sua atuação na internet pelo *YouTube*, onde intitulou seu canal como “blogueyrinha real”, ressaltando sua condição de mulher negra, suburbana, fora dos padrões estéticos. A influenciadora fez sucesso na internet, afirmando sua identidade e origens, subvertendo aquilo que a lógica nacional assentada ainda no colonialismo prega. A visibilidade de Camilla a levou ao programa de TV Big Brother Brasil; que, após sua exposição televisionada, a influenciadora passou a ser agenciada e hoje é considerada uma figura pública.

É possível dizer que a possibilidade de criar narrativas contra hegemônicas no âmbito digital é possível e alcança um público específico; cria-se nichos e um espaço de estima afetiva entre aqueles e aquelas que se reconhecem e assemelham no discurso.

No entanto, o sucesso de Camilla de Lucas ainda é uma exceção. O quantitativo de mulheres negras que atuam na internet vem crescendo, e a qualidade

de suas produções não é questionável. Perfis como o de Luciellen Assis, Dani Lima, Andreza Reis e outros nomes de mulheres negras que têm atuado profissionalmente nas plataformas digitais, que entregam publicidade de qualidade e não estão no top 10 e nos rankings, nos remete ao início desta seção em que a herança escravocrata, juntamente com o mito da democracia racial e a situação da mulher negra nesse contexto que foi analisado e refletido por Lélia González a partir das figuras da mulata, da doméstica e da mãe preta, é latente e sentida em todos os vieses de experiência de vida das mulheres negras brasileiras.

Algumas influenciadoras negras têm conseguido trabalhar com marcas conhecidas e, dessa maneira, obter maior visibilidade em seus trabalhos e espera-se que, assim, possam ter um retorno financeiro melhor. Abaixo, trouxemos alguns prints de publicidades de influenciadoras negras em parceria com marcas conhecidas nacionalmente.

Figura 9: Influenciadora Nátaly Neri em parceira paga com a Natura



Fonte: Instagram @natalyneri e @naturabrofficial (2023)

Figura 10: Influenciadora Ana Paula Xongani em parceria paga com a Grendha



Fonte: Instagram @anapaulaxongani e @grendha (2023)

Figura 11: Influenciadora Dani Lima em parceria paga com CeraVe



Fonte: Instagram @lima.dani e @ceravebrasil (2023)

Figura 12: Influenciadora Nérica Cocamáro em parceria paga com C&A



Fonte: Instagram @ncocamaro e @cea_brasil (2023)

No entanto, é importante que se diga que a lógica de dominação permanece a mesma de outrora: de enxergar a pessoa negra como incapaz, submissa, subalterna. E quando há movimentos de saída desse lugar, existe o estranhamento inexorável que reverbera nas agressões, na discriminação salarial, na falta de reconhecimento profissional, nos xingamentos e violências correlatas.

Como afirma Lélia González, a mãe neste barato doido da cultura brasileira é a mulher negra, que, sabendo de sua condição, insiste na resistência, unindo forças com outras mulheres que se identificam em suas vivências e objetivos. Dessa forma, a influenciadora negra é a mulher negra que se movimenta em circularidade tal qual a mucama, a empregada doméstica, a catadora, a cobradora de ônibus, a professora, a engenheira, a médica, a advogada, a auxiliar administrativo, é a Jurema e a Beatriz que, desacreditadas por todos, dizem uma à outra: “Não deixe que façam isso conosco!”

Grada Kilomba (2019), em sua obra “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”, argumenta sobre quem pode falar? “Pode a subalterna falar?” E a partir de tal indagação, a autora vai discutir sobre como o espaço acadêmico não é neutro e silencia, desumaniza, desqualifica e objetifica a comunidade negra. Como exemplo, Kilomba (2019) traz um cenário de seu cotidiano como mulher negra acadêmica que comumente declara que seu trabalho não tem caráter científico. Essa afirmativa é baseada na norma colonial que descredibiliza perspectivas subjetivas, pessoais, emocionais.

Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não construir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em que acreditar (Kilomba, 2019, p.53).

Essa lógica de dominação, demonstrada por Grada Kilomba no campo acadêmico, ocorre também nas plataformas de mídias sociais online. Desde o período da imprensa negra, que surge com o objetivo de contribuir na busca de visibilidade, dignidade e reconhecimento da população negra a partir de uma escrita própria, essas vozes negras, historicamente silenciadas, vêm buscando (re)construir um novo mundo, apoiado em suas próprias narrativas, disseminadas nas mídias negras.

O próximo capítulo discute os aspectos da memória, do esquecimento e da fabulação crítica, a partir do pressuposto de que a memória arquivada nos documentos oficiais era considerada a única fonte confiável de preservação da memória nacional. Todavia, os arquivos que registram a presença da população negra no Brasil foram escritos pelo colonizador. Tratados como mercadorias vivas, com dados que quantificavam quantos tinham embarcado e quantos conseguiram chegar para experienciar a sobrevivência da escravidão, os arquivos silenciaram e apagaram a memória dos escravizados e de seus descendentes. Dessa forma, a fabulação crítica é colocada aqui como uma escrita restituidora e emancipadora da memória negra.

6 MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E FABULAÇÃO CRÍTICA

Eu queria me envolver com o passado, sabendo que seus riscos e perigos ainda nos ameaçavam e que ainda agora existem vidas por um triz. A escravidão estabeleceu uma medida humana e um ranking de vida e de valor que ainda têm de ser desconstruídos. (Hartman, Saidiya, 2021, p.19)

Saidiya Hartman⁴² Com o propósito de pesquisar as cicatrizes da escravidão, impulsionada pelo anseio de pertencer a algum lugar, de conhecer suas origens ou ao menos tentar obter explicações por sentir-se estrangeira, viajou para Gana, na condição de bolsista Fulbright filiada ao Museu Nacional de Gana. Ali, realizou uma imersão no comércio atlântico de escravos, partindo de Gana para as Américas.

Ao se deparar com a falta de arquivos e a partir de sua vivência em Acra, capital de Gana, Saidiya tenta completar as lacunas da história em uma “fabulação crítica” alicerçada nos silêncios. O livro “Perder a mãe: uma jornada pela rota da escravidão” é resultado dessa investigação.

O arquivo dita o que pode ser dito sobre o passado e os tipos de histórias que podem ser contadas sobre a pessoa catalogada, embalsamada e lacrada numa caixa de pastas e fólios. Ler o arquivo é adentrar um necrotério, que permite uma visão final e um último vislumbre de pessoas prestes a desaparecer no porão de escravos (Hartman, 2021, p.34).

Diante desse fato, a autora propõe, na ausência do documento, uma fabulação, que haja uma imaginação que recomponha outros trajetos da escravidão, se não aqueles que foram instituídos através dos arquivos considerados oficiais, tendo em vista que esses memorizaram vidas negras na subalternidade. Kilomba (2022) alega que “o passado colonial está memorizado de tal maneira que se torna impossível esquecer”.

No desfecho do livro “Memórias da plantação”, a autora enfatiza o uso do termo “plantação” e sua imagem relacionada à escravização, “eu quero usar a metáfora da ‘plantação’ como símbolo de um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano. Estou, portanto, falando de um trauma colonial que foi memorizado” (Kilomba, 2019, p. 213).

⁴² Professora de Literatura Comparada da Universidade de Columbia. É uma das principais referências da diáspora africana na atualidade.

A pesquisadora caracteriza-o como um trauma colonial, que não foi esquecido, que, por vezes, não é preferível lembrar, mas que não se pode esquecer. A assimilação absoluta do tempo passado é impossível, isso porque lembrar não é reviver, mas reconstruir a partir de imagens, ideias presentes.

Nesse caso, é entendido, nessa investigação, a história de vida de mulheres negras como um instrumento de socialização da memória. Corroborando com Bosi (1994), que essa socialização da memória pode ser realizada pelas diversas formas de linguagem, seja corporal, escrita, falada, dançada ou ritualizada.

A negação da identidade dos povos africanos escravizados no Brasil foi um projeto colonial que teve início na chegada a terras brasileiras. Foi principiado pela separação de indivíduos da mesma etnia, o que dificultava a comunicação entre si, não somente pela língua falada, mas por crenças diferenciadas e até divergentes ideologicamente. Ou seja, é possível afirmar que famílias, parentes e amigos foram separados abruptamente.

A anulação identitária aconteceu também pelo afastamento cultural dessa população, pensando a estética – o uso de turbantes, penteados – como características de status social.

Não por acaso, os negros passavam por uma raspagem dos cabelos quando trazidos ao Brasil. Certos da necessidade de distanciar os negros escravizados de sua origem cultural, essa raspagem, salvaguardada sob o argumento de necessidades higiênicas, tinha o intuito de minar qualquer sentimento de pertencimento étnico que aqueles povos pudessem carregar a partir da relação com o cabelo (Braga, 2015, p. 82).

A mudança de seus nomes também foi um processo de perda da identidade. Mulheres, homens e crianças eram nomeados por nomes dados pelos seus compradores. Como forma de resistência, alguns inseriram como sobrenome os nomes dos lugares e/ou regiões de origem. Sobre nomeação, memória e identidade, Candau (2021, p. 68) afirma que

Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la de esquecimento, fazê-la renascer e reconhece-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade.

A linguagem também é um fator que está diretamente ligado aos aspectos de identidade. Fanon (2020) vai discorrer sobre o negro e a linguagem, considerando a

imposição dos colonizadores aos colonizados em abolir suas línguas e aderir à fala da metrópole. Dessa forma, ocorre o afastamento de suas origens e uma tentativa de aproximação ao mundo branco e à cultura colonial.

Todo povo colonizado – isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontando com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana (Fanon, 2020, p.32).

Diversas foram as violências identitárias advindas da escravização. Patterson (1982) definiu escravidão como “morte social” que, segundo Laurentino Gomes (2019, p. 68), “[...] o cativo é arrancado do seu lugar de moradia, de sua língua, suas crenças, seus laços familiares e seus ancestrais, sua comunidade e seus costumes, uma espécie de desenraizamento [...]”. Ou seja, foi concretizada uma destruição de identidade para a concepção de outra: a de escravizados e escravizadas.

Na historiografia oficial brasileira, por centenas de anos, foi instituída a condição dos povos africanos escravizados como seres passivos às violências, como indivíduos feios, com pouca ou nenhuma inteligência, seres animalizados. Isso aconteceu por ter sido escrita e difundida pelo olhar dos colonizadores.

Apesar disso, muitos foram os confrontos ainda no período escravocrata: houve revoltas, formações de quilombos e diversas outras estratégias de tentar sobreviver. E, como se sabe, a luta continua. A população negra, descendente das/os escravizadas/os, traz consigo a memória traumática que foi a escravidão no Brasil. E a consequência dessa tragédia é o racismo.

O fardo que a população negra carrega é histórico, como pode ser percebido. Dessa forma, a sua identidade positiva é um processo ainda em construção. Neusa Sousa Santos teceu o seguinte sobre a identidade do negro no Brasil:

O negro brasileiro que ascende socialmente não nega uma presumível identidade negra. Enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar. É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negróide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência que reassegure o direito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição

dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p. 77).

Essa citação de Neusa Sousa Santos é um divisor de águas para os estudos sociológicos e psicanalíticos da negritude, além de ser uma dolorosa realidade de negras e negros brasileiros.

Sobre os aspectos relacionados à memória, entendemos que a vivência identitária é atravessada também por meio da cultura e da oralidade. As memórias de pertencimento social negro podem se mostrar novas, mesmo que as construções sociais se deem no aspecto da invisibilização.

Dessa forma, a memória e a identidade estão conectadas. Que, segundo Bernardo (1998, p.30):

o recurso à memória pode possibilitar muito mais, à medida que permite descortinar situações conflituosas, discriminações, jogos de poder entre pessoas e grupos sociais e processos como o de construção de identidades, uma vez que memória e identidade se encontram imbricadas. Isso significa que o processo de memorização possibilita reconstruir e redefinir continuamente as identidades tanto individuais quanto coletivas dos grupos negros [...].

É possível afirmar que a memória pode nos remeter a momentos ou situações coletivas e individuais, tendo potencial de reconstruir lembranças ao rememorar as histórias de vida. Em acordo com o pensamento da autora, é nessa ambiência que organizamos e construímos nossas identidades.

Entendendo o diálogo que ocorre entre memória e história, salientando que são fenômenos distintos, que se cruzam e trazem à tona discussões sobre esquecimento, arquivo e documentos, nos propomos cercar-se de tais reflexões com o intuito de aproximar-nos do conceito de fabulação crítica, que surge a partir do estudo de Saidiya Hartman. Inspirada na audácia intelectual de Lélia Gonzalez, elaboramos diálogos e reflexões sobre tais concepções. Tomamos como alicerce para a sua construção os pensamentos de Aleida Assmann, Maria Beatriz Nascimento, Paul Ricoeur, Joel Candau e Saidiya Hartman.

6.1 História, escrita, arquivo e fabulação

O Atlântico é uma plataforma de reinvenção do negro na diáspora (Nascimento, Beatriz, 1983)⁴³

Maria Beatriz Nascimento, no documentário *Ori*, lançado em 1989, afirma que, ao acessar o ensino superior no curso de História, o que mais a deixou atônita foi o fato de o “eterno estudo sobre o escravo, como se nós só estivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra para fazenda e para a mineração” (Nascimento, *Ori*, 1989). Esse é um problema antigo e se caracteriza como parte do projeto político de colonização.

A inexistência de registros com informações significativas sobre a população escravizada é um fato que ultrapassa as fronteiras do país. Números, descrições físicas dos escravizados (mercadorias) e nomes de comerciantes são possíveis de encontrar nos arquivos, em sua maioria. Abdias do Nascimento (2017) vai dizer que, em 1899, Rui Barbosa, ministro das Finanças naquele período, ordenou a incineração de todos os documentos, incluindo os registros estatísticos, demográficos, financeiros, e documentos pertencentes à escravidão, ao tráfico e aos indivíduos escravizados. “Como consequência lógica desse fato, não possuímos hoje os elementos indispensáveis à compreensão e análise da experiência africana e de seus descendentes no país” (Nascimento, 2017, p. 93).

Outro fator que contribuiu para a inexistência de informações sobre a experiência africana no Brasil foi a atuação colonizadora da escrita que, seguindo o modelo europeu, redigiu uma história do Brasil aos olhos do colonizador. Aleida Assmann (2011) vai dizer que, no século XVIII, com o início da movimentação comercial de livros impressos, causou uma disputa de poder em torno da recordação. “Cronistas profissionais foram encarregados de colocar o novo dispositivo da escrita a serviço da legitimação dos anseios de poder dos governantes” (Assmann, 2011, p. 55).

Paul Ricoeur (2007) afirma que “o arquivo é escrita; ela é lida, consultada”. O arquivo representa um lugar físico, documental, que comporta o testemunho deixado pelos antecessores. Dessa forma, a história se apropria de instrumentos metodológicos de outras áreas, aplica as técnicas de acordo com o objeto e os

⁴³ Trecho do documentário “Ori”)

instrumentos de análise. Esse aspecto é importante levando em consideração o que Assmann (2011) diz sobre a valorização de poetas e historiadores na Inglaterra, no século XVI.

Portanto, a história se preocupa em realizar a crítica à temporalidade progressiva, descartando a ideia de evolução. Nesse momento, o arquivo toma sua importância, considerando que a arquivística, uma disciplina própria, empenha-se em “separar, de reunir, de coletar [...] à qual a epistemologia da operação historiográfica deve a descrição dos trabalhos por meio dos quais o arquivo promove a ruptura com o ouvi-dizer do testemunho oral” (Ricoeur, 2007, p. 178). O autor vai dizer que a memória é a garantia de que algo aconteceu, ou seja, é a fonte de busca, que pode ser compreendida através de uma ata de reunião, uma entrevista, vídeos disponíveis na internet, considerando uma visão ampla de documento. “Pode-se dizer que a memória está arquivada, documentada. Seu objeto deixou de ser uma lembrança, no sentido próprio da palavra, ou seja, algo retido numa relação de continuidade e de apropriação com respeito a um presente de consciência” (Ricoeur, 2007, p. 189).

Logo, a discussão aqui levantada não propõe aprofundar tensões sobre conceitos ou vertentes profissionais como: arquivos manuscritos, arquivos públicos, arquivos institucionais, das universidades e igrejas. Aqui, entendemos que arquivos pertencentes às variadas instituições carregam um valor simbólico que lhes caracteriza como fontes seguras e, por vezes, consideradas únicas, caracterizadas como oficiais, que possuem influência sobre as construções de identidades e pela formação memorialística das sociedades. É importante afirmar que a história e a memória não são sinônimos. Candau (2021) afirma que:

Se a história objetiva esclarecer da melhor forma possível aspectos do passado, a memória busca mais instaurá-lo, uma instauração imanente ao ato de memorização. A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A primeira tem uma preocupação de ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos. A história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora (Candau, 2021, p. 131).

Sobre memória e identidade Candau (2021) destaca a importância da preservação da memória para a construção de um sentido de pertencimento e continuidade. Para o autor, a memória não é apenas um registro do passado, mas um processo dinâmico e social que molda o presente e o futuro. Afirma também que a memória não é apenas um direito, mas também um dever. Ao preservar a memória

ancestral assevera que suas histórias não se percam no tempo. Essa responsabilidade se estende não apenas às memórias individuais e familiares, mas também às memórias coletivas, que moldam a identidade de um povo.

Sobre memória das tragédias como recursos identitário Candau (2021) afirma que eventos traumáticos, ao marcarem profundamente a história de um povo, moldam suas percepções sobre o passado, presente e futuro.

Memória dos sofrimentos e memória dolorosa, memória do infortúnio que é sempre "a ocasião para se colocarem as verdadeiras perguntas", essa memória deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes ou amigos tenham sofrido, modificando profundamente suas personalidades (Candau, 2021, p. 151).

Candau (2021) cita exemplos como a memória da usurpação de terras pelos brancos nos Estados Unidos, e a visão trágica do mundo que se instaurou na sociedade inca após a conquista espanhola. Esses casos demonstram como a memória das tragédias pode se tornar um elemento fundador de uma identidade coletiva, moldando as representações sociais e as relações de poder. Essa dinâmica se torna particularmente evidente em casos de opressão e violência, como a colonização e a escravidão.

Aqui foram colocados os aspectos referentes à história, memória, identidade e ao arquivo para apresentarmos a fabulação crítica, que pode ser entendida como um conceito, um princípio, uma metodologia que procura, segundo Hartman, "operar uma transposição de arquivos, ampliando-os, uma reunião de histórias com vistas a completar uma imagem".

Na obra intitulada "Perder a mãe: uma jornada pela Atlântico da escravidão", Saidiya Hartman traz à tona o que considera ser a sobrevivência da escravidão: "oportunidades de vida incertas, acesso limitado à saúde e à educação, morte prematura, encarceramento e pobreza. Eu também sou a sobrevivência da escravidão" (Hartman, 2021, p. 19). Dessa forma, pode-se afirmar que a sobrevivência da escravidão é um regime perverso que ultrapassa fronteiras e oceanos.

Os descendentes dos povos escravizados dividem a desvantagem de ser estrangeira/o, de não conhecer e não saber os nomes de seus antepassados. Na obra citada, a autora, que vai para a cidade de Acra, em Gana, como professora e como descendente de escravizados, lá é nomeada e reconhecida como Obruni, "uma estranha, uma estrangeira além-mar" (Hartman, 2021, p. 15). Diante desse

acontecimento, ela reflete sobre a escrava ser a definição universal de estrangeira, aquela que foi arrancada da família, de sua comunidade, desterrada e violentada. Quando chamada de estrangeira, diz estar sendo chamada pelo nome de seus ancestrais; todos se tornaram estrangeiros/escravizados, e a nós, restou-nos a herança da sobrevida da escravidão.

A ida a Gana foi impulsionada com o objetivo de verificar os arquivos e encontrar os restos daqueles que desapareceram.

Eu queria compreender como um menino pode passar a valer dois metros e setenta de fazenda de algodão ou uma garrafa de rum, ou uma mulher valer uma cesta cheia de búzios. Eu queria atravessar a fronteira que separava parentes e estranhos. Eu queria contar a história dos plebeus – o povo que serviu de forragem para o tráfico de escravos e foi impelido a regiões remotas e desertas para fugir do cativo (Hartman, 2021, p.35).

Logo, com o que foi encontrado nos arquivos ou não encontrado, Saidiya propõem preencher as lacunas, completar uma imagem, a fim de reconstituir o arquivo transatlântico da escravidão, a partir da fabulação crítica, que pode ser entendida como uma desobediência aos arquivos oficiais. A especulação crítica realizada por Hartman tem como base uma pesquisa aprofundada dos fragmentos de fatos históricos da escravidão e a presença negra nas Américas.

Reconhecendo os limites de estudos centrados em aspectos estruturais ou quantitativos em torno da escravidão, que contribuíam para reificação e revitimização dos escravizados, historiadores e historiadoras se voltaram a sujeitos históricos concretos, vítimas e agentes no interior da escravidão, buscando compreender esse período no interior de trajetórias singulares, mas que apontavam para estratégias coletivas (Sousa, 2023, p. 6).

Dar nomes, sentimentos, ações da vida cotidiana em meio ao sistema escravista para além das fugas e formação de quilombos. É possível encontrar na obra da escritora afro-americana Toni Morrison, especificamente no livro “Amada” uma narrativa que expressa os sentimentos dos seus personagens.⁴⁴

A Margaret Garner histórica era fascinante, mas, para um romancista, era limitadora. Muito pouco espaço imaginativo para o que eu queria. Então eu inventaria seus pensamentos a um subtexto que fosse historicamente verdadeiro em essência, mas não estritamente factual, a fim de relacionar sua história com questões contemporâneas sobre a liberdade, a responsabilidade e o “lugar” da mulher. A heroína

⁴⁴ Prefácio escrito pela Toni Morrison no Livro intitulado “Amada”

representaria a aceitação indesculpada da vergonha e do terror; assumiria as consequências de escolher o infanticídio; reclamaria a própria liberdade. O terreno, a escravidão, era formidável e sem trilhas. Convidar os leitores (e eu própria) a percorrer a paisagem repelente (oculta, mas não completamente; deliberadamente enterrada, mas não esquecida) era armar uma tenda num cemitério habitado por fantasmas muito eloquentes (Morrison, 2011, p.14).

No capítulo “O livro dos mortos” da obra “Perder a mãe”, Hartman explora o caso de assassinato de uma escravizada a bordo de um navio negreiro, no século XVIII. Assassinatos eram comuns; no entanto, esse caso foi denunciado pelo abolicionista e membro do parlamento inglês, William Wilberforce, e o capitão John Kimber foi julgado e inocentado.

No entanto, o que caracteriza essa ocorrência das demais é o fato de ter havido uma ampla repercussão pela imprensa, que contribuiu com o fim do comércio escravista em suas colônias em 1807. Em suas investigações, Hartman se depara com algumas fontes documentais sobre esse caso.

[...] a transcrição do processo judicial de Kimber, composta pelas falas do próprio capitão, do cirurgião do navio Thomas Downling, do perito em seguros John Weskett e do juiz do Tribunal do Ministério da Marinha que presidiu o julgamento; o discurso proferido por Wilberforce na Câmara dos Comuns, em 1792, no qual clama pela abolição do tráfico escravista transatlântico; finalmente, uma litografia do caricaturista escocês Isaac Cruikshank (Paula, 2022, sem página).

A imagem que circulou, representando de maneira erótica a escravizada nua, com uma corda amarrada em seu pé direito, erguida de ponta-cabeça para ser açoitada por Kimber, enquanto suas companheiras testemunhavam a violência e, certamente, foram as próximas vítimas de violências correlatas.

Uma jovem escravizada, sem nome, foi brutalmente torturada e morta dentro do navio negreiro por recusar-se a dançar para a tripulação. A partir de uma análise crítica das fontes, a autora compreende como são escassas as informações e arquivos sobre a existência da vítima; na verdade, não sobre ela, mas sobre os episódios de violência que a mataram.

Não foram registrados nomes, sobrenomes, ofícios, línguas, nomes de pai, mãe, irmãs, irmãos, amores, sonhos; não falam de suas astúcias, resistências, de suas movimentações pela sobrevivência. Somente sobre a violência e dados contabilizados nos livros de mercadorias e nos arquivos os transformaram em objetos. Dessa forma, Hartman compõe o que denomina como uma contranarrativa que está

para além do tempo, que é transtemporal, que não obedece aos limites estabelecidos pela autoridade dos arquivos. Abaixo seguem uma tentativa de explicar a proposta e as características que contrastam o pensamento de Saidiya Hartman à lógica tradicional/hegemônica.

No ensaio “Vênus em dois atos”, que se trata de um desdobramento do livro “Perder a mãe”, a autora examina a onipresença da Vênus negra nos arquivos da escravidão e a impossibilidade de encontrar informações para além daquelas já atestada.

Não se pode perguntar “Quem é Vênus?”, porque seria impossível responder a essa pergunta. Há centenas de milhares de outras garotas que compartilham as suas circunstâncias, e essas circunstâncias geraram poucas histórias. E as histórias que existem não são sobre elas, mas sobre a violência, o excesso, a falsidade e a razão que se apoderaram de suas vidas, transformaram-nas em mercadorias e cadáveres e identificaram-nas com nomes lançados como insultos e piadas grosseiras. O arquivo, nesse caso, é uma sentença de morte, um túmulo, uma exibição do corpo violado, um inventário de propriedade, um tratado médico sobre gonorréia, umas poucas linhas sobre a vida de uma prostituta, um asterisco na grande narrativa da História (Hartman, p.15, 2020).

Hartman, por sua vez, questiona a viabilidade de qualquer tentativa de contar a história de milhares de pessoas negras entregues à escravização, sendo que os registros sobre essas vidas foram escritos por aqueles que as mataram. A partir dessa constatação, Hartman gera um caminho metodológico alternativo que considera a humanidade daquela jovem escravizada, evidenciando seus sentimentos, pensamentos e sensações que tivera em seus últimos instantes de vida. Dessa forma, Hartman descreve uma nova versão dos acontecimentos, evidenciando que poderia ter sido a perspectiva daquela jovem – o que posteriormente seria denominado por “fabulação crítica”. “Para conceber esse relato subversivo, inicialmente, a historiadora realiza uma leitura a contrapelo das afirmações proferidas por todos aqueles homens brancos que conjuntamente erigiram a versão oficial do acontecimento” (Paula, 2022, sem página).

Após tal aprofundamento, a autora buscou lacunas e incongruências daquelas declarações, o que a levou a contestar a soberania dos arquivos oficiais, executados pela perspectiva hegemônica que escravizou e matou centenas de milhares de pessoas. Na versão de Hartman, a humanidade da jovem torturada é apresentada, evidenciando sua força e resistência. É importante destacar que não há uma

romantização das violências ocorridas na travessia, nem objetiva trazer uma narrativa de salvação.

A autora considera a possibilidade de ação presente em prol de um futuro em que o legado da escravidão não dominará o futuro da população negra mundial. É possível estabelecer diálogos sobre fabulação crítica e imaginação proposta por bell hooks, quando afirma que “a imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência” (hooks, 2021, p. 105). E essa confabulação se estende também com a *Escrevivência* de Conceição Evaristo, ambas nomeiam seus personagens, lhes dão histórias, sentimentos e voz ativa, com a finalidade de estabelecer outras histórias, alcançando dimensões íntimas de suas vidas.

Trouxemos a Fabulação crítica para incitar novas pesquisas que possam levantar questionamentos sobre a autoridade de alguns arquivos oficiais – como mencionado anteriormente, o Estado do Ceará carrega em seus arquivos e em sua historiografia oficial a aniquilação da comunidade negra escravizada e, conseqüentemente, de sua população negra. Tendo em vista que esse trabalho apresentou a história de vida de três mulheres negras cearenses, reflexões sobre informação e memória, memória hegemônica, esquecimento, identidades afro-brasileiras, documentação e demais temas que possam vir a surgir, justifica-se também por corroborar com a proposta/método de recriar histórias de vidas negras para além daquelas que conhecemos, firmadas nas violências, que tomam como protagonismo a maior violência da história mundial, a escravidão.

A seção seguinte apresenta a história de vida de Yasmin Djalo, Izabel Acioly e Augusta Carneiro, mulheres negras cearenses atuantes nas redes sociais, que possuem voz ativa e protagonizam suas vidas, rompendo com as barreiras históricas de silenciamento.

7 BECOS DA MEMÓRIA⁴⁵: A NARRATIVA EM EXPANSÃO

Ao colher histórias de vida, escutei meus entrevistados falarem de si. (...) vi e ouvi pessoas entristecerem-se, baixarem e levantarem a voz, calarem-se de repente, afogadas de emoção. Vi sorrisos que, inequivocamente, ocupavam o lugar do choro. Vi raiva, dor, perplexidade e, vez por outra, esperança (Santos, Neusa⁴⁶, 1983, p.61).

Este capítulo é o coração da tese. É o que traz sentido e fundamento ao que foi discutido à base de teorias importantes, é o lugar onde a subjetividade está presente e que confronta técnicas científicas tradicionais. Aqui, apresentamos as narrativas das protagonistas desta investigação em formato de crônicas. Ao final de cada crônica, há uma imagem; todas as imagens foram retiradas dos seus perfis da rede social Instagram⁴⁷.

7.1 Lançando lembranças

Para abrir as narrativas e revelar memórias, contamos com o depoimento de Yasmin Djalo, jovem cearense de 24 anos. A entrevista foi apresentada como crônicas, dispostas em três momentos: o princípio de si; o movimento da vida; e o tempo presente, que segue o mesmo formato e título para todas as protagonistas.

7.1.1 O princípio de si – Yasmin Djalo

Passei dezesseis anos estudando na mesma escola particular de Fortaleza que a minha mãe foi professora durante muitos anos, e tinham pouquíssimas crianças negras; era uma escola de bairro nobre. Nasci no Ceará, minha mãe é cearense, a sua família toda e meu pai, ele é guineense, africano de Guiné-Bissau, mas morou a vida toda no Senegal. Então a família é guineense-senegalesa, mas, de uma forma geral, todo mundo é da etnia fula.

É muito diferente a forma que a negritude e a identidade negra são ditadas aqui no Ceará, no Brasil em geral e na África. São dois mundos distintos, e meio que eu cresci um pouco perdida “ali”, né? Por exemplo, a minha família (...) eu não convivi

⁴⁵ O título Becos da memória faz referência ao livro de Conceição Evaristo “Becos da memória”, obra que nasceu em 1987/88. Foi o primeiro conto ficcional com(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência.

⁴⁶ Esse é um trecho do livro “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social” de Neusa Santos Sousa.

⁴⁷ @yasmindjalo, @afroantropologa, @aquilombar_

muito com a minha família africana nem com meu pai, porque ele morava em outro estado, mas a família africana tem muito orgulho das origens, das raízes, sabe? A árvore genealógica toda, tem muito conhecimento do seu próprio lugar no mundo e não tem contato com o racismo cotidiano, desde a infância, porque lá todo mundo é negro, digamos assim, retinto; não tem muito esse dilema de identidade que a gente tem aqui no Brasil.

Foi com quinze para dezesseis anos, quando eu comecei a assistir a Nataly Neri, Ana Paula Xongani e a Gabi de Pretas (que é a Gabi Oliveira), e comecei a me entender no mundo. Eu passei pela transição capilar, fui me empoderando, tendo contato com algumas leituras, e a minha identidade positiva foi sendo construída de uma forma muito árdua e dolorosa, porque você vai lembrando de tudo o que passou na infância e realmente foram muitas coisas. Você ser uma das únicas crianças negras, primeiro que ninguém reconhece que você é negro: é “moreno”, “moreninha”. Essa identidade negra, a negritude, eu a tenho como o conceito de Césaire: uma identidade positiva de si.

E essa autoestima, que é tão importante ser formada durante a infância, só vai ser formada tardiamente; e, depois desse processo de construir a identidade, eu também tive a oportunidade de viajar. Meu pai já é falecido, e eu tive a oportunidade de viajar para a Suécia, que é onde meu tio, irmão mais novo do meu pai (eu o considero pai agora), iria casar-se. Fui para lá e boa parte da família também foi. Tive a oportunidade de ir tanto para a Suécia quanto para Portugal, que é onde quase todo mundo mora, porque é país de língua portuguesa. A Guiné-Bissau é também de língua portuguesa, então muitos vão para Portugal.

Foi muito revolucionário porque, por mais que já tivesse tido contato com várias literaturas e ensinamentos raciais que já estavam sendo construídos, é muito diferente você ter contato com a sua família. Isso porque é uma coisa que nenhum livro, nem teoria antirracista poderia me ensinar: ter orgulho de ser quem sou e do jeito que sou. E a gente é assim, nossa família é assim, e não tem nada de errado.

Figura 13: Fotos da família de Yasmin Djalo



Fonte: destaque nomeado família no @yamindjalo

Meu Deus do céu! Todo mundo pergunta de onde eu sou. Tudo bem que o fato de meu pai ser africano interfere diretamente na minha aparência, mas é tão surreal que, quando a pessoa descobre que sou cearense: “Como é?”, “Cearense?”. Eu faço questão de dizer que eu sou cearense, e eu nem cito que meu pai é africano, porque, se eu citar, a pessoa vai automaticamente ter ali uma autorização para me tirar do meu próprio lugar. Tem até um texto da Grada Kilomba que, por mais que seja na Alemanha, fala exatamente sobre isso: que o racismo ele lhe retira do seu lugar. “Mas tu não és baiana, não?”, “Mas tu não és carioca?”, “Mas tu tens jeito de carioca”. Li vários textos sobre essa questão do racismo, do movimento negro no Ceará e essas explicações. Dois fatores eu posso trazer. O primeiro é a questão das oportunidades em geral. O Nordeste não tem as mesmas oportunidades que o Sudeste, por exemplo, eventos de influenciadoras, coisas maiores que você pode ter maior visibilidade. A maioria está lá, é fato. A segunda questão, que talvez seja a primordial, é que o Ceará está muito atrasado na luta antirracista. Lógico que aqui tem um movimento negro cearense, mas o próprio povo cearense nem aceita a presença das pessoas negras aqui, não acredita que uma pessoa negra seja cearense.

O Alex Ratts⁴⁸, fala muito sobre as crenças de que não existe negro no Ceará, e isso faz com que a gente acredite que não tem racismo, porque, se não tem negro, não tem racismo. Na perspectiva comercial, é um diferencial ter uma pessoa negra falando sobre questões raciais. É importante que as pessoas entendam, mas, que realmente, acaba não tendo as mesmas oportunidades pelo fato da gente nem aceitar que esse problema existe. O meu post mais curtido foi a única vez que eu viralizei no Instagram. No poster que eu coloquei, um carrossel com nove modelos negras no Ceará, que dizia: "Para você dar um tempo no seu feed branco e racista", o Instagram foi à loucura. Muita gente me seguiu, eu ganhei um monte de seguidor em um dia. Até umas meninas falaram comigo que conseguiram trabalho. As pessoas ainda estão muito alheias no Ceará para o movimento negro.

No Brasil, ouvir relatos sobre ser a única ou uma das poucas crianças negras na escola é corriqueiro, notadamente quando é na condição de filha da professora, da profissional de serviços gerais, do porteiro ou como estudante bolsista. Uma das consequências causadas pelo mito da democracia racial, que foi disseminada por meios institucionais (escolas, universidades, políticas públicas e afins) e de comunicação e informação (televisão, rádio, jornais, livros e a internet), é o não reconhecimento da negritude ou um reconhecimento tardio. Isso acontece pela evidência da miscigenação, que foi firmada pela morenidade.

Yasmin afirma que o reconhecimento sobre sua negritude aconteceu tardiamente, entre os quinze e dezesseis anos. Teve acesso às reflexões das produtoras de conteúdos antirracistas Nataly Neri, Ana Paula Xongani e Gabi Oliveira, e ainda reforça que essa identificação é baseada no conceito do intelectual Aimé Césaire.

Fazendo o exercício de olhar para o passado e pensar que o reconhecimento da negritude, anos atrás, acontecia (quando acontecia) comumente na fase adulta e não na adolescência, como no caso de Yasmin. É importante ressaltar que a protagonista o reconhece como tardio, por entender que esse processo deveria acontecer na infância, no processo de formação da criança.

Ser filha de um homem negro natural do Continente Africano contribuiu para a afirmação positiva de Yasmin; a sua aproximação com sua família africana reforçou e fortaleceu a sua identidade negra, que já vinha sendo construída a partir das

⁴⁸ O Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts, trabalha na área da identidade e das populações quilombolas. É professor, geógrafo e antropólogo brasileiro.

referências teóricas e intelectuais. Sabe-se que, no Brasil, a população negra não possui dados referentes à sua descendência africana; não há dados sobre qual etnia uma família negra brasileira é pertencente; não se sabe os nomes ou qualquer outra informação daquelas e daqueles que foram seus antecedentes sanguíneos. A única informação que temos e aprendemos inicialmente na escola, e reforçado ao longo da vida, é que somos descendentes de escravizados. A identidade e os laços foram dizimados pelos processos de esquecimento.

No Estado do Ceará, igualmente ao resto do país, possui uma romantização da história da população negra; no entanto, há uma particularidade que foi disseminada e introjetada no imaginário social: de que não há negros/os no Ceará, que a escravização nesse Estado foi branda em relação aos demais territórios nacionais, que a população escravizada esteve apenas no trabalho dentro da casa-grande, nos afazeres domésticos, de criação e cuidado das/os herdeiras/os e nos engenhos de rapadura.

A naturalidade de Yasmin é questionada por ela ser uma mulher negra com uma identidade afirmada e positiva em sua estética, pelo uso do cabelo natural, pelas vestimentas (uso de turbante). Isso acontece devido ao processo de invisibilidade do povo negro. Ratts (1998) explica que

O senso comum da extinção dos índios e da ausência dos negros no Ceará foi intensamente reiterado como uma tradição regional que parece se perder no tempo. No entanto, a construção dessa invisibilidade pode ser investigada a partir da segunda metade do século XIX em processos políticos e na produção de intelectuais que privilegiaram certas versões da história de índios e negros nessa porção do território nacional que se constituiu como o Estado do Ceará (Ratts, 1998, p.111).

Outro fator que faz parte da historiografia cearense e reforça a invisibilidade negra no Estado é o fato de que a abolição da escravatura no Ceará aconteceu antes do restante do Brasil, em 1884. A identidade do Estado é firmada, reconhecida e enaltecida pela população a partir desse ato. No entanto, alguns trabalhos iniciados na década de 80, com o intuito de rever o processo de escravidão e abolição no Estado, apontam dados que não corroboram com a afirmação da ausência de negros no Ceará, e com a alegação de uma escravidão branda.

Um acontecimento importante, que destoa da ideia de escravidão branda, foi a primeira Greve dos Jangadeiros, que, em uma ação conjunta, iniciaram a interdição

do embarque de escravizados no porto de Fortaleza. Essa ação foi liderada por José Luiz Napoleão, negro liberto e de notoriedade entre os companheiros. A invisibilidade historiográfica sobre José Luiz Napoleão é um fator que faz parte do projeto de uma história abolicionista cearense pacata e advinda dos brancos abolicionistas.

É importante dizer aqui sobre a participação negra feminina na resistência e movimentação contra o regime escravocrata no Ceará. Juntamente com José Luiz Napoleão, esteve a Preta Tia Simoa. A historiadora cariense Karla Alves (2015) realizou uma pesquisa sobre o protagonismo abolicionista de José Luiz Napoleão e, em suas buscas, encontrou alguns (poucos) registros sobre a Preta Tia Simoa; dessa forma, Alves (2015) faz um trabalho de busca e visibilidade para a atuação dessa mulher negra.

Os escritos oficiais apagaram e silenciaram as lideranças de José Luiz Napoleão e Preta Tia Simoa, dando visibilidade e protagonismo para outros nomes. A identidade cearense foi construída a partir da negação de raízes negras.

Contudo, José Napoleão e Simoa representam para nós uma visão alternativa de mundo ao mesmo tempo em que propõe para todos e todas novas discussões acerca das estruturas sociais tradicionais, nos permitindo a reconfiguração de uma realidade social que precisa ser posta em prática a partir de uma educação que preze pela pluralidade de nossos povos (Alves, 2015, p.61).

Sendo uma pesquisadora e ativista, Yasmin assume sua identidade cearense sem citar sua descendência paterna guineense, quando questionada. Ela traz dois pontos importantes sobre territorialidade: o primeiro é que a região Nordeste não possui as mesmas oportunidades como na região Sudeste, onde é possível encontrar um quantitativo de influenciadoras negras que estão conseguindo construir uma independência financeira a partir do trabalho na internet; o segundo é sobre o atraso da luta antirracista na região.

Há inúmeros grupos e movimentos antirracistas no Estado do Ceará que vêm trabalhando por muitos anos no combate ao racismo, e uma pauta recorrente desses coletivos negros é eliminar o senso comum arraigado de que no Ceará não existe negros. Yasmin aborda o aspecto comercial, de não haver tantas oportunidades, devido à crença de que não existe racismo e, dessa forma, não há necessidade de trabalhar sob uma perspectiva racial. E salienta que seu post mais visualizado foi quando trouxe um carrossel de fotos de modelos negras cearenses com a seguinte legenda: “Para você dar um tempo no seu feed branco e racista”.

A próxima crônica de Yasmin Djalo é referente ao movimento de vida.

7.1.2 Movimento de vida – Yasmin Djalo

Depois que fiz a transição capilar, todo mundo me achou linda, queriam tirar fotos minhas, e eu comecei a fotografar para alguns amigos, marcas de amigos conhecidos que queriam ser fotógrafos. O pessoal foi gostando e fui construindo essa carreira como modelo, coisa que nunca imaginei na minha vida de criança, que um dia poderia acontecer. Foi mais uma consequência do que um plano traçado.

Eu entrei na faculdade de moda, decidi fazer design de moda pela UFC (Universidade Federal do Ceará). Saí de uma escola totalmente branca para o ICA,⁴⁹ então... foi "tudo"! Me senti no paraíso, só que, ao mesmo tempo que eu estava no paraíso, fui vendo que a grade da universidade em si, na estrutura curricular, não era tão diferente da estrutura curricular da escola: ainda era eurocêntrica e branca, só falava da Europa.

O que me prendeu e com o que me identifiquei na moda foram as questões históricas e culturais do vestuário, que envolvem a antropologia, a cultura e a identidade. Foi essa parte que me fez realmente me identificar na moda e não a parte mais prática, com a qual tenho certa dificuldade. Daí, fui ver que essa parte, que eu mais amava, era eurocêntrica, branca, europeia etc., e eu nem tinha muita abertura para reclamar. Tinha um sentimento de que alguma coisa estava errada.

Na faculdade, na disciplina que era de comunicação visual aplicada, o projeto dessa disciplina era criar um projeto de marca, de comunicação, para aprender a mexer no Photoshop. E tinha que criar um projeto de marca que solucionasse alguma problemática social. Eu já tinha essa problemática social bem definida: a promoção da igualdade racial. Daí foi que eu criei a minha marca, que é a Afrore. No caso, eu sou empreendedora na Feira Negra.⁵⁰ por causa da Afrore, que é uma marca de turbantes de tecidos africanos. Eu tinha acabado de voltar da minha viagem, já tinha alguns tecidos africanos que havia trazido de presente da minha família e eu estava encantada com a forma como eles eram, como se vestiam, como, enfim, usavam os turbantes. E resolvi empreender nisso para a disciplina.

⁴⁹ Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará

⁵⁰ <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/feira-negra-de-fortaleza-tem-por-objetivo-garantir-espacos-de-efetivacao-do-empreendedorismo-negro>

Na época, eu tinha um companheiro; hoje em dia, não tenho mais. E eu contei essa ideia para ele. Ele achou que era super possível e me impulsionou. Criamos a marca, não só para a disciplina, mas também para a vida real, e eu fui cada vez mais me aprofundando nisso. Eu não queria vender só o turbante; tem todo um contexto de resgatar essa história, é um resgate ancestral. Fui pesquisando bastante sobre a origem, o significado de “turbante”... e via que não tinha muita pesquisa sobre isso. E, dentro da faculdade, a gente tem que fazer um projeto de pesquisa para a monografia ou artigo, e eu resolvi que queria pesquisar o turbante cientificamente. E foi mais uma coisa que foi caminhando para isso, mais um empreendimento, que inclusive estou no mestrado agora também.

As coisas foram indo, as pessoas foram me chamando para dar oficinas de turbante. Eu gosto muito dessa parte de estar em sala de aula; é uma das coisas em que eu acredito, na transmissão do conhecimento como uma ferramenta de transformação social. Defendi meus dois TCCs: na moda, a gente tem que fazer dois trabalhos de conclusão de curso, tanto prático como teórico (monografia). Eu fiz a monografia com o tema “O turbante como ferramenta de resgate identitário para estudantes negras do design de moda” e o meu projeto prático foi o projeto da marca Afrore. Me formei e resolvi seguir a carreira acadêmica. Apliquei para o mestrado em antropologia, que é um programa da UFC e da UNILAB, e é muito importante para mim estudar na UNILAB, ver pessoas negras na universidade.

Apliquei, passei, com o projeto de pesquisa sobre o turbante, também um pouco diferente, mas ainda sim com o turbante como ferramenta identitária. Acho que posso falar que eu tenho vários empregos, de uma forma ou de outra, todos me levam a um objetivo e propósito de vida em comum: a promoção da igualdade racial.

Figura 14: Foto de Yasmin



Fonte: Instagram @yasmindjalo

Yasmin é acadêmica, empreendedora, modelo e digital influencer. Sua atuação nesses campos se liga a partir do seu reconhecimento enquanto uma mulher negra e por seu interesse em compreender os aspectos identitários das pessoas negras pela estética, pelo vestuário e pela antropologia.

Sua atuação como modelo é impulsionada quando passa pela transição capilar, deixando de alisar os cabelos para assumi-los em sua textura natural. Afirma que estar nesse espaço foi consequência dos trabalhos desenvolvidos juntamente com amigos, que tinham o objetivo de trabalhar como fotógrafos e que se interessaram por sua imagem depois da transição capilar. O alisamento capilar é uma realidade antiga, notadamente para a população negra brasileira. Iniciada geralmente na infância, o alisamento é uma consequência do racismo apresentado pelos dizeres: “cabelo duro”, “cabelo feio”, “cabelo de bombрил” e reforçado pelas mídias, pela educação escolar, pelo convívio social, que impulsionam a negação de sua autoimagem, da perda da autoestima.

Em contrapartida, nos últimos anos, a transição capilar para a textura natural dos cabelos tem acontecido com maior abrangência e tornou-se um fenômeno crescente junto aos meios de comunicação e informação tradicionais e não tradicionais, especialmente nas mídias sociais, como o *YouTube*, o *Facebook* e o *Instagram*. A transição capilar pode ser entendida como uma forma de resistência, reconhecimento e afirmação de uma identidade negra, ou seja, é um posicionamento político. A exaltação da beleza negra a partir da estética do cabelo crespo não é nova.

Em 1960, surge o movimento *Black is Beautiful*, nos Estados Unidos da América, criado pelo partido político dos Panteras Negras⁵¹. No Brasil, esse movimento chega em 1970, com grande adesão pelos movimentos sociais e pelo Movimento Negro Unificado (MNU).

Atualmente, a valorização da estética negra é trabalhada fortemente na internet. Karhawi (2020) explica que as produções de conteúdos sobre beleza negra na internet surgem com os blogs; as blogueiras tinham o objetivo de compartilhar com as amigas os conhecimentos que vinham aprendendo sobre o assunto

Mas, ao longo do tempo, acabou se tornando um lugar de troca de experiências, de representatividade e construção de identidade, transformando quem fala e o lugar onde as informações estão disponíveis em referência para outras pessoas que estavam encabeçando tais iniciativas (Azevedo, 2022, p.172).

É possível dizer que Yasmin faz parte de uma geração que foi bastante atingida pelo debate sobre representação, sobre transição capilar, maquiagens para pele negra e temas correlatos disseminados na internet. Tais narrativas trazem a discussão sobre raça e racismo nos mais variados aspectos e campos de pesquisa e trabalho. Dessa forma, Yasmin trouxe essa temática também para a universidade, para o curso de design de moda.

Beatriz Nascimento (2020), em sua graduação em história na década de 70, choca-se ao perceber que a história do negro era limitada ao contexto escravocrata. Muitos anos depois, mesmo com todas as contribuições, discussões e reivindicações, Yasmin se depara, no âmbito acadêmico, com uma problemática semelhante, percebendo que havia equívocos naquele ambiente. Yasmin afirma sobre não haver abertura para reclamar, mas que aquele fato causou desconforto. bell hooks (2019) afirma que o contexto acadêmico e seus discursos não é um lugar de dizer verdades, e que nos é ensinado a linguagem do opressor, por estarmos presos em um contexto cultural absolutista.

No entanto, hooks (2019, p.75) vai dizer que “O mais importante do nosso trabalho – o trabalho da libertação – demanda que criemos uma nova linguagem, que criemos o discurso oposto: a voz libertadora”. Dessa forma, é possível dizer que Yasmin criou uma linguagem de resistência quando escreveu seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre: “O turbante como ferramenta de resgate identitário para

⁵¹ <https://debenguela.com.br/noticias/voce-ja-ouviu-falar-movimento-black-beautiful/>

estudantes negras do design de moda”. E criou sua marca AFRORE, e tornou-se empreendedora na Feira Negra de Fortaleza.

A seguinte crônica aborda o tempo presente e os aspectos relacionados à atuação da protagonista na sua rede social *online*.

7.1.3 Tempo presente – Yasmin Djaló

Eu tenho cada vez mais definido que eu quero ser uma pessoa que contribui para a promoção da igualdade racial, independentemente se vai me dar dinheiro ou não. Inclusive, eu sei que eu posso ser antirracista e ter um emprego. O que estou querendo dizer é que, antes e até agora, o que realmente me deu mais resultado financeiro a curto prazo é o trabalho de modelo. Se eu fizer três ou quatro trabalhos, eu já estou “ótima” no mês.

Só que eu não vou conseguir, e nem quero, sustentar a pose só de modelo no meu Instagram, porque não é isso que eu acredito. Eu adoro ser modelo, amo fotografar, mas eu não sou só isso. Muitas vezes, quando eu não fazia terapia, era imatura; eu ficava insegura de postar conteúdos polêmicas raciais. Era tipo assim: “Vamos postar conteúdo de branco e coisas raciais para não perder trabalho”. Eu acho que muitas marcas de moda não me chamam por causa desse posicionamento, e está tudo bem. Eu não quero que minha cara apareça em marcas racistas.

Se eu tivesse que colocar o principal desafio, seria esse: de você ter cada vez mais certeza de quem você é, para não se perder. Existe esse lado de que você quer captar clientes, tem que sobreviver e ter dinheiro. Muitas vezes eu já tive esse medo de: “Será que eu vou ser polêmica demais e as pessoas não irão me chamar para trabalhar?”. Até que teve uma virada de chave. Antes, eu colocava muito junto essa coisa de ser modelo e ser influenciadora, mas realmente não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Falar sobre antirracismo, ser antirracista na internet, trazer pautas raciais não é um assunto confortável de ficar ouvindo. Se você sofre racismo, pode ser um gatilho; e se é branco, pode não estar nem aí ou achar que é mimimi. Então, não é um assunto fácil. Inclusive, já me acusaram de usar a luta para me promover na internet, e eu fiquei indignada. As pessoas não entendem nada. Porque eu poderia estar vivendo a minha vida de modelo, dando close, sem trazer essas pautas, tendo um retorno com mais trabalhos e ganhando mais dinheiro, mas não é o que eu quero. Dar para ganhar

dinheiro e sobreviver falando sobre isso? Tem várias pessoas, por exemplo, a Natály, existem muitas pessoas que me inspiram a continuar.

Leio os meus stories umas vinte vezes antes de postar, para ver se estou falando as coisas certas, de uma forma confortável para ninguém se sentir atacado. Então, realmente, falar sobre pautas raciais é muito trabalhoso; é um desafio! Tem que estar sempre estudando, e, graças a Deus, é o que eu faço. Eu já estudo, é até relativamente fácil porque eu já li esses textos para escrever minha monografia; eu já tenho esse background na minha mente, dos textos, dos autores e dos assuntos. Não é um assunto fácil; tem que falar de uma forma didática.

Talvez, hoje em dia, eu não conseguiria viver somente disso; eu ainda não consigo ter essa certeza de retorno financeiro porque, como aconteceu de uma forma mais orgânica, essa questão financeira é um desafio, porque tem que ter dinheiro para investir e para ter equipamento. Para eu trocar de celular, foi uma novela. Foi graças ao Digital Favela, várias publis que fiz com eles, que consegui trocar para um celular melhor. É muito difícil competir... Eu não tenho uma família rica, a minha mãe é professora, somos de uma classe média baixa. Tudo o que tenho que investir é do meu próprio trabalho. Eu tenho uma casa, moro com a minha mãe, tenho conforto, tenho de tudo um pouco e tudo o que preciso, mas o que tenho que investir na minha profissão tem que ser comigo mesmo, e é muito difícil competir com outras influenciadoras que têm tudo. A pessoa pode simplesmente parar a vida em uma quarta-feira à noite e ir para um evento de blogueira lá não sei onde.

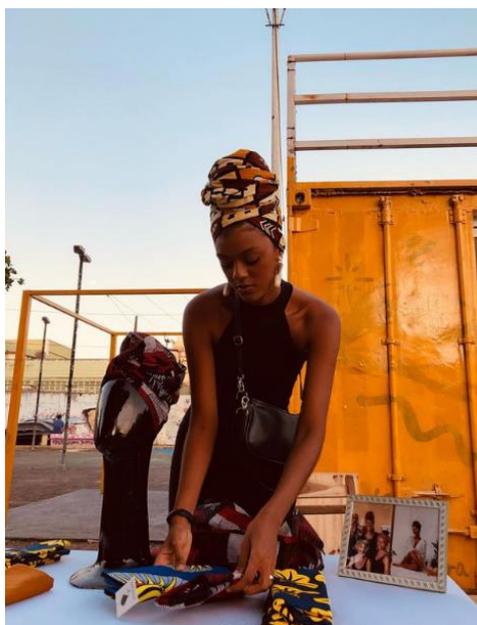
Acho que outro desafio é encarar isso como profissão. A gente não tem uma regulamentação; por vezes, eu desvalorizo meu próprio trabalho, no sentido de aceitar trabalhar de graça ou pagar para trabalhar. Às vezes, é bom por ser um investimento, mas, por exemplo, presença em evento: muita gente cobra; é uma presença que você tem que investir para estar ali, para julgar a marca e tal. E quando você tem ainda uma conta pequena, né, porque “números não importam”, mas na verdade importam! É mais difícil você se posicionar; é muito difícil tomar algumas decisões sobre o que é bom e o que não é para o seu trabalho, quando você não tem uma equipe para te orientar. Eu trabalho de uma forma muito do sentido, eu vou indo e vou sentindo...

Tem dias que eu não quero aparecer na internet, tem dias que eu não quero falar nada. Se eu passo dois dias sem postar stories, é como se eu estivesse faltando dois dias do meu trabalho sem dar nenhuma satisfação. Por mais que um dia eu não esteja a fim de aparecer, eu não sou obrigada a aparecer todos os dias, mas, pelo

menos, se eu tivesse programado algum conteúdo para postar, para continuar gerando engajamento, seria o mais certo a se fazer. Acredito que esse é o maior desafio de todos: de você ter compromisso, de ter que encarar como trabalho.

É também um desafio você dar a cara a tapa na internet. Você está ali falando, e as pessoas estão ali para... mesmo não falando na sua cara, elas podem estar te julgando de uma forma ou de outra. Então, você tem que estar bem centrada, com a terapia em dia, bem organizada, para você não sucumbir ali, né? Tipo... não deixar de fazer seu trabalho porque alguém ou pessoas que você nem conhece falaram alguma coisa de você.

Figura 15: Foto de Yasmin Djalo expondo seus turbantes na Feira Negra, em Fortaleza



Fonte: Instagram @yasmindjalo

O meu posicionamento na internet é meio que a minha vida. E que o principal ponto das mulheres negras é que a gente consiga existir de forma múltipla, existir na nossa complexidade. Eu acho que essas várias versões de mim, que eu compartilho na internet, estão comunicando essa mensagem. Eu posso ser a Yasmin que é modelo, eu posso ser a Yasmin que é do surf, eu também sou a Yasmin acadêmica, que lê muito, para mim, a leitura, o estudo é um armamento, um escudo, uma armadura contra a opressão. Essas várias formas de ser, minhas múltiplas existências, múltiplas personalidades, é a mensagem que eu gosto de transmitir, além de falar coisas importantes, compartilhar as leituras de uma forma importante. A principal mensagem é dizer que o racismo não vai acabar com a gente; quanto mais

a gente souber sobre esse sistema racista, mais a gente vai conseguir se proteger dele e ser o que a gente quiser ser: tipo, modelo, influenciadora, bonita, inteligente, sufista, enfim... eu acho que é isso.

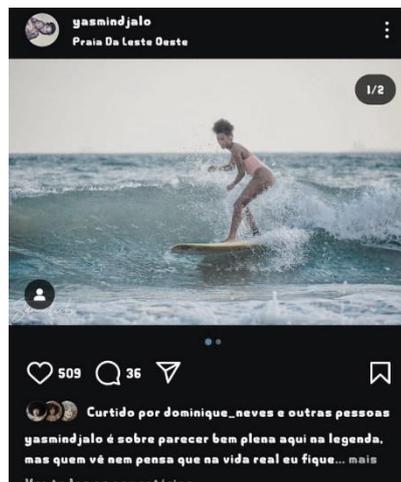
Eu não sei se já assistiu “Insecure”; é minha série favorita da vida. Eu acho que todas as mulheres negras têm que assistir. O grande marco da série é a Issa Rae, que é diretora e protagonista. Ela retrata duas melhores amigas negras vivendo a vida delas, errando, acertando, descobrindo coisas novas, sendo humanas. É tipo devolver a humanidade para as pessoas negras, para as mulheres negras. Essas várias faces, essas várias lutas, essas várias atividades que eu desempenho, que eu busco, é isso: “gente, vamos ser o que a gente quiser!”. A gente pode ser tudo, podemos errar, amadurecer em alguma coisa e, enfim...

Eu fui buscar terapia há uns dois anos, e não foi por causa da vida de influencer; foi pela vida acadêmica. Eu estava travada com meu trabalho, que é sobre causas raciais; no capítulo sobre colonização, eu parei e passei dois anos sem abrir minha monografia, também pelo contexto da pandemia. Eu passei dois anos sem abrir meu trabalho e pensei: “Meu Deus, tem alguma coisa errada! Eu vou para terapia!”. E aí revolucionou minha vida, e é importante em todos os aspectos, principalmente na vida de digital influencer, porque a terapia me ajuda a ser cada vez mais eu e a não ter nenhum problema com a minha existência, com a minha forma de ver o mundo ou com o meu posicionamento. Não tem nada de errado, e quem gostou, bate palma; e quem não gostou, paciência. A terapia é meio que isso para mim. Eu descobri na terapia que tenho muita necessidade de agradar as pessoas, de evitar conflitos. Muitas mulheres negras têm esse histórico de não incomodar, de agradar as pessoas, e aí eu sempre tive muito isso, desde quando eu era criança. E, lógico, não ia ser diferente no mundo da internet. Por mais que eu fale coisas que eu sei que vão incomodar, eu tento ao máximo ser didática e polida, porque eu tenho essa característica de evitar conflitos.

Ainda não aconteceu comigo de levar um grande hater, mas eu tenho consciência de quanto mais proporções as coisas tomam, e eu realmente quero que tomem proporções grandes. Eu ficarei mais suscetível a levar haters e tal, mas eu acho que nesse processo terapêutico estou cada vez mais autêntica, mais segura, e se acontecer, é porque eu estou com tudo, é porque estou bombando, e eu vou ter que ter consciência de que isso não vai anular o tanto de elogios que eu recebo. O pessoal fala muito comigo, tem gente que... eu estou para ajudar as pessoas. Quando

a pessoa me pergunta uma coisa, eu faço questão de responder bem e direito. Eu acredito que, se essas pessoas estão comigo, é para elas que eu tenho que continuar criando conteúdos, tentando ajudar de alguma forma e não para quem vem para me criticar. Eu estou falando isso, mas vai que amanhã eu sou cancelada e eu sucumbo (risos)... Até então, eu acredito que é isso!

Figura 16: Foto de Yasmin Djalo surfando



Fonte: Instagram @yasmindjalo

Sobre conquistas, é muito complexo... Conquista financeira, já fiz publis com cachê bom, já estive em eventos bem importantes, o que foi muito bom para a minha visibilidade. Mas não é isso, eu acho que a principal conquista é quando eu estou na rua e alguém fala: “Continua que tá massa!”. Acredito que a minha principal conquista é o meu time – o pessoal que me acompanha, eu chamo de time. Eu acho que é isso que me faz continuar, é quando uma menina negra fala: “Me identifiquei com isso, eu estou amando as coisas que tu falas na internet”. Ou quando alguém que não entende uma causa, ou até mesmo pessoas brancas que não entendem nada... que eu consigo plantar uma consciência ali na cabeça da pessoa.

Quando me pedem para fazer mais vídeos, quando as pessoas pedem para eu continuar, é uma conquista, porque de alguma forma eu influenciei ali de fato a cabeça da pessoa, principalmente para questões de igualdade racial, que são as que eu mais gosto de trabalhar. É o que mais me deixa feliz, porque eu poderia não ver sentido em compartilhar minha vida. Às vezes, até fico assim: “Gente, será que faz sentido eu ficar aqui, sem maquiagem, com a cara feia? Será que faz mais sentido eu aparecer só bonita e tal?”. Mas quando a pessoa entende, conversa ou quando tem alguma

troca, um diálogo, eu acho que é isso o principal mérito: são as pessoas que me acompanham e acreditam no meu trabalho de verdade.

Eu já estive em muitas oficinas, e eu acredito que se eu não postasse as coisas ou as minhas movimentações, isso não estaria acontecendo. Eu já fui chamada para dar várias oficinas a estudantes, que é o que eu gosto de fazer. A primeira oficina que eu dei foi na EDISCA⁵², que é uma escola de dança, hoje em dia é uma escola de tudo. Era uma oficina para crianças, foi muito emocionante; eu estava super nervosa. Depois disso foram várias, eu dei oficina no Bom Jardim⁵³, tinha mulheres de faixa-etárias completamente diferentes, tinha mulheres da minha idade a idosas.

Uma das palestras mais marcantes foi um evento da prefeitura que aconteceu em várias partes da cidade. Eu fui convidada para mediar uma palestra sobre um documentário de mulheres negras, e foi muito incrível, meu Deus! O público-alvo eram as mães das crianças que fazem parte da associação, a maioria eram mulheres que eram empregadas domésticas, que ficam ali no subemprego, que estavam buscando oportunidades melhores para os filhos. Foi incrível, porque elas eram mulheres que nem se consideravam negras, e eram, né? Eu recebi até uma cartinha de uma das mães, a coisa mais genuína do mundo. A pessoa mal sabe escrever com a gramática do português, mas ela quis me dar aquilo e me deu com o maior carinho do mundo.

Eu sei que tem muita gente fazendo um trabalho incrível, mas que é interno, que não é tão público, não é tão acessível, no sentido de você ter acesso a essa pessoa para palestrar. Tem uma coisa muito legal que aconteceu: a secretaria da igualdade racial, nesse mês de julho, estava homenageando as mulheres negras. Foi dia 25 de julho, dia da mulher negra, elas postaram uma publicação homenageando algumas mulheres; eu fui uma dessas mulheres pelo trabalho que eu faço. É um reconhecimento que eu acho importante que tem que ter, senão você fica meio desnorteado. Lógico que a autovalidação é muito importante, mas é legal você ser reconhecido pelo seu trabalho.

O ativismo tem diversas facetas, e eu acho que, com certeza, você está influenciando a pessoa de alguma forma, a se olhar de uma maneira mais generosa, a ter uma identidade negra cada vez mais positiva de si, a se alertar, quando você é

⁵² Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente. <http://edisca.org.br/>

⁵³ Situado ao sudoeste de Fortaleza, o bairro Bom Jardim faz divisa com os bairros do Conjunto Ceará, Siqueira, Bom Sucesso e com o município de Caucaia, abrigando uma população estimada de 41 mil pessoas. <https://www.cmfor.ce.gov.br/2023/09/14/potencial-urbanistico-e-representatividade-social-do-bom-jardim-tem-contribuido-para-o-desenvolvimento-da-capital/>

alienado, a agir para as questões raciais, até mesmo a se alertar para o seu próprio privilégio. Que um toque supersensível ao privilégio branco faz muita diferença. Se o mundo não tivesse isso, o mundo seria mais igualitário. Eu me considero ativista, sim. Me reconheço porque dá até para puxar um pouco da Patrícia Hill Collins, quando ela vai falar sobre o ativismo que acontece de várias formas, não necessariamente só no protesto, mas pelo fato de você estar ali sendo uma mulher negra, produzindo arte. Inclusive, a arte e a poesia são uma das principais ferramentas que as mulheres negras usavam para conseguir alguma mudança social, porque na política era muito difícil.

Yasmin deixa muito evidente o seu objetivo de contribuir para o alcance de uma sociedade igualitária e antirracista, e é perceptível que os caminhos que ela vem traçando no âmbito acadêmico, profissional e pessoal afirmam essa posição. Na questão econômica, é importante destacar que, em relação ao retorno financeiro, o trabalho de modelo é o que mais remunera. Esse debate nos faz pensar sobre alguns aspectos da construção da beleza negra no Brasil.

É possível dizer que, até meados dos anos de 2010, os aspectos relacionados à autoestima, à estética, ao corpo e ao cabelo das mulheres negras no Brasil eram um processo que acontecia, muitas das vezes, de forma isolada, solitária. Com o surgimento de canais no YouTube voltados para assuntos relacionados à estética negra – cabelo, transição capilar, corpo, produtos de beleza, penteados, finalizações, turbantes –, coletivos de beleza negra são criados na internet e se tornam populares, emergindo uma mobilização coletiva que, até então, tem contribuído com discussões sobre autoestima, valorização e reconhecimento da beleza dos corpos negros.

E esse reconhecimento vem em paralelo com a conscientização política, do entendimento de que a história do corpo e da beleza negra em território nacional é uma viagem pela história do Brasil. “Se quisermos entender um tanto sobre a representação da beleza negra atual, demorar os olhos sobre a história de uma estética africana em tempos de Brasil escravocrata é o primeiro passo” (Braga, 2015, p. 34). Isso quer dizer que o conceito de beleza que foi ensinado e apreendido foram os modelos de beleza europeus, tendo em vista o projeto colonial de perda de identidade e subjetividade dos povos escravizados e, conseqüentemente, de seus descendentes.

Yasmin faz parte das jovens negras que foram afetadas ainda na adolescência pelos conteúdos de youtubers negras; ela passou pela transição capilar, tornou-se

pesquisadora e atuante na luta antirracista. Sua atuação como modelo, não foi planejada, nem foi um sonho de criança, mas tornou-se uma realidade que está intrinsecamente ligada ao momento histórico atual, onde se nutre uma nova etapa do processo histórico de elaboração do que é a beleza negra. Mesmo sendo o trabalho que mais a remunera, Yasmin afirma que não tem pretensão de se situar apenas como modelo, mas a junção de todas as suas movimentações – acadêmica, empreendedora, influencer, modelo, surfista e outras mais – essa atitude representa uma forma concreta de se colocar no mundo. Nesse sentido, fica nítida a importância da influência negra responsável. As crianças e jovens de hoje que utilizam a internet possuem um repertório estético positivo, de orgulho, de construção de identidade, de conhecimento ancestral que outrora era inexistente.

Todavia, é importante ressaltar que há, nesse acesso e apropriação do uso das tecnologias e da internet, inúmeros desafios que perpassam pelos aspectos financeiros, sociais, emocionais e profissionais. Sobre isso, Yasmin elenca alguns desafios que tem enfrentado sendo uma mulher negra ativa na internet.

Há inúmeros trabalhos científicos que tratam da plataforma *YouTube* como ferramenta pedagógica de complementação de conteúdo. Isso ocorre devido à utilização dessa rede social por estudantes e professoras/es, integrando os vídeos dessa plataforma na metodologia de ensino. As redes sociais exercem influência nos processos de construção de conhecimento. Desse modo, o *Instagram*, mesmo sendo uma rede social com mecanismos diferentes do *YouTube*, tem sido utilizada como uma ferramenta de compartilhamento de conhecimento, o que exige das/os influenciadoras/es pesquisa, síntese e didática. Yasmin relata o desafio e a complexidade de tratar o tema, fala sobre a importância de estar sempre estudando e ressalta que, para ela, torna-se mais fácil, por já possuir conhecimentos prévios e ser pesquisadora da temática.

Ainda é um desafio para a população negra no Brasil se posicionar enquanto pessoa protagonista, porque há uma imposição estética que firma como padrão a brancura, o branco ocidentalizado, onde as mulheres são esteticamente examinadas. Dessa forma, Yasmin afirma que um dos principais desafios de ser uma mulher negra atuante nas redes sociais é saber de si, para não se perder. Outro obstáculo destacado pela Yasmin é a complexidade de tratar a temática racial no âmbito da internet, a necessidade de expor de maneira didática, pensando no público que estará assistindo.

O retorno financeiro advindo do seu trabalho no Instagram ainda não está firmado; dessa forma, Yasmin afirma que não conseguiria sobreviver atuando apenas como influenciadora. A inexistência de uma regulamentação que propicie remuneração adequada, que garanta uma jornada de trabalho, férias e outros direitos das/os trabalhadoras/es possibilita fazer uma associação à uberização do trabalho. O número de seguidoras/es é outro fator que está relacionado ao rendimento da pessoa digital influencer, pois está atrelado à quantidade de likes⁵⁴, visualizações, compartilhamentos que o *publipost*⁵⁵ terá. Um elemento destacado pela Yasmin foi a credibilidade de se posicionar, de tomar decisões, de julgar marcas, de receber convites para participar de eventos; está relacionado ao número de seguidores que a influenciadora tem em seu perfil. No momento da elaboração da análise da sua crônica, o perfil de Yasmin no Instagram era de 7.114 seguidores.

Yasmin transita profissionalmente por campos que estão ligados à estética, ao corpo, ao cabelo e à moda; por exemplo, o empreendedorismo da sua marca de turbantes AFRORE, sua atuação como modelo, como digital influencer e suas produções intelectuais que estão relacionadas à identidade e ao uso dos turbantes. Dessa forma, em seu perfil no *Instagram*, é possível identificar *publiposts* para marcas de roupas, de óculos, de sandálias, de repelente, de biquíni, assim como fotos de participação em desfiles de moda, fotos para campanhas e marcas, e publicações a partir de suas reflexões pessoais e políticas enquanto mulher negra, participação em eventos, ministrando oficinas de turbante, além de momentos que fazem parte de sua vida fora do campo profissional e acadêmico.

Ainda sobre os desafios, na perspectiva de Yasmin, manter assiduidade em suas postagens para garantir engajamento é um impasse, pois é necessária uma organização, ter material pronto e uma programação para as postagens. Yasmin destaca que seria ideal uma assessoria, levando em consideração que as publicações precisam ser pensadas e elaboradas para o público, passar por revisores. A inexistência de uma assessoria faz com que ela exerça essas funções, que demandam tempo, paciência e criatividade; dessa forma, há uma dificuldade de encarar a atuação como digital influencer como um trabalho, uma vez que requer presença constante.

⁵⁴ Curtidas em publicação

^{55M} Método de divulgação escolhido por algumas marcas para que pessoas, geralmente conhecidas ou referências em um nicho de mercado, promovam algum produto ou serviço

Yasmin compartilha no *Instagram* um pouco de todas as áreas que transita, afirmando que o seu posicionamento na internet é o seu cotidiano, demonstrando suas múltiplas versões, com o objetivo de passar a mensagem e a imagem de que as mulheres negras são diversas, complexas e que necessitam existir em suas personalidades, e que há possibilidade de ser o que se deseja. Ainda ressalta que a educação é uma ferramenta para combater e resistir ao racismo.

A série "Insecure" é citada por Yasmin, onde ela considera que sua atuação no Instagram dialoga com a série. "Insecure" foi lançada em 2016, criada e protagonizada por Issa Rae; a trama analisa a amizade de duas mulheres negras adultas vivendo o seu cotidiano, com percalços, desilusões, trabalhos e objetivos de vida. É uma série que representa a mulher negra em sua humanidade e suas múltiplas faces de existência.

Yasmin declara ter procurado acompanhamento psicológico através de terapia, não pelo trabalho de influenciadora digital, mas devido ao processo de construção de seu trabalho de conclusão de curso de sua graduação em Design de Moda, onde abordou sobre o tema das relações raciais. No capítulo sobre Colonialismo, houve um bloqueio que perdurou por dois anos; por dois anos ela passou sem abrir o arquivo do seu texto monográfico. Há inúmeros trabalhos científicos que tratam sobre transtornos mentais em estudantes universitários; em sua maioria, salientam a transição da adolescência para a fase adulta juntamente com as responsabilidades e convívio em um ambiente desafiador que é a universidade.

Entre os jovens, há um grupo específico no qual os diagnósticos de transtornos mentais têm crescido de forma muito expressiva nos últimos anos: os estudantes universitários. Há uma série de estudos realizados em diversas partes do mundo, os quais evidenciam que as taxas de doenças mentais como depressão, ansiedade, crise de pânico, distúrbios do sono, além do risco de suicídio, são muito maiores entre estudantes matriculados em cursos de graduação, e principalmente de pós-graduação, do que no restante da população (Costa; Nebel, 2019, p.2).

Os aspectos de raça e gênero precisam ser considerados quando tratamos sobre a saúde mental de jovens negras universitárias. Para além dos aspectos sobre a transição de uma fase para outra, as estudantes negras têm que lidar com a sua experiência negra no âmbito universitário. Grada Kilomba (2019) descreve parte de sua experiência no âmbito acadêmico, na condição de professora, onde foi inúmeras

vezes descreditada, sua escrita foi questionada e caracterizada como não científica, e sua presença naquele espaço foi eventualmente ignorada. Essa é uma realidade que atinge todas nós, mulheres negras, considerando que o conhecimento é colonizado e que o colonialismo determinou autoridade ocidental sobre todos os sentidos dos saberes. E quando mulheres negras se propõem a não seguir as regras e a descolonizar a ordem universal de conhecimento, escrevendo sobre si, a probabilidade de sentir-se bloqueada, afetada e ansiosa é considerável.

Yasmin relata que, depois que passou a ter acompanhamento terapêutico, identificou aspectos em suas ações que podem ser considerados comuns em algumas mulheres negras: que é evitar conflitos e não incomodar. Essas propriedades podem ser agregadas ao imaginário enraizado de que mulheres negras são fortes, estão sempre prontas para realizar inúmeras demandas, estão disponíveis para cuidar e nunca serem cuidadas. É sabido que, no imaginário social, é recorrente a imagem da mulher negra como barraqueira, encrenqueira, violenta, safada e alcoólatra, e formas correlatas.

Bianca Santana (2013) vai dizer que houve um processo movido pelo surgimento da imprensa negra nas primeiras décadas do século XX, que objetivava promover uma segunda abolição, tendo em vista que aquela acontecida em 1888 não trouxe mudanças na vida da população negra. Era preciso inserir a população negra no mercado de trabalho, no sistema educacional, na política, dar suporte na saúde e opor-se à imagem da pessoa negra como escravizada. Esse segmento foi instigado por uma perspectiva educacional de reeducação da raça que estabelecia afastamento e aculturação das origens africanas. Dessa forma, ações foram acontecendo através de bailes, clubes e agremiações de homens de cor, que evidenciaram status social, de forma paralela com a imprensa negra que publicava notícias sobre as festas e encontros promovidos pelos clubes, evidenciando o caráter, a educação e o patriotismo dos participantes.

O que se percebe aqui é um acúmulo de uma série de discursos que vão caracterizar esse primeiro momento da imprensa negra. Por outro lado, a defesa do negro perante a sociedade e sua tentativa de criar círculos sociais de considerada importância. Por outro, faz-se uso de atributos ligados à moral da época – caráter, educação, bons costumes – para mostrar certa “evolução do homem negro (...)” (Santana, 2013, p.112).

Yasmin relata que, depois que passou a ter acompanhamento terapêutico, identificou aspectos em suas ações que podem ser considerados comuns em algumas mulheres negras: que é evitar conflitos e não incomodar. Essas propriedades podem ser agregadas ao imaginário enraizado de que mulheres negras são fortes, estão sempre prontas para realizar inúmeras demandas, estão disponíveis para cuidar e nunca serem cuidadas. É sabido que, no imaginário social, é recorrente a imagem da mulher negra como barraqueira, encrenqueira, violenta, safada e alcoólatra, e formas correlatas.

Bianca Santana (2013) vai dizer que houve um processo movido pelo surgimento da imprensa negra nas primeiras décadas do século XX, que objetivava promover uma segunda abolição, tendo em vista que aquela acontecida em 1888 não trouxe mudanças na vida da população negra. Era preciso inserir a população negra no mercado de trabalho, no sistema educacional, na política, dar suporte na saúde e opor-se à imagem da pessoa negra como escravizada. Esse segmento foi instigado por uma perspectiva educacional de reeducação da raça que estabelecia afastamento e aculturação das origens africanas. Dessa forma, ações foram acontecendo através de bailes, clubes e agremiações de homens de cor, que evidenciaram status social, de forma paralela com a imprensa negra que publicava notícias sobre as festas e encontros promovidos pelos clubes, evidenciando o caráter, a educação e o patriotismo dos participantes.

Logo, considera que sua maior conquista, atuando nas redes sociais, criando e compartilhando conteúdos antirracistas, são as trocas e diálogos que consegue obter com suas seguidoras. O reconhecimento do seu trabalho, através de convites para realizar oficinas, palestras, mediar mesas em eventos em diversos bairros de Fortaleza, enfatiza a importância do reconhecimento do seu trabalho por órgãos importantes como a Secretaria de Igualdade Racial de Fortaleza e por mulheres negras, mães, periféricas, que enxergam em Yasmin a possibilidade de seus filhos e filhas conquistarem uma vida próspera.

Reconhecendo-se enquanto ativista, Yasmin cita Patricia Hill Collins, corroborando com sua perspectiva de entender como ativismo todo posicionamento consciente e contra hegemônico, que pode ser representado através da arte, da escrita, da poesia, do magistério, dos lugares possíveis de se estar e atuar.

As próximas crônicas são falas da Maria Izabel Feitosa Accioly, mulher de 35 anos. Izabel inicia sua narrativa falando de sua mãe e como um fio condutor discorre sobre suas trajetórias e experiências.

7.1.4 O princípio de si – Maria Izabel Feitosa Accioly

Minha mãe é de Juazeiro⁵⁶, a parte negra da minha família, a minha parte materna. Eu não conheço muito os meus parentes do Juazeiro; aquela ideia de que a nossa história foi roubada, contada pela metade, ninguém sabe muito bem. Meu avô e minha avó eram negros, e todos os meus tios também. A minha mãe veio do interior para cá estudar. Ela é uma mulher negra, e o que eu sei é que ela veio morar no Pirambu, que durante muito tempo foi a maior favela da América Latina. O Pirambu recebia muitas pessoas que vinham do interior para Fortaleza, naquela ideia dos retirantes da seca; historicamente, é uma comunidade que recebe muitas pessoas do interior.

Minha mãe estudou, fez graduação em Serviço Social na UECE⁵⁷ e se formou em 1984. Se hoje para a gente na universidade é difícil, imagina para ela em 84!? Imagina quantas negras tinham na UECE fazendo Serviço Social em 84? Ela conheceu meu pai, um homem branco, e a família toda branca. O sobrenome Accioly vem dele; acabou que eu fiquei usando esse nome porque é o último e, na academia, sempre é o último nome. Meu pai foi bem irresponsável, aquele eterno menino, igual àquele ditado: “O homem é um menino até ele ficar idoso”. Meu pai é assim..

Meu pai já tinha 2 filhas, que são filhas de trabalhadoras que cruzaram o caminho dele. Uma é filha de uma trabalhadora doméstica de uma casa em que ele morou, e outra filha é de uma trabalhadora da fábrica em que ele era supervisor; as duas são mulheres negras. Você já vê aí uma problemática com relação à fetichização da mulher negra.

Eles se casam, e eu sou a primeira filha deles. Nasci em 1988, no ano do Centenário da Abolição, e meu nome é Izabel, feito à princesa. Minha mãe diz que não tem nada a ver, que não foi nada disso, mas eu acho uma coincidência bem complicada. Depois, eles tiveram mais 2 filhos: meu irmão nasceu em 89. O meu irmão mora em Juazeiro; ele fez o caminho de volta. Minha irmã também mora em

⁵⁶ Juazeiro do Norte. Fica no Interior do Estado do Ceará

⁵⁷ Universidade Estadual do Ceará

Juazeiro; minha irmã é psicóloga e o meu irmão é comerciante. Ele tem uma fábrica de coisas de alumínio. Eu e o meu irmão tivemos trajetórias de vida bem negras. O que eu quero dizer com "trajetórias de vida negras"? Eu comecei a trabalhar com 12 anos.

Não tive uma vida cheia de oportunidades, cheia de apoio; não tive muito isso, e meu irmão também não. Meu irmão apanhava tanto que, um dia, ele foi passar férias em Juazeiro e ofereceram emprego de estivador, de descarregar caminhão; e ele ficou, porque esse trabalho insalubre era melhor do que viver perto dos meus pais apanhando. A minha irmã não; a minha irmã é a mais clara de nós três. Minha irmã estudou; o primeiro trabalho dela já foi como concursada, como psicóloga de um Município aqui do Estado do Ceará. E quando nasceu, ela era clara, de cabelo liso. As pessoas diziam assim: "Nossa! Você está cuidando dela?!" Como se eu fosse a babá. De quem é essa bichinha que você está cuidando? E eu falava: "É minha irmã".

Sempre tinha uma série de carinho e de cuidado com a minha irmã que eu e meu irmão não tivemos acesso. Hoje em dia, eu consigo racionalizar isso, entender que era uma predileção pela posição que ela ocupa no núcleo familiar, por ser a mais nova, obviamente, mas também por ser clara.

Eu e meu irmão tivemos uma infância bem complicada; tive que amadurecer muito rápido. Minha mãe trabalhava em presídio, trabalhou 27 anos no presídio. Eu tive que cuidar dos meus irmãos desde muito cedo. Eu tinha que ser responsável pela alimentação, com os cuidados de casa, por fazer tarefa, trocar fralda, esquentar a mamadeira, suprir "N" cuidados que eram necessários. Eu entendo que tinha a ver com o fato de minha mãe ter que trabalhar e não ter com quem terceirizar esse cuidado dos filhos mais novos, a não ser a mim mesmo. Só que isso complicou bastante minha trajetória de vida. Eu tive diversos problemas familiares. Hoje em dia, eu tenho uma relação muito distante de toda a minha família; só tenho contato praticamente com meu filho. Com a minha mãe, eu falo esporadicamente.

Minha mãe é mochileira. Depois que se aposentou, ela resolveu ganhar o mundo. Tem uns 7 anos, talvez, que ela virou mochileira, passando um tempo em cada país. Não tenho muito contato com os meus irmãos. Com o meu pai, já não falo há uns 8 anos, porque foi necessário para que eu tivesse saúde mental. A minha história de vida é mais ou menos assim, marcada por essas coisas todas.

Figura 17: Foto 3x4 de Izabel Accioly criança (Mariazinha)



Fonte: Instagram @afroantropologa

A mãe de Izabel saiu do interior do estado do Ceará para a capital, Fortaleza. Em 1984, século XX, uma mulher negra sair de casa para morar numa capital com o objetivo de estudar em uma universidade pública ainda era uma exceção. Pode-se dizer que sua mãe foi uma das poucas mulheres negras a concluir um curso superior naquela época. Izabel nos conta que seu pai branco, antes de casar com a sua mãe, já tinha duas filhas, cada filha de uma mulher diferente, mulheres negras que estavam em uma posição de subalternidade: uma era empregada doméstica em uma casa em que ele morou, a outra era funcionária de uma fábrica onde era supervisor. Lélia Gonzalez (1984), Angela Davis (2017) tratam da mulher negra trabalhadora e das coerções sexistas que fazem interconexões com as questões econômicas, raciais e sexuais.

Considerando a mulher negra trabalhadora doméstica, que Lélia Gonzalez (1984) vai nos dizer que sua figura está atrelada à imagem da mucama, que, além de todas as funções que exercia, como lavar, passar, cozinhar, cuidar das crianças, dos senhores e das sinhás, havia também a fetichização sexual. Com a trabalhadora doméstica, também não é diferente.

Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo às instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no carnaval ou nos oba-oba [...] só pode ser doméstica, logo, entrada de serviço. E, pensando bem, a entrada de serviço é algo meio maroto, ambíguo, pois sem querer remete a gente

prá outras entradas (não é “seu” síndico?). É por aí que a gente saca que não dá prá fingir que a outra função da mucama tenha sido esquecida (Gonzalez, 1984, p.231).

A erotização da mulher negra rompe as barreiras do trabalho doméstico e abrange os demais segmentos profissionais que uma mulher negra pode exercer. Historicamente, é sabido que as crianças nascidas através dos estupros e, posteriormente, pela política de embranquecimento, tornaram-se a justificativa do pensamento de democracia racial, através do processo denominado de miscigenação. O mito da democracia racial romantiza a escravidão no Brasil e as relações desiguais econômicas, políticas, sociais e educacionais que afetam a população negra brasileira. Uma das consequências que o mito da democracia racial atingiu foram as relações familiares.

Izabel conta que sua irmã mais nova nasceu com a pele clara, cabelos lisos, ou seja, mais próxima ao ideal de beleza considerado padrão, que é a brancura. Esse episódio remete ao quadro “A redenção de Cam”⁵⁸; o quadro representa o processo de branqueamento racial. A imagem retrata uma família constituída por uma avó negra retinta, mãe negra de pele clara, pai e criança brancos.

Izabel afirma também que ela e seu irmão tiveram uma infância negra, e explica que precisaram trabalhar cedo e exercer papéis que demandam responsabilidade. Uma ocorrência racista e naturalizada no aspecto social brasileiro é a de confundir mães e irmãs negras como babás de suas filhas e irmãs, quando essas nascem com a pele mais clara. Associado a este fato estão as formas de tratamento dentro do seio familiar, notadamente, de famílias inter-raciais, sendo um negro e outro branco; majoritariamente, crianças negras são vistas como não sendo merecedoras de carinho, afeto e cuidados, diferentemente de crianças da mesma família que nascem mais claras ou brancas.

Existe uma diferença de privilégio que favorece o torna mais claro, e quanto mais escuro, são maiores as dificuldades na vida. Essa realidade é percebida dentro das dinâmicas familiares, mesmo onde existe vínculo de amor entre as pessoas. A questão do tom de pele atravessa, os modos de educação, os valores, os privilégios e as exigências entre os familiares. As famílias interracialis obedecem a uma hierarquia racial fenotípica que decresce o tom mais claro ao mais escuro (Soares; Zamora, 2020, p. 479).

⁵⁸ “A Redenção de Cam”, do artista espanhol Modesto Brocos, 1895.

Sendo uma pessoa crítica e política, Izabel reconhece que as demandas que foram dadas a ela na infância estavam relacionadas a aspectos econômicos, de gênero e raciais. A mãe precisava trabalhar fora e não tinha condições de terceirizar os deveres domésticos e de cuidado com a filha caçula, transferindo-as para Izabel. Pode-se afirmar que a infância de Izabel não foi diferente da maioria das meninas negras brasileiras. Fanon adverte o seguinte: “uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco” (Fanon, 2008, p. 129). Isso quer dizer que foi ainda no contexto familiar que Izabel teve suas primeiras experiências de violência racial.

Após esse primeiro momento, é apresentada a crônica “Movimento de vida” de Izabel.

7.1.5 Movimento de vida – Maria Izabel Feitosa Acioly

Engravidei com 17 anos, no ano em que eu estava fazendo o terceiro ano do ensino médio, com bolsa em uma escola particular daqui de Fortaleza. Fiquei grávida em abril; o diretor da escola queria tirar minha bolsa, foi um inferno, mas não tirou; eu consegui concluir o ensino médio. Fiquei de recuperação em matemática pela primeira vez, fiz a prova de recuperação de matemática no ano seguinte, sete de janeiro de dois mil e seis; o meu filho nasceu dia dez de janeiro, ele esperou só eu terminar o ensino médio.

O Vinícius é tão bonzinho, tão compreensivo, é compreensivo desde a chegada dele. Meu filho é incrível! A gente passou por muitas coisas juntos; batalhei muito para ser a mãe que eu sou hoje. Quando meu filho estava com um ano, o pai dele deixou a gente; eu não tinha como me sustentar, não tive direito a auxílio maternidade, não tive resguardo praticamente; passou o primeiro mês, eu já estava trabalhando de novo, porque tinha que ter comida em casa.

A cultura familiar sempre foi assim: o dinheiro de cada um é de cada um, se a minha mãe tem dinheiro, o dinheiro é dela, se o meu pai tem dinheiro, o dinheiro é dele, não é da família. Não tinha um senso de comunidade familiar nesse núcleo duro da família, pai, mãe e filhos; não existe isso até hoje. Se eu quebrar a perna, Deus me livre e guarde, e ficar um mês sem trabalhar, eu vou atrasar um mês de conta, porque ninguém vai me ajudar com nada; se eu adoecer, ficar mais doente do que eu já sou, não vai ter ninguém que vai me ajudar.

Eu sou uma pessoa com deficiência visual; não tenho mais a visão do olho esquerdo. Eu tive um problema na infância, se tivesse sido identificado na infância, poderia ter sido revertido, mas a minha mãe estava tão ocupada em sobreviver e meu pai ocupado com as coisas dele, eles não olharam muito para mim; acabei perdendo a visão completamente. Hoje sou uma pessoa com visão monocular, passei por uma série de negligências. Eu leio a bell hooks; ela fala sobre a diferença entre amor e cuidado. Minha mãe certamente me ama muito, mas eu não sei se cuidado foi uma coisa que teve presente na minha infância.

Eu fui abusada sexualmente com doze anos e só fui entender que a minha primeira relação sexual com doze anos foi estupro, já adulta. Não tem quatro anos isso; eu tenho trinta e cinco anos agora. Só recentemente foi que eu entendi... então quer dizer que aquele dia não era certo, isso foi estupro. Teve uma série de falta de cuidado, e aí com o meu filho eu tento, tentei pelo menos suprir um pouco disso.

Depois que o pai do Vinícius nos deixou, eu tive que voltar a morar na casa da minha mãe. Não tinha lugar para gente; fomos morar num quartinho de empregada e o quartinho era tão pequeno, que tive que mandar fazer uma cama sob medida para aquele espaço e era tão pequeno que se a gente se desabraçasse durante a noite, um caía no chão. Era muito ruim, vivia cheio de infiltração, no período de chuvas, no começo do ano a gente vivia doente, isso Vinícius tinha quatro, cinco anos... (suspiro). Quantas vezes eu fiquei sem jantar para o Vinícius ter o que jantar. A gente passou por muita coisa.

Quando Vinícius estava com seis para sete anos, o pai dele reapareceu. O pai dele decidiu que queria a guarda, como foi que ele decidiu que queria arrumar isso, ao invés de entrar com processo civil para revisão de guarda, ele resolveu me acusar de maus-tratos com meu filho. Ele foi na delegacia e disse que eu estava maltratando o Vinícius. Eu respondi criminalmente; demorou quase um ano para ser julgada. No dia do julgamento, ele foi lá com advogado, eu não tinha advogado, foi só eu e o Vinícius. Tinha uma defensora pública que me perguntou se eu queria ajuda, eu respondi que queria. Ela viu que o Vinícius estava bem, gordinho, sem nenhuma marca no corpo, educado, com farda da escola. Eu pensava assim: a gente vai sair daqui, vou deixar o Vinícius na escola e eu vou trabalhar. No dia, a juíza, ainda bem que era uma juíza, que era uma mãe, a juíza julgou improcedente; ela nem julgou o caso, na verdade, ela considerou a denúncia improcedente e arquivou por falta de provas. Na hora seguinte, saí do julgamento e o pai do Vinícius veio me pedir

desculpas e eu disse que não desculpava, só para marcar: o pai do Vinícius é um homem negro, não é um homem branco. Foi um tempo muito difícil, mas nós superamos.

Em dois mil e treze, resolvi voltar a estudar; vi uma faixa quando estava voltando de ônibus do trabalho. Trabalhei por cerca de seis anos em concessionárias de veículos; eu nem dirijo, não gosto de carro, mas era onde tinha trabalho, eu fui. Voltando de ônibus para casa, vi essa faixa falando do cursinho Paulo Freire da Faculdade de Direito, que é um cursinho que tem até hoje, aos sábados e domingos. Eu trabalhava a semana toda e, no sábado e domingo, fazia aula nesse cursinho. No meio do ano, apareceu um concurso na cidade de Eusébio para recepcionista; fiz e passei, era nível médio ou fundamental, alguma coisa assim. Eu passei, e fiquei: “Caramba! Esse negócio de estudar funciona!”; passei num concurso, valha meu Deus do céu... fui chamada rápido, fiquei muito feliz de ter conseguido alguma coisa com o estudo e me motivou. No final de dois mil e treze, fiz o Enem⁵⁹; em dois mil e quatorze entrei na UFC, foi meu primeiro Enem, eu nunca tinha feito antes a prova. Comecei a cursar Ciências Sociais na Federal, um curso noturno; passava o dia trabalhando na UPA do Eusébio, fazia funções administrativas, voltava para casa, pegava o Vinícius e ia para aula.

O Vinícius estava com oito anos, de oito até doze anos, o período da graduação toda, ele me acompanhou. Pedi exoneração do Eusébio, fiquei com uma bolsa da Federal. Estava casada e o meu marido, na época, disse que eu podia só estudar, foi uma das primeiras vezes na vida que eu poderia só estudar; a última vez que eu tinha só estudado, eu estava com onze anos. Fiquei estudando, com a bolsa da UFC⁶⁰, eu era bolsista do laboratório dos Estudos da Violência, cuidando do meu filho e da casa. Tem fotos do Vini na UFC brincando de Pokémon na biblioteca, com as miniaturas de Pokémon (pshu, pshu, pshu); tinha toda uma sonoplastia (risos) e todo mundo conhecia ele. O Vinícius foi meu padrinho de formatura. Na concha acústica, tem uma foto linda da gente juntos, eu de beca e ele comigo; foi muito bonito.

Eu sabia que se eu fizesse só graduação, eu não teria emprego. Fui fazer o mestrado. Eu tinha uma autoestima intelectual muito baixa, e pensei o seguinte: tenho que aumentar minhas chances, não vou fazer só uma seleção de mestrado, vou fazer

⁵⁹ Exame Nacional do Ensino Médio

⁶⁰ Universidade Federal do Ceará

três. Fiz a seleção para sociologia na UFC, fiquei em sétimo lugar, fiquei dentro das vagas; fiz seleção para antropologia na UFPE⁶¹, passei e fiquei dentro das vagas em sétimo lugar também; e eu tentei na UFSCar⁶² que era o que eu queria mesmo. Eu tentei o edital de ação afirmativa e fiquei em primeiro lugar; só tinha uma vaga, eu entrei. Entrei com bolsa, deixei meu filho com o pai dele e fui para São Paulo para fazer o mestrado. Foi o pior ano da minha vida, foi muito ruim; emagreci dezessete quilos em um ano. Eu tinha que escolher entre almoçar e jantar. Eu tinha mil e quinhentos reais de bolsa e ainda tinha que mandar dinheiro para casa, vivendo em São Paulo. O Vinícius não entendia, ele não se dava bem com o pai; na casa do pai, ele não tinha quarto, dormia de rede na sala, de qualquer jeito. Cheguei na UFSCar em fevereiro de dois mil e dezoito e, na primeira semana de dezembro de dois mil e dezoito, eu voltei para Fortaleza. Fiz todas as disciplinas num ano só para poder voltar para casa logo.

Voltei para Fortaleza, não voltei nem para pegar o diploma. Aquela sensação de bater os sapatos para não levar nem a terra daquele lugar. Eu entendo que ser negra em Fortaleza é bem diferente de ser negra no interior de São Paulo. Eu escutei muitas coisas das pessoas do departamento, de pessoas com quem eu morei, de pessoas na rua. Logo no interior de São Paulo, que foi o último lugar do Brasil a abolir a escravidão, no último país do mundo a abolir a escravidão! Riam do meu sotaque, ninguém me levava a sério, achavam que eu falava engraçado.

Hoje em dia, as pessoas daquela época, que não me davam atenção, riam de mim quando eu falava, hoje, por conta das redes sociais, dizem assim: “Nossa, Izabel, lembro daquela época em que nós estudamos juntos, caramba! Que legal ver onde você chegou!” e não sei o quê... Eu não tenho interesse de encontrar essas pessoas. Recentemente, fui para Brasília, ministrar aula na UnDF⁶³ e para um compromisso na Embaixada dos Estados Unidos, com quem eu tenho uma relação de trabalho; algumas pessoas daquela época estão em Brasília, queriam marcar um encontro... e eu: “Aham, a gente marca” (risos). É como minha avó dizia: “Quem bate esquece, quem apanha lembra”. Essa galera quer forçar amizade comigo, mas eu não tenho nenhum interesse. Eu sou bem rancorosa e acredito que ser rancorosa é uma grande proteção, porque eu não permito que essas pessoas se aproximem de mim novamente, não quero contato com elas.

⁶¹ Universidade Federal do Pernambuco

⁶² Universidade Federal de São Carlos

⁶³ Universidade do Distrito Federal

O meu pai foi uma pessoa que me fez muito mal, que praticou vários tipos de abuso comigo, até hoje eu tenho dívidas gigantescas que o meu pai fez no meu nome. As pessoas falam: “Mas é seu pai”. Não importa! Ele não lembrou que eu era filha dele. Não tenho interesse e, para minha proteção, não quero contato.

Figura 18: Foto de Izabel Accioly ao ar livre com o livro “Contínuo preta: a vida de Sueli Carneiro”⁶⁴



Fonte: Instagram @afroantropologa

O racismo causa impactos na subjetividade da população negra a contar da infância. bell hooks (2021) afirma que vivemos a violência, de diferentes formas, nos espaços onde deveríamos ter conhecido o amor. Neusa Santos Souza alega que tais experiências de violência racial conduzem a eliminar todo pensamento voltado ao prazer, desenvolvendo o sentimento de abandono, ódio e desamparo. É possível afirmar que as vivências narradas por Izabel perpassam pelo racismo e pelo sexismo, presentes na infância e que causaram impactos na sua juventude.

Carolina Maria de Jesus⁶⁵ escreveu livros de memória e poesia; escreveu o dia a dia na favela em que vivia, em São Paulo, em 1937. Um dos seus escritos testemunha as condições desumanas que mulheres negras, recém-paridas, são submetidas há longas datas.

⁶⁴ Livro de autoria de Bianca Santana, publicado pela Companhia das Letras, 2021.

⁶⁵ Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914

Quando completei dez dias de dieta, fui trabalhar. Pus uma cinta saia às 6 da manhã e voltava ao meio dia. Vinha pensando no menino. Meus seios doíam tanto leite. Chegava abluia-me, e dava de mamar o menino (Jesus, 2014, p. 60)⁶⁶

Outra mulher, outro fim, mesma dor⁶⁷. Se olharmos para o período escravocrata, nos depararemos com as condições das escravizadas que trabalhavam com seus filhos presos às suas costas, ou quando não tinham nem a oportunidade de vê-los, pois eram mercadorias dispostas à venda. Isso quer dizer que tal violência perpetuou-se e ainda nos dias de hoje acontece com frequência.

Um fator impactante narrado por Izabel é o retorno do seu ex-companheiro, pai de seu filho, que a acusou de maus-tratos contra Vinícius, com o objetivo de conseguir a guarda da criança. Izabel respondeu criminalmente; no entanto, devido à inexistência de provas, o caso foi julgado como improcedente. Izabel destacou a importância de ter sido uma mulher/mãe a julgar o caso.

Izabel revela que o pai do Vinícius é um homem negro. hooks (2021) afirma que os homens negros são atingidos e envolvidos pelo patriarcado, e que a mentira faz parte da estratégia de dominação. Lorde (2019, p.80) adverte o seguinte:

:

“E se os homens negros, por algum motivo, decidem se apropriar desse privilégio – estuprando, agredindo e matando mulheres negras -ignorar esses atos de opressão em nossas comunidades só servirá aos que querem nos destruir. Uma opressão não justifica a outra.

Após o encerramento do caso, o ex-companheiro de Izabel pede desculpas por sua atitude, e Izabel não aceita. Lorde (2019) reforça a necessidade de as mulheres negras não negarem suas escolhas individuais e se tornarem autoafirmativas. É importante ressaltar essa posição de Audre Lorde e a atitude de Izabel, devido à condição histórica da mulher negra de ser o suporte emocional, financeiro e de cuidado dos homens negros.

Outra situação de violência que possui raízes históricas é a violência sexual, o estupro. Devemos dar a devida atenção a este assunto, principalmente a partir do termo utilizado. É muito corriqueiro que tal agressão seja divulgada pela palavra

⁶⁶ O trecho do retirado do livro “Onde estaes Felicidade?” que respeita fielmente a linguagem da autora.

⁶⁷ Trecho da música Breu de Xênia França

“abuso”, que, pelo seu significado discursivo, retira a gravidade de tal ato. Dessa forma, Machado (2021) nos alerta para nomear adequadamente.

Quando desmembramos etimologicamente a palavra ab-uso (abuso) compreendemos que o termo aponta um significado de sub-uso. Ora, todas essas possibilidades sinonímias não seriam aplicáveis somente para objetos, já que só destes é possível se fazer uso? Não se deveria fazer uso do corpo de alguém. Menos ainda, de uma criança da sua vulnerabilidade etária, psíquica, social, dentre outras, para decidir diante de um adulto (Machado, 2021, p.64).

Machado (2021) traz à tona os aspectos interseccionais que envolvem a violência sexual infantil, especificamente em meninas negras. Há uma variedade de opressões que se somam em torno da menina negra: o racismo, o sexismo, a opressão de classe, a geracional e a de território

Considerando a intersecção de gênero, raça, classe e idade, as meninas negras são mais vulneráveis e tendem a ter seus direitos, como crianças, menos assegurados. Elas, desde a tenra idade, passam por um processo de “adultização”, ou seja, são consideradas mulheres adultas e vivenciam as mesmas situações que, historicamente, as mulheres negras vivem (Teodoro, 2021, p. 1592).

O silêncio presente sobre as violências sexuais sofridas por meninas e mulheres negras é histórico e fortalecido pelo Estado, nas escolas, pela ausência de políticas públicas, pela igreja e pela mídia. A cultura do estupro faz com que crianças e jovens nem saibam como reagir, identificar e nomear tal violência. Izabel, só depois de adulta, constatou que foi estuprada aos doze anos de idade.

Pode-se dizer que a mãe de Izabel quebrou um ciclo padrão ligado diretamente às mulheres negras, o de trabalhadora doméstica, e possuir um curso superior. No entanto, isso não a eximiu de lutar pela sobrevivência e repassar, mesmo que inconscientemente, para a filha, ainda na infância. hooks (2023) revela que

E uma vez que muitas mulheres negras costumam ter pessoas que dependem delas, crianças ou outras pessoas próximas, elas passam a integrar a força de trabalho com a convicção realista de que precisam ganhar dinheiro com propósitos de sobrevivência. Essa atitude atrelada à realidade de um mercado de trabalho que permanece profundamente moldado pelo racismo e pelo sexismo resulta no fato de que, enquanto mulheres negras, nós geralmente acabamos desempenhando trabalhos que não gostamos (hooks, 2023, p. 56).

Izabel salienta que, no seio familiar central formado por mãe, pai e filhos, não houve e não há um compartilhamento financeiro ou rede de apoio entre os familiares, mesmo ela tendo sido rede de apoio de sua mãe. Quando Izabel torna-se mãe, com

apenas dezessete anos, se vê na situação apresentada por bell hooks na citação acima. Com a demanda da maternidade e a necessidade de trabalhar, Izabel não teve condições de seguir estudando.

A não continuidade dos estudos, ou o abandono precoce, a evasão escolar da população negra é dada por diversos motivos: pobreza, violência doméstica, abandono, falta de políticas públicas efetivas e racismo institucional. Izabel nos conta que foi bolsista de uma escola particular, conseguiu concluir o ensino médio, mas, devido às condições em que se encontrava, retornou aos estudos aos vinte e quatro anos, sete anos após o nascimento de seu filho, Vinicius. Foi trabalhando durante a semana e estudando no cursinho aos sábados e domingos, conseguiu passar em um concurso público.

Com a aprovação no concurso, surge uma motivação para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e cursar uma graduação. Aprovada em sua primeira tentativa, Izabel cursa graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará. O seu filho Vinicius a acompanhou por toda a graduação. Inicialmente, Izabel trabalhava em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) durante o dia e, à noite, ia para a Universidade, levando o seu filho. Aqui, podemos colocar em evidência a sobrecarga da tríplice jornada de mulheres, mães, trabalhadoras e estudantes. A realidade das mulheres ainda hoje é marcada pela desigualdade de gênero; ser mãe, trabalhadora e dona de casa são tarefas que, historicamente, causam sobrecargas e são fatores que impedem que elas consigam continuar e/ou concluir os estudos.

Ter que desempenhar diariamente uma tríplice jornada de trabalho não é tarefa simples. Para as mulheres que vivenciam essa realidade, a rotina diária é um corre-corre frenético para tentar dar conta de todos os segmentos de trabalho. Para grande parte das mulheres, a habilidade de separar e definir limites para os diferentes tempos/espacos é um grande desafio. Conciliar os três segmentos de trabalho é uma fonte de estresse, ansiedade e pressão constantes. Isso as torna emocionalmente vulneráveis (Ávila; Portes, 2012, p.815).

Salientando que o serviço doméstico diário é socialmente invisível, não remunerado e que ocupa, em média, 21 horas semanais⁶⁸, ou seja, o acúmulo de responsabilidades e afazeres pode afetar o rendimento e o processo de aprendizagem dessas mulheres.

⁶⁸ [https://www.brasildefato.com.br/2023/08/11/mulheres-fazem-trabalho-domestico-por-9-6-horas-a-mais-que-os-homens-no-brasil-aponta-ibge#:~:text=%2D%20A%20taxa%20de%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20de,dom%C3%A9sticos%20\(92%2C7%25\).](https://www.brasildefato.com.br/2023/08/11/mulheres-fazem-trabalho-domestico-por-9-6-horas-a-mais-que-os-homens-no-brasil-aponta-ibge#:~:text=%2D%20A%20taxa%20de%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20de,dom%C3%A9sticos%20(92%2C7%25).)

Izabel concluiu a graduação e, em seguida, foi para o mestrado. Ela evidencia o sentimento de baixa autoestima intelectual e, por esse motivo, prestou seleção em três universidades. Aprovada em todas, Izabel escolheu cursar mestrado em Antropologia, na UFSCar. E para conseguir ir, precisou deixar o seu filho aos cuidados do pai. Na condição de bolsista, tinha uma renda mensal de mil e quinhentos reais por mês, vivendo no interior do Estado de São Paulo, passando por dificuldades financeiras.

Inserida em um âmbito acadêmico, em um curso de pós-graduação em Antropologia, Izabel foi alvo de xenofobia. É possível relacionar a xenofobia ao racismo, considerando que Izabel é uma mulher negra, nordestina, que estava vivendo em um Estado com fortes características colonizadoras, como também é possível correlatar a xenofobia e o racismo com o epistemicídio. Sueli Carneiro (2020) vai dizer que o epistemicídio são todas as práticas que nos negam ou nos expropriam da condição de sujeitos de conhecimento, de produtoras/es de conhecimento e de ciência.

É possível dizer que as práticas de risos, as indiferenças, a falta de atenção e a exclusão das pessoas que estiveram inseridas no contexto da pós-graduação com Izabel foram modos de silenciamento, de negação de intelectualidade, ou seja, epistemicídio.

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção de inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2005 , p.97).

Pode-se entender, a partir da assertiva de Sueli Carneiro (2005), que a prática do epistemicídio perpassa estruturalmente por todos os níveis e mecanismos ligados aos processos educativos, levando em consideração as regras institucionais de exclusão, a falta de políticas públicas, a carência de investimento educacional e de permanência, até a inferiorização e desqualificação dos conhecimentos que não corroboram com a base tradicional eurocêntrica.

Izabel cursou as disciplinas do mestrado em dez meses e retornou prontamente para Fortaleza, concluindo o mestrado. Hoje, Izabel tem o título de Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de São Carlos.

A seguinte crônica Tempo presente aborda como Izabel iniciou sua atuação nas redes sociais *online* e suas experiências atuais vivenciadas a partir do seu engajamento na internet.

7.1.6 Tempo presente – Maria Izabel Feitosa Acioly

Eu nunca gostei de fotos, nunca gostei de vídeos, odeio ser fotografada e é irônico eu ser uma influenciadora, porque odeio isso. Sou muito tímida, muito insegura em relação à minha aparência. Mas, em maio de 2020, comecei a criar conteúdo sobre a questão racial, foi o período em que George Floyd foi assassinado e os amigos brancos da graduação e do mestrado começaram a me perguntar coisas... aí e eu pensei: “Eu não vou dar aula de graça para esses brancos, eu vou cobrar”. E foi assim que comecei a criar conteúdo para redes sociais, a criar um produto digital, um infoproduto, como esse povo diz. Foi tudo muito naturalmente, nunca fiz curso para aprender a vender online, eu nunca fiz nada nesse sentido.

Eu ainda não gosto de tirar fotos, quem me conhece de antes de ser criadora de conteúdo – eu prefiro me afirmar como criadora de conteúdo do que influenciadora – porque, quando penso na minha influência, tem mais a ver com o tipo de conhecimento que eu passo do que exatamente sobre uma influência de estética, da roupa que estou usando, dos óculos que estou usando. Eu tenho parceiros com quem eu trato disso. Marcas de roupas que são parceiras, marcas de óculos que são parceiros, mas isso não é o central no meu trabalho, ocupa um papel secundário. Eu identifico o Instagram como uma vitrine. Ontem, eu dei uma palestra numa organização pública, ministrei a palestra, tirei foto de todo o grupo, solicitei autorização para postar e postei. Nos stories, eu falei o que eu tinha feito. A plataforma Instagram não é o meu trabalho, ela é uma vitrine importante para o meu trabalho, isso me ajuda a ficar menos frustrada com métricas. Por exemplo, esse vídeo não deu visualização, esse post não deu muita curtida. Não importa, porque não é o post que paga minhas contas.

Eu não encaro a minha presença nas redes sociais como o meu trabalho em si, mas como uma grande vitrine para o meu trabalho, que também é um trabalho de ativismo: compartilhar ideias que eu sinto que são importantes para mim e para outras pessoas do meu grupo de mulheres negras. Hoje eu estou com cinquenta e seis mil seguidores e, às vezes, algumas amigas que não entendem muito bem

falam assim: “Tu tinhas que fechar publi com loja tal, fazer provador”.

Esses meses que passaram, eu fui para os Estados Unidos a convite do Governo Americano para fazer um intercâmbio sobre antirracismo e algumas marcas me deram e/ou me emprestaram roupas para que eu fosse. Eu não tinha roupa para ir para os Estados Unidos, para uma viagem tão importante, para visitar o Departamento de Relações Exteriores, que é como se fosse o nosso equivalente ao Ministério das Relações Exteriores. Quando eu vou tirar foto no evento usando a roupa, marco a marca. A roupa está dentro desse meu contexto, dentro do meu universo. Quando você pediu a entrevista, eu fiquei pensando: “Mas será se eu sou influenciadora?”. Eu não sei! Por exemplo, eu lembro que uma pessoa comprou alguns livros que eu indiquei e me marcou nos stories, e eu respondi para ela: “Caramba! É esse tipo de influencer que eu quero ser”.

Apesar de eu falar muito sobre branquitude, que é um tema de pesquisa do meu provável doutorado, é um tema que eu já pesquiso e falo sobre e para pessoas brancas no meu perfil. O meu público é muito de mulheres negras, quando eu olho para as métricas do meu Instagram, 80% do meu público é feminino, não tem um recorte racial no Instagram, mas o fato de ter tantas mulheres diz bastante. Nos cursos que eu ofereço através do Instagram, a maioria das pessoas que participam são mulheres, em primeiro lugar, mulheres brancas, porque tem dinheiro para pagar; em segundo lugar, mulheres negras, algumas que não tem dinheiro recebem bolsa; todo mês eu tenho pelo menos de cinco a dez bolsistas nos meus cursos e geralmente são mulheres negras e poucos homens negros. É um conteúdo que se conecta muito com mulheres negras. Se você olhar, por exemplo, os comentários dos meus posts, é muito comum que sejam de mulheres negras, em sua maioria se conectando e engajando um conteúdo que eu estou fazendo.

Um recebido que tenho de vez em quando é de uma marca de produtos para cabelo. A gente sabe da relação e da preocupação que nós, mulheres negras, temos com os nossos cabelos. E sempre que eu posto alguma coisa dessa marca, a marca me diz que sempre tem um bom retorno. Se tem um bom retorno é porque as mulheres negras que estão assistindo ao meu conteúdo estão indo lá comprar, mas, mesmo assim, eu não consigo fechar publicidades com eles. Na verdade, eu consegui fechar poucas publis ao longo da minha carreira no Instagram. Fiz uma publicidade para o Spotify, no Twitter. Fiz duas ou três publicidades para a estante virtual que é de livros.

Já tive recebidos de marcas de roupa como a Catarina Mina, o Negro piche e a Pimentá, já tive recebidos de marcas de óculos, várias editoras mandam livros, como eu indico muito livro, faço a resenha e publico para as editoras, é um tipo de conteúdo muito bom. Mas, com relação à estética, roupa e óculos de certa forma são estéticos e cabelo, mas só no nível de recebidos, sem ter um pagamento pelo meu trabalho, só receber o produto gratuitamente e mostrar eles nas minhas redes sociais.

Figura 19: Foto de Izabel Accioly sentada com o livro “Não basta não ser racista: sejamos antirracistas”⁶⁹



Fonte: Intagram @afroantropologa

Recebo muitos comentários de haters diariamente. Existem mecanismos na plataforma para evitar isso, como a possibilidade de bloquear determinadas palavras nos comentários. Os xingamentos racistas mais comuns estão nessa lista de palavras proibidas. Mas, mesmo assim, sempre sobra uma. Esses dias, por exemplo, eu tive que incluir a palavra “demoníaca” na lista de palavras bloqueadas no meu Instagram, porque uma mulher me mandou mensagem inbox me chamando de demoníaca. Há algumas que eu consigo apagar e outras que o volume é tão grande que passa, quanto mais visualização, mais comentários negativos nos posts que viralizam. Quando eu saio da bolha negra, mais progressista, sempre vem um para xingar, me abala às

⁶⁹ Livro de autoria de Robin DiAngelo, publicado pela Faro editorial, 2023.

vezes, mas vou seguindo.

O que eu vejo como conquista são algumas relações de trabalho. Comecei a oferecer cursos pelo Instagram e hoje em dia empresas me chamam para dar palestras. Isso aconteceu porque eu comecei a ficar conhecida nas redes sociais e os próprios trabalhadores dessas empresas começaram a reivindicar o meu nome para as palestras. Nesse movimento de reconhecimento através das redes sociais, surgiram muitos convites de trabalho bem importantes. Por exemplo, já estive na Nubank em uma palestra junto com a Carla Akotirene, que é uma autora importantíssima e a gente se conhece das redes sociais. Trocamos ideias, esse tipo de relação é uma conquista para mim, é uma conexão que a rede social proporcionou e da qual sou muito grata.

O próprio contato com a embaixada dos Estados Unidos, com os consulados americanos, que também me conheceram através desse trabalho que eu faço nas redes sociais. Eles têm um programa chamado International Visitor Leadership Program (IVLP), que é um programa de lideranças internacionais que são convidadas a irem para os Estados Unidos para fazer um intercâmbio profissional. Entre junho e julho deste ano (2023), eles reuniram uma série de lideranças negras brasileiras para fazer esse intercâmbio nos Estados Unidos. Teve a presença de um advogado quilombola do Maranhão, uma pessoa do AfroReggae, da Educafro, de instituições super relevantes. E sempre que me perguntavam qual era a minha instituição, eu dizia: “Eu sou autônoma”. Então essas pessoas reconheceram a minha liderança nas redes sociais, enquanto uma liderança nordestina nas redes sociais, e me convidaram para essa oportunidade. Foi incrível. Foi uma das oportunidades mais marcantes da minha vida, que me fez entender que o Brasil e os Estados Unidos são os dois países no mundo que estão mais à frente no antirracismo. Isso é péssimo (risos), porque o Brasil e os Estados Unidos são super racistas, mas pelo menos nesses dois países essa discussão está acontecendo, nos outros países não é uma realidade tão forte, não tão organizada. Não estou dizendo que não aconteça, mas não acontece de modo tão organizado, tão articulado quanto nos Estados Unidos e quanto aqui no Brasil. Foi uma conquista muito importante, eu nunca tinha saído do país.

Eu não tinha passaporte quando me chamaram. Agradei pelo convite, mas disse que não daria certo, porque eu não tinha passaporte. E me disseram para ir à Polícia Federal informar que ganhei uma oportunidade do Governo Americano, dizer que estão te chamando, mostrar a carta convite, que eles fariam um passaporte para

você na hora. No meu passaporte, estou com cara de choro, essa mesma cara que estou agora, porque eu fiquei: “Meu Deus! Vai dar certo mesmo, essa porta vai se abrir para mim, caramba!”. E nesse intercâmbio, conheci várias pessoas negras incríveis.

Quando me perguntam sobre qual foi a melhor parte desse intercâmbio, certamente respondo: conhecer pessoas negras, ver pessoas negras na rua e elas me cumprimentarem com um aceno de cabeça. Eu estava em uma diner, em uma dessas lanchonetes tradicionais americanas, e a garçonete negra me chamava de irmã, de sista. Aconteceu uma situação em que eu estava jantando sozinha e tinha um casal negro jantando ao lado. Na hora de passar o cartão para pagar a minha conta, o meu cartão não passou. Eu tentei falar em inglês que eu estava hospedada em um hotel ao lado e que eu ia pegar o dinheiro. O homem que estava na mesa ao lado pagou a minha conta, me perguntou de onde eu era. Falei: “Sou do Brasil e estou em um intercâmbio sobre antirracismo”. E ele disse: “Calma! Não se preocupe, eu vou pagar a sua conta, pode ir”.

Não foi só sobre o valor da conta, foi sobre a conexão transnacional que é ser uma pessoa negra na diáspora, que estamos absolutamente conectados a esse sentimento de apoio mútuo, que eu não sei se há aqui no Brasil. Não sei se, aqui no Brasil, isso aconteceria. Viver essas coisas foi uma conquista para mim. De vez em quando, ainda acontece de encontrar alguém na rua que me reconhece e diz assim: “Ah, eu te sigo”. E, involuntariamente, eu pergunto: “Por quê?” (risos). A resposta: “Eu gosto do seu conteúdo”. Sempre rola uma surpresinha, apesar de criar conteúdo desde 2020, de estar há três anos nesse tipo de trabalho.

Quando eu comecei a fazer esse trabalho, estava na pandemia e eu segui o isolamento social bem direitinho. Sou uma pessoa com diabetes, tenho deficiência, e sou um grupo de risco. Fiquei isolada mesmo. Quando comecei a sair, as pessoas começaram a me reconhecer, comecei a ficar meio assustada. Ainda não me acostumei com isso e tem parte também a ver com o fato da minha autoestima intelectual ainda não ser muito boa. O racismo é tão cruel que ele faz a gente não acreditar na gente. Mesmo que não tenha uma pessoa branca aqui do meu lado dizendo que eu não sou capaz, o racismo é uma ideologia introjetada tão fortemente nos nossos pensamentos, que às vezes eu, que tenho consciência racial, que li sobre o assunto, que estudo e pesquiso, que dou aula sobre isso, ainda assim eu me pergunto: “Mas será que eu posso mesmo? Será que estou querendo dar um passo

maior que a perna?”. Ainda de vez em quando, baixa esse tipo de insegurança. Espero resolver isso.

"Eu não gosto de foto!", afirmou Izabel. Essa frase eu sempre ouvi e ainda ouço de algumas mulheres mais velhas da minha família. Esse sentimento não é esporádico e muito menos exclusivo, longe disso, é uma vivência comum para nós, mulheres negras. Braga (2015) aborda a trajetória da beleza negra no Brasil, iniciando no período escravocrata e destrinchando os inúmeros atentados às identidades dos povos africanos aplicados à estética – que equivalem ao corpo, vestimentas, cabelo, penteados, indumentárias – e a continuidade das violências aos descendentes até a contemporaneidade.

Para os povos africanos traficados para o Brasil, a estética que tinham determinava suas identidades, que eram várias, considerando a diversidade de nações que foram trazidas para o solo brasileiro.

Os penteados africanos dentro conjunto de elementos diversos também trazem importantes informações sobre um indivíduo e até mesmo sobre sua etnia. Os penteados sinalizavam o estado civil, idade, região de origem, religião, posição social entre outras informações. Ou seja, o cabelo caracterizava-se como um elemento valioso para os povos africanos. Além do aspecto estético, havia também o valor cultural (Silva, 2019, p. 48).

Naquele período, a raspagem do cabelo era obrigatória pela justificativa de demanda higiênica. No entanto, essa prática fazia parte do projeto colonial de apagar as lembranças e os vínculos com as origens. Com o passar dos tempos, as formas de exploração dos corpos e das imagens da pessoa negra foram integradas na narrativa historiográfica. Isso quer dizer que a naturalização da/o negra/o feia/o, animalizada/o, sem inteligência foi reforçada pelos livros didáticos, que por muitos anos foram o único aporte pedagógico disponível nas escolas e que representavam a população negra escravizada na condição de passividade e submissão. Na televisão tradicional, no cinema e na literatura, quando havia personagens negras/os, eram em condições subalternas: as mulheres negras como empregadas domésticas, babás, prostitutas ou amantes.

Dessa forma, reconhece-se a natureza discursiva de tais representações que obrigam padrões com os quais as pessoas constroem suas subjetividades e

identidades. Esses processos acontecem a partir da negação do si, da rejeição da negrura. “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e as ideias do Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (Souza, 1983, p. 2).

À vista disso, a autoimagem da mulher negra foi constituída sob o racismo, o sexismo, o patriarcado e a rejeição. Como consequência, o não gostar de imagens, fotos e vídeos está intimamente relacionado aos aspectos de identidade e subjetividade dos corpos negros. Como afirma Souza (1983, p. 77), “assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

Izabel afirma o seu sentimento de insegurança com a própria imagem e sua timidez. Entretanto, iniciou sua atuação nas redes sociais em maio de 2020. Nesse período, o mundo vivia a pandemia de COVID 19⁷⁰ e o uso das redes sociais cresceu, com a impossibilidade de sair de casa. Muitas atividades passaram a acontecer online por meio das tecnologias de informação e comunicação. Eventos, aulas, palestras, reuniões, apresentações culturais, artísticas, reivindicações aconteciam através de *live streaming*⁷¹.

Neste contexto, quando a pandemia estava em ascensão nos Estados Unidos, a morte de George Floyd⁷² por um policial branco gerou uma revolta que levou milhares de pessoas às ruas para protestos antirracistas. As manifestações iniciaram pelas cidades norte-americanas e se espalharam pelo mundo. O movimento ativista internacional Black Lives Matter ganhou grande visibilidade e o tema foi recorrente na mídia e debatido nas redes sociais (Santos; Moraes, p.203).

Manifestações no X (anteriormente conhecido como Twitter), no Instagram, em programas de podcast e em vídeos no YouTube foram constantes. Intelectuais, ativistas, artistas, movimentos sociais, empresas e organizações levantaram a

⁷⁰ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

⁷¹ Live streaming refere-se à transmissão contínua feita em tempo real à gravação. É frequentemente referida simplesmente como live ou streaming.

⁷² George Floyd era um homem de 46 anos, negro, que foi morto por membros do departamento de Polícia de Minneapolis.

hashtag *#BlackLivesMatter*⁷³ (Vidas negras importam) após o assassinato de George Floyd. Debates sobre violência policial, genocídio da juventude negra, branquitude e temas correlatos tomaram proporções consideráveis nas redes sociais.

Inserida nesse contexto, Izabel, que é pesquisadora sobre raça, racismo, antirracismo e branquitude, passou a criar conteúdo sobre os temas e a ser solicitada por seus pares (pessoas brancas que estudaram com ela na graduação e no mestrado) para obter informações sobre questões raciais. Dessa forma, Izabel iniciou a elaboração de infoprodutos⁷⁴ o que é possível afirmar ter sido uma posição política e consciente enquanto mulher negra, pesquisadora, professora vivendo em um contexto pandêmico.

Izabel salienta que se reconhece como produtora de conteúdo e explica que sua atuação na internet está relacionada às aulas, palestras, resenhas de livros e indicações de leituras que faz, afirmando que o *Instagram* é como uma vitrine importante para a divulgação do trabalho que efetivamente a remunera. Izabel afirma que estar na internet é uma ação de seu ativismo, de produzir e compartilhar conhecimento para as pessoas que fazem parte de seu grupo, as mulheres negras. Sobre essa ação, podemos relacioná-la ao que Audre Lorde (2019) afirma em seu artigo “A transformação do silêncio em linguagem e ação”.

Para aquelas entre nós que escrevem, é necessário esmiuçar não apenas a verdade do que dizemos, mas a verdade da própria linguagem que usamos. Para as demais, é necessário compartilhar e espalhar também as palavras que nos são significativas. Mas o mais importante para todas nós é a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e às quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos. Porque somente assim podemos sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo, que é o crescimento (Lorde, 2019, p.54).

Com mais de sessenta mil seguidores⁷⁵, Izabel afirma ter algumas parcerias com marcas de roupas e óculos, que lhe enviam produtos de cabelo, os chamados

⁷³ *#BlackLivesMatter* foi fundada em 2013 em resposta à absolvição do assassino de Trayvon Martin. A Fundação Black Lives Matter Global Network, Inc. é uma organização global nos EUA, Reino Unido e Canadá, cuja missão é erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras pelo estado e vigilantes. Ao combater e contra-atacar atos de violência, criando espaço para a imaginação e inovação Negras, e centrando a alegria Negra, estamos conquistando melhorias imediatas em nossas vidas. (BLACK LIVES MATTER, 2020).

⁷⁴ O infoproduto é qualquer tipo de conteúdo em formato digital que pode ser distribuído gratuitamente ou não por meio da internet.

⁷⁵ No dia da entrevista Izabel estava com cinquenta e seis mil seguidores, no momento da análise o seu perfil constava com 60.262 seguidores.

“recebidos”. Nos conta que, em uma viagem internacional para um intercâmbio nos Estados Unidos, ela ganhou e teve roupas emprestadas por lojas locais. Que nesse percurso de atuação nas redes sociais, realizou poucos trabalhos de publicidade. Fez *publipost* para o *Spotify*, para o *Twitter* (atualmente conhecido por X) e para a Estante Virtual.

Izabel reforça seu reconhecimento enquanto produtora de conteúdo nas redes sociais. Trabalhando sobre branquitude, realiza minicursos, oficinas, elabora materiais de estudo e pesquisa, e promove palestras. O público majoritário que acompanha Izabel em seu perfil é de mulheres; os comentários em seus posts, em sua maioria, são de mulheres negras. Izabel afirma que, em seus cursos, o público predominante é de mulheres brancas, e enfatiza que isso ocorre por ser um grupo que tem condições de pagar pelo curso. Em segundo lugar estão as mulheres negras, algumas em condição de bolsistas, e em terceiro lugar, homens negros.

Nesse sentido, é possível dizer que o trabalho realizado pela Izabel nas redes sociais possui uma proporção importante, chega a muitas pessoas e é um espaço em que ela consegue divulgar seu trabalho enquanto professora, intelectual e pesquisadora. Todavia, diariamente recebe comentários violentos, mesmo utilizando mecanismos de proteção disponibilizados pela plataforma da rede social, que bloqueia palavras não desejadas. Izabel ressalta que, quando um post viraliza para além de seus seguidores, mais comentários negativos surgem.

Izabel caracteriza como conquistas as relações de trabalho que estabeleceu quando iniciou sua atuação no Instagram. Muitas empresas a contratam para realizar palestras, formações e ministrar cursos; ela destaca um importante trabalho realizado para o banco *Nubank* juntamente com a intelectual Carla Akotirene; ressalta que o intercâmbio que realizou nos Estados Unidos no programa *International Visitor Leadership Program* (IVLP) só foi possível pela visibilidade que possui no *Instagram*.

Sobre a experiência no intercâmbio, Izabel narra duas situações que a tocaram e chamaram sua atenção para uma possível conexão transnacional entre pessoas negras de nacionalidades diferentes. A primeira foi ser chamada de irmã por uma trabalhadora negra que a atendia em uma lanchonete; a outra, a de um casal negro que pagou sua conta, devido a um problema em seu cartão. Sobre esses dois episódios, Izabel destaca que, possivelmente, no Brasil, casos como esses não aconteçam. Dessa maneira, pode-se justificar a ideia do mito da democracia racial

ainda presente no Brasil e a formação identitária brasileira ter sido forjada a partir desse mito, acarretando na negação de si e do outro, enquanto pessoa negra.

O reconhecimento das pessoas ao verem Izabel na rua acontece, e ela afirma ser também uma conquista. Conta que ainda se sente assustada com esse reconhecimento e afirma que isso está relacionado à sua baixa autoestima intelectual, consequência da experiência do racismo em sua vida.

As crônicas seguintes são de Augusta Maria Carneiro Souza, jovem de 24 anos, nascida no município de Quixadá, localizado a 168 km da Capital, Fortaleza. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população quixadaense contava com oitenta e quatro mil e cento e sessenta e oito pessoas. É importante trazer esses dados, considerando que Augusta é a única protagonista das participantes dessa pesquisa que nasceu e foi criada no interior do Estado do Ceará.

7.1.7 O princípio de si – Augusta Maria Carneiro Souza

Eu sou Augusta Maria Carneiro Souza, , sou de Quixadá, interior próximo à capital Fortaleza, a Pedra da Galinha Choca. Tenho muito orgulho de ser quixadaense, nascida e criada. Atualmente, eu estou com 24 anos e, basicamente, começando a minha história. Eu tive uma infância muito solitária; meus pais são separados desde antes de me ter, nunca foram juntos, e minha mãe foi uma mãe solo com todo o estereótipo que carrega uma mãe solo: guerreira, batalhadora, e que está ali lutando contra tudo e contra todos para poder fornecer uma educação, tudo do bom e do melhor para sua filha. Só que, com isso, veio a carga de ser uma pessoa sozinha.

Eu fui uma criança muito calada e incompreendida por muitas das vezes. Eu sempre buscava ter uma atenção do meu pai, porque eu me via muito parecida com ele, esteticamente falando. A parte da família da minha mãe que é branca, são as pessoas com quem eu criei vínculo emocionalmente e fisicamente, minha avó inclusive, que tem quase o mesmo nome que eu: ela se chama Maria Augusta. Meu nome foi Augusta Maria, por conta disso. Eram sempre pessoas brancas que estavam ao meu redor. Por parte do meu pai, eu não conhecia ninguém: não conheci minha avó paterna, não conheci nenhum lado da família do meu pai. E eu acho que isso acabou me distanciando, em diversos sentidos, de compreender o passo a passo da minha vida, de saber o motivo e nomear o que, por muitas das vezes, eu passava com

a minha mãe. Porque não era uma discussão que se tinha dentro de casa. Tinha alguns comentários, eu, criança ainda, em relação ao meu cabelo, que era um cabelo muito adulto, que precisava cortar, precisava pentear mais um pouquinho. Só que eu não tinha noção do que isso verdadeiramente significava.

Eu sempre fui uma criança muito calada, e trato isso na terapia porque acabou impactando diretamente na minha vida. Minha infância se resume muito a isso: uma pessoa solitária. Mas sempre fui uma criança que também fazia coisas que gostava. Então, eu estava ali no futebol, estava no handebol. Não gostava muito de brincar de boneca, e para eu estar bem dentro de sala de aula, eu precisava estar fazendo outra coisa; só a sala de aula não me saciava. Eu não tinha uma coisa forte para estudar, precisava estar no futebol, precisava estar fazendo alguma coisa para estar bem em sala de aula. Me ocupava com o tempo que eu tinha com a escola. Então, eu estudava de manhã e ia jogar bola à tarde, e voltava para casa à noite. Minha trajetória, obviamente, da escola de criança até a minha adolescência, sempre foi marcada por muitos padrões, por muitas falas preconceituosas, e eu, ainda assim, negava entender que era comigo e que aquilo estava acontecendo de fato comigo. Teve um determinado episódio que foi mais marcante para mim: numa determinada competição escolar, eu fui chamada de macaca.

Figura 20 Foto do rosto de Augusta Carneiro com duas tranças finas em seus cabelos e com filtro abstrato de aplicativo



Fonte: Instagram @aquilombar

A literatura científica nos mostra que há, na formação de famílias inter-raciais, diversos fatores que contribuem para a criação dos vínculos afetivos, que podem ser:

as influências socioculturais, experiências familiares, influências a partir dos canais de comunicação e que podem ser atravessados também pelo racismo. Encontramos discursos frequentes de casais que encontram desafios e desgostos por conta da relação inter-racial. Nem sempre de maneira explícita; na sua maioria, velada, como costuma aparecer na sociedade em geral (Leme, 2021, p.33).

Os desafios no cotidiano de uma família interracial são frequentes. No caso de Augusta, a mãe dela foi mãe solo, sobrecarregada.

Expressões “romantizadas” atribuídas às mães solo como “mãe guerreira” e “pãe” –esta última que representa a cumulação de função de “pai” e mãe” –revelam não apenas o pai ausente, como a própria sobrecarga feminina no que diz respeito ao trabalho de cuidado (Borges, 2020, p.11)

Augusta nos conta que esse fato, da sobrecarga de sua mãe e da ausência de seu pai, contribuiu para que ela fosse uma criança calada, sozinha e incompreendida. Suas relações familiares foram somente com pessoas brancas, a parte materna da família. No âmbito familiar, não havia debates sobre raça e racismo; dessa forma, a compreensão sobre tais comentários aconteceu tardiamente.

Augusta relata sua busca para obter a atenção de seu pai, por se reconhecer nele. O pai é um homem negro. Isildinha Baptista Nogueira (2021) trata sobre a construção da imagem e explica que, a partir dos três meses de idade, a criança passa a ter a visão do rosto da mãe e, nesse processo, a criança toma a imagem da mãe como própria. Aos oito meses, a criança consegue elaborar a problemática da ausência e da presença; com isso, passa a discernir o rosto da mãe como diferente.

O reconhecimento de si no espelho conforma uma projeção, não realizada em função das dificuldades em se reconhecer. No entanto, a proximidade da imagem objetivada em relação ao sujeito suscita, a princípio, um sentimento estranho, inquietante ao duplo especular. Um sentimento muito próximo do que a criança vivenciou no momento em que, inicialmente, ela percebe o rosto da mãe, com o qual ela se identificou, como podendo ser o outro. Portanto, o mal-estar que a princípio a criança sente diante do desdobramento do sujeito no espelho prenuncia o início de uma projeção que interrompe a identificação primordial com o rosto do outro: “sou outro diferente do outro, logo sou eu mesmo” (Nogueira, 2021, p.114).

Depois dessa etapa, aspectos inconscientes e conscientes ocorrem no processo de constituição de um indivíduo. Sabendo que a formação de subjetividade e identidade é construída a partir da socialização, ou seja, da participação da criança

nos espaços familiares, educacionais, culturais, "A afirmação do ser humano é, portanto, um fenômeno sociocultural. E esse contexto é o responsável pelo processo de identificação" (Figueiredo; Pereira, 2006, p. 77).

Dessa forma, a partir de tais reflexões e da narração de Augusta sobre sua infância, a ausência do pai, seu contato afetivo apenas com a família materna, predominantemente branca, a condição de sobrecarga de sua mãe, os comentários sobre sua estética e o silêncio sobre os assuntos relacionados ao racismo justificam o que Augusta diz sobre não saber nomear os acontecimentos ocorridos na infância no âmbito familiar. Somente na escola, já no ensino médio, em um determinado episódio em que é chamada de macaca, é que há um despertar para que o que acontecia ali era racismo.

A próxima crônica trata sobre o movimento da vida, sobre o despertar de Augusta para sua identidade e suas ações posteriores.

7.1.8 Movimento de vida – Augusta Maria Carneiro Souza

Eu era uma atleta muito boa, artilheira e tudo mais. A forma que o time adversário encontrou para me desarticular era essa questão de me provocar, e eu acho que foi nesse dia que virou a chave, em relação à postura que eu teria que assumir a partir dali. E a partir desse momento, eu comecei a ter alguns discursos na escola, colocando em cheque a pauta racial junto aos professores e às professoras. Por ser uma escola particular, eu, tendo bolsa, percebia algumas situações em que eles e elas eram muito omissos. E eu super entendi, depois, sobre a pressão que eles têm: a direção ficava muito no pé deles. Posteriormente, meio que eu engoli, mais ou menos, essa questão, e foi um período complicado porque eu nunca tive referências dentro da escola, e já falei que não tinha referências no seio familiar. Então, foi uma coisa que foi muito fechada para mim.

Até que eu cheguei no ensino médio, eu tive a oportunidade de estagiar em um equipamento cultural. Eu passei a ter acesso a mais informações e a ter acesso, de fato, a pessoas que são, até hoje, minhas referências. Foi onde eu, minimamente, tentei buscar mais e mais conhecimento, entender diversas maneiras e ocasiões em que eu tinha passado e passar a nomear, seja o racismo estrutural, seja o racismo religioso, passar a nomear tudo o que já tinha acontecido comigo até então. Eu não tinha referência também na internet. Aliás, não é que eu não tinha referência, era uma

coisa que não me chamava a atenção. Eu não tinha me apegado ainda a esse movimento. Eu fui ter celular tarde, então não era uma coisa com a qual eu era muito ligada.

Figura 21 Foto de perfil de Augusta Carneiro com o seu cabelo natural



Fonte: Instagram @aquilombar

O mito da democracia racial deixou inúmeras consequências no que tange aos aspectos de identidade e afirmação da população negra, e uma de suas problemáticas é tirar a possibilidade da discussão racial no campo da educação. É habitual encontrar relatos de experiências racistas sofridas pela comunidade negra na escola, na universidade, em espaços considerados parte do campo educacional. A ausência de diálogos, no âmbito familiar, social e escolar, sobre raça e racismo, juntamente com o fortalecimento de estereótipos racistas pelos meios de comunicação tradicionais e alternativos, autoriza o discurso de que “somos todos iguais”, frequentemente reforçado por professoras/es.

Mesmo com a existência da Lei 11645/08⁷⁶, determinada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que obriga a representação da diversidade brasileira nos currículos do ensino regular público e privado, o tratamento da temática é, por vezes, superficial, sem aprofundamento e folclorizado. Não é raro encontrar notícias sobre casos de racismo em escolas, depois de mais de 15 anos da promulgação da Lei.

⁷⁶ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”

Figura 22: Notícia de casos de racismo em escolas do Estado de São Paulo

'Escravo', 'urubu': crianças são vítimas de racismo; denúncias passam de 3 mil em escolas estaduais em SP em 2023

Casos de bullying e humilhação também cresceram nos últimos anos. Número foi obtido com exclusividade pela reportagem do SP1, via Lei de Acesso à Informação, e alerta para a gravidade do problema dentro do ambiente escolar no estado.

Por **Gustavo Justino**, Henrique Silva, TV Globo
10/10/2023 12h46 · Atualizado há 4 meses

Fonte: Extraído de g1 Portal de notícias da Globo (2023)

Figura 23: Notícia de caso de racismo em escola em Fortaleza

Mãe diz que filha sofreu racismo em escola de Fortaleza: 'cabelo de arapuá'

Em nota, a Polícia Civil informou que a Delegacia de Combate à Exploração da Criança e do Adolescente investiga "uma possível prática de injúria racial contra uma criança por parte de uma educadora".

Por **Isayane Sampaio**, g1 CE
12/05/2022 18h25 · Atualizado há um ano

Fonte: Extraído de g1 Portal de notícias da Globo (2022)

As imagens acima demonstram apenas um pequeno recorte de casos recorrentes de racismo em âmbito escolar; pode-se ver que são recentes, mas que não são inéditos. Um dos aspectos que foi discutido sobre a inexistência de intervenções de professoras/es em situações racistas em sala de aula era a falta de qualificação sobre como tratar o assunto. No entanto, Augusta, em sua fala, destaca outro aspecto muito importante, notadamente no ensino privado, em que a direção escolar determina o que deve ou não ser trabalhado pelos docentes.

Entendendo a condição de suas professoras e professores, e a sua de aluna bolsista, Augusta, que inicia uma intervenção perante as situações vivenciadas e posteriormente entendidas como racismo, é prontamente descontinuada. É importante reforçar que esses acontecimentos aconteceram quando Augusta ainda estava no ensino fundamental.

Quando Augusta inicia o ensino médio, tem a oportunidade de estagiar em um equipamento cultural. Ela não especifica qual o tipo de equipamento, podendo ser —

galeria, museu, biblioteca, teatro, cinema, centros culturais, entre outros. São espaços que possuem compromisso artístico, cultural, econômico e social, que geralmente promovem e disseminam informações sobre raça, gênero, sexualidade, e que oferecem um espaço para discussões e fazeres de arte em suas variadas linguagens. A partir do contato com pessoas engajadas na temática racial, e inserida no cotidiano de um espaço que propõe reflexões de transformação social, foi que houve um amadurecimento na temática, o reconhecimento e a busca de aprendizado.

A crônica seguinte, “Tempo presente”, aborda como e em qual contexto Augusta passa a ter contato com as mídias sociais online e como se deu seu interesse em produzir conteúdo antirracista, suas experiências e perspectivas futuras.

7.1.9 Tempo presente - Augusta Maria Carneiro Souza

Depois que eu passei a ter contato com as mídias sociais e a conhecer alguns perfis, em 2020, surge a pandemia da Covid-19 e vem todo o cenário de ficar em casa. Eu já tendo uma trajetória profissional e acadêmica que foi super rápida, porque eu tenho muita agonia das coisas que demoram muito, escolhi fazer uma formação tecnológica. Fui ter a certeza de que esse diploma é equivalente a qualquer outra formação, para que eu pudesse me assegurar. Com essa trajetória de formação acadêmica e profissional, dentro do equipamento cultural que eu estava estagiando e posteriormente fui contratada, me vejo em casa, sem contato com o esporte, sem o contato com a faculdade, sem contato com o trabalho. Eu só tinha um celular naquela época. Decidi criar o perfil. Criei a página muito na pretensão de fazer uma curadoria só de posts. Eu fazia um compartilhamento de posts, não criava conteúdo ainda, mas hoje eu percebo que eu tinha uma visão do que pudesse vir a ser, porque eu já me preocupava muito com a estética.

E aí vem o caso de George Floyd. Eu acho que foi ali que a minha página cresceu, teve um boom. Eu fiz um post, teve muitos compartilhamentos, viralizou, e quando vi, já tinha dez mil seguidores. Em três meses, eu já tinha trinta mil. Em cinco meses, eu já tinha quarenta. Em pouco tempo, eu peguei oitenta mil seguidores. Muito do caso de George Floyd foi um momento que viralizou, a minha página passou a ganhar mais seguidores, o pessoal ia no direct compartilhar suas vivências e situações que aconteceram. Eu passei a entender o propósito da página. É um propósito que eu carrego para a minha vida: ser acessível, ter um conteúdo voltado para a questão de

raça e gênero, e que pudesse compartilhar o máximo de conhecimento que eu poderia ter acesso através da página. Esses são os três pilares que eu carrego até hoje na página com muito orgulho, porque fui entendendo que ele se movimentava e isso fazia sentido para mim e para a minha vida.

Foi muito natural esse processo. Mas, pensando e conhecendo hoje que é um processo da plataforma mesmo, essa questão de viralizar, aí eu passo a criar conteúdo para a página e isso vai me dando a oportunidade de ter acesso a pessoas que antes eu só via nas redes sociais. Os primeiros contatos que eu tive foram com Rodney William, do título: "Apropriação cultural da coleção Feminismos Plurais". Depois, eu pude ter contato com Silvio Almeida, do "Racismo Estrutural", hoje ministro, tive contato com Carla Akotirene. Isso que eu falo de contato, de realmente trocar WhatsApp e trocar vivências, coisa que eu jamais imaginaria que seria possível. E a partir disso, eu fui percebendo o alcance que a página poderia ter e pensar em estratégias para retornar para o público, para o pessoal que me segue. Eu consegui uma parceria com a Djamila Ribeiro, onde ela e o Rodney enviaram duas caixas de livros e eu fiz a distribuição. Então, sempre são ações e movimentos que eu tenho que fazer com o Aquilombar hoje, de retornar para os seguidores, seja através do conhecimento, seja através de acesso à literatura, acesso à referência. Eu olho muito para a página com esse olhar.

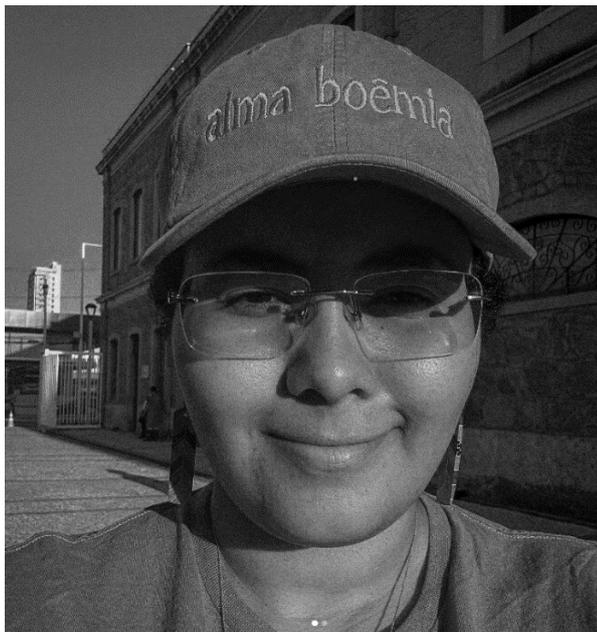
Obviamente, você vai entendendo as dinâmicas do algorítmico, de que forma a gente pode ganhar dinheiro com a página, você acaba dedicando muito do seu tempo, muito do seu conhecimento. Você passa por muitas violências na página, de pessoas que nem me conhecem e estão ali para me atacar. Você passa a rever algumas formas de se comportar com uma página que está em crescimento, e eu sempre escolhi não aparecer na página. Eu percebi que foi uma estratégia que eu utilizei para me deixar segura, porque eu sempre tive essa dimensão do que a internet pode fazer com as pessoas, de comentários e ataques. Então, sempre foi uma escolha minha não aparecer na página. Atualmente, mudou um pouco essa questão de não aparecer, obviamente minha foto está de perfil, e eu estou aparecendo mais nos stories, tentando fazer mais conteúdo que eu possa aparecer, tanto para me aproximar dos seguidores, para eles poderem ver quem realmente está por trás, pensando na página como um negócio. Ter uma imagem de uma pessoa ali evidencia muito o trabalho e traz o reconhecimento que a página merece. Colocar a minha cara hoje na página é pensar nessa questão de negócios. Eu percebo que muitas pessoas acabam

por utilizar a imagem do Aquilombar, muitas vezes sem autorização. Eu consegui encontrar um perfil que simplesmente estava tirando print ou sei lá, fazendo o que com o que eu postava. E esse perfil postava no feed, também era quase um Aquilombar 2.0.

enho uma parceria com uma editora. A questão financeira, nunca foi colocada em pauta, e eu já provoquei, obviamente, mas não é uma seara que elas entram. Mas eu mantenho a parceria, porque são livros, tem certos livros que eu não consigo comprar, e são editoras pequenas; isso, para mim, não é motivo de chateação. Eu fui tendo mais noção ainda da importância de reafirmar meu espaço e criar, quebrar esse estereótipo de que a gente, enquanto criador de conteúdo, vai estar sempre ali servindo conhecimento ou que as marcas contratam a gente apenas no dia 20 de novembro. Atualmente, eu tenho uma parceria, que, na verdade, foi um prêmio que eu conquistei. Eu participei da Academia de Criadores do Itaú; foram muitas fases dentro desse curso onde eu fazia publis, obviamente de graça, porque eram desafios que eu precisava fazer para ser escolhida para o squad Itaú de Criadores. Eu consegui chegar na final, inclusive foi um momento muito marcante para mim. Eu estava em Juazeiro; eu vou para Juazeiro todo o ano e receber essa notícia lá foi muito importante para mim. Mas, como tudo não é perfeito, a parceria não vingou aqui no sentido de conteúdo mesmo. Eles não me chamaram para nenhuma publicação, nenhuma co-criação conjunta. Mas eu cobro, estou no grupo, faço essa cobrança porque tem um valor final do prêmio se você chegasse na final, no squad. Não fizeram o pagamento e isso, inclusive, iria mudar muito minha vida em questão de mudanças que eu tive que fazer. Mas tudo isso serve e tem me ensinado muito como as marcas, principalmente as grandes, elas não têm nenhum cuidado e tato, não se importam verdadeiramente com a mensagem. Isso já é fato: o tokenismo⁷⁷ está aí para isso. Mas eu tenho essa parceria do Itaú que eu estou cobrando, consegui fechar pouquíssimas publis ali com algumas marcas, que foi interessante para mim e que acabou dando um retorno para os meus seguidores. Eu acho que isso é o mais interessante.

⁷⁷ Se caracteriza pela presença de um “representante” ou “símbolo” negro ou negra em cargo de destaque em uma organização, que utiliza essa iniciativa como forma de dizer que é inclusiva ou aberta à diversidade, embora não haja representação efetiva de pessoas negras em outros espaços institucionais. <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/592113>

Figura 24: Foto do rosto de Augusta Carneiro usando óculos e boné (frase do boné: alma boêmia)



Fonte: Instagram @aquilombar

Mas uma coisa que realmente funciona e eu sou muito feliz de fazer, não importa o que a galera de outras páginas pense. Eu pensei comigo: "Não vou ganhar dinheiro com marcas, com marcas grandes, fazendo publi, poderia ganhar porque uma publi que eu possa fazer com uma marca grande, morando onde eu moro, daria para me sustentar legal, mas eu não consigo fazer porque a galera não se importa com isso". Então, o que foi que eu fiz? Publiquei um preço social, que é: qualquer seguidor que queira fazer publi comigo, entra no contato direto. Eu criei pacotes acessíveis. O retorno que eu tenho, o feedback é que, de fato, é um preço acessível. São três pacotes, que geralmente, aqui e acolá, eu posto o card. Quer preço? Divulgue, divulgue aqui com preço social, e são os meus seguidores que compram os pacotes. Por muitos meses, eu tive um retorno financeiro da página através dessas publis sociais. E isso tem comprado o meu gás. Parece clichê, mas acaba voltando com o circuito, que é o movimento que a gente que está movendo aqui. São eles que estão me dando um retorno diretamente daquilo.

Obviamente, apenas esse publishing social, eu não tenho um retorno financeiro que dê para me sustentar o mês inteiro e eu conseguir ficar tranquila, mas tem sido um suporte muito interessante em diversos momentos que eu precisei. Eu morei em Quixadá até o ano passado. Em Quixadá, uma coisa que me incomodava era isso: não tinha um conhecimento. Por ser interior, todo mundo meio que me conhecia um

pouquinho, que a gente tem esse costume de conhecer todo mundo do interior e tal, mas não tinha esse reconhecimento, não tem, na verdade, até hoje, esse reconhecimento de me chamarem para algo, ou citarem a página. Tudo o que aconteceu em Quixadá foi muito movimento meu. Por exemplo, eu estava em contato com a Aniele Franco e provoquei ela, disse que eu era do interior e é muito difícil ter acesso a certas pessoas, e que seria interessante a gente fazer um seminário, uma palestra. Agora, eu não vou lembrar quantos dias estavam, mas acredito que eram dois mil dias do assassinato de Mariele e Anderson. E aí, pô, mesmo que virtualmente, a Aniele estava em Quixadá, e através dessa parceria foi um movimento meu, foi um contato meu que não teve o devido reconhecimento e a valorização. Isso foi uma coisa que eu nunca verbalizei, mas sempre me incomodou por não haver visibilidade dentro da minha própria cidade.

Antes de vir para Fortaleza, eu recebi um convite para participar de um momento com os alunos na escola. A Crede 12 me convidou. Eram escolas estaduais de toda a região do Sertão Central: Quixadá, Banabuiú, Senador Pompeu, eram muitas cidades. Aqui em Fortaleza, eu não tive ainda nenhuma oportunidade de receber convites e de ter visibilidade. Aconteceu uma situação muito engraçada: eu estava em um festival de música, em Fortaleza, chegou uma menina onde eu estava, olhou para mim, disse assim: “Tu és muito importante, viu? Continua o que tu estás fazendo.” Até eu raciocinar que ela estava se referindo à página, foi um momento interessante. Foi assim que eu cheguei em Fortaleza, então eu senti que poderia ser uma maré boa. A gente tem esse olhar estereotipado da capital, mas é um mundo também. Então, até o momento, não tive nenhum contato. Eu tenho me colocado enquanto Aquilombar aqui em Fortaleza, porque eu queria muito trabalhar a imagem do Aquilombar, seja através de projetos e afins, na expectativa de que possa ter retorno de alguma coisa.

É difícil porque eu sinto que o meu movimento é muito coletivo, mas eu percebo que tenho um papel fundamental de dialogar com diversos públicos. Por muitas das vezes, o meu conteúdo, em algum momento, ele se torna repetitivo, porque entram e saem pessoas todos os dias do meu perfil. Aqui e acolá, eu recorro a conceitos e diálogos que parecem ser muito básicos, seja lugar de fala, seja feminismo negro, seja qualquer conceito. Eu estou sempre retornando e isso faz com que eu consiga ter diálogo com diversos públicos e poder ser, em algum momento, referência para alguém. Isso faz com que eu cumpra o meu papel como criadora de conteúdo,

principalmente com a pauta que eu escolhi trabalhar. Muitas das vezes é cansativo, obviamente, e eu até que já dei uma parada na questão de denúncias, para eu poder respirar. Estava sendo muito sufocante, diariamente postar sobre isso. Mas se tornar referência nesse sentido, para alguém, já tem feito o meu papel, ok. O meu lugar é muito esse: se fosse definir, seria essa questão de poder dialogar com diversos públicos, possibilitando que elas tenham acesso democraticamente a esse conhecimento de raça e gênero, que é o principal para mim. Eu procuro sempre trocar com as pessoas pelo direct. Eu enxergo o meu papel neste frente a frente. É dessa forma que eu me defino e trabalho com a página.

Tentaram invadir minha conta três vezes. Eu acabei verificando o perfil. Mais uma vez, você se torna um refém da plataforma, mas, para mim, funcionou. O suporte que a META oferece ali, já é uma questão que eu não me preocupo. É triste, porque eu vi um movimento das páginas pretas tendo que criar um perfil reserva. Eu criei um perfil reserva e avisava ao pessoal para seguir a página reserva, porque tentaram invadir minha conta e, se eu cair, vocês já sabem que vou estar por lá. É muito triste isso, porque é um esforço e muito tempo dedicado para perder por nada, perder para uma pessoa racista. Eu tento me proteger também, silenciando palavras e notificações. Isso faz com que eu não consiga ter acesso a alguns comentários ou alguns directs que acabam sendo bloqueados antes mesmo de chegar até mim, através de bloqueios de palavras que eu venho fazendo. Isso faz com que eu crie uma barreira e não tenha acesso a certos tipos de directs e comentários. Acontece! Semanalmente, uma vez por semana, está ali, firme e forte, com palavras ofensivas. Quando se tem alguma publicação que está com um assunto em alta, isso faz com que aumente a frequência desses ataques. Eu pedi para o meu companheiro logar o perfil no celular dele também. Ele é um moderador nesse sentido, me dá um suporte ali e acaba já apagando. Até mesmo eu dei essa liberdade para ele bloquear alguns perfis, porque ele sabe como isso impacta em mim, conhece os perfis que fazem esse tipo de coisa. Então, isso funciona também.

Uma conquista que é muito valiosa para mim são os contatos que ela me proporcionou e me proporciona até hoje. Tenho contato com pessoas que eu nunca imaginei. Eu sempre enxergo a possibilidade de trabalhar com a página e ter um retorno para as pessoas que me seguem. Parece repetitivo, mas é uma coisa que eu prezo muito. Se vou fazer uma coisa, eu quero saber se vou conseguir atingir dez pessoas que vão receber livros, se vinte pessoas vão conseguir, enfim, ter acesso a

PDFs, seja lá o que for. E são através desses contatos. Se esses seguidores me dão visibilidade através de números, eu quero, minimamente, retornar isso para eles. A Bruna Santiago, da Leituras Pretas, a Africanize, são tantos perfis massa. Hoje, a gente tem um grupo de criadores pretos e são perfis enormes, e me ver ao lado deles é muito gratificante. Então, essa questão de contatos para mim é muito massa. Eu estou feliz, extremamente feliz, trabalhando com isso. Eu percebo que, sem o meu trabalho na Aquilombar, eu não teria aprimorado tanto assim. Seja em conceito, seja na questão de design — eu mesma criei o design da página. Então, pessoalmente, eu percebo que o Aquilombar é um impulsionador muito massa no meu olhar para a comunicação, de que forma que eu posso trabalhar com isso. Hoje, eu trabalho com comunicação e sou muito feliz com isso. Essas são as duas conquistas, tanto para Aquilombar como para Augusta, que está atrás da Aquilombar, proporcionadas nesse tempo de criação de conteúdo.

Augusta conta que, a partir de sua inserção no uso das redes sociais, começou a ter acesso a perfis de conteúdo antirracista. Em 2020, com o contexto da pandemia de Covid-19, longe da rotina diária de praticar esporte, de ir ao trabalho e para a faculdade, Augusta cria o seu perfil @aquilombar com uma proposta inicial de fazer curadorias de posts. Ela repostava posts de páginas antirracistas, de intelectuais e influenciadoras/es negras/os e indicava o @ (endereço do perfil) do perfil que criou aquele post – conteúdo – com uma estética particular: seus reposts eram em preto e branco.

O período inicial da pandemia mundial de Covid-19 foi marcado por inúmeros casos de violências, um dos quais tomou destaque internacional: o assassinato de George Floyd, um cidadão negro de 46 anos, morto por um policial branco que o imobilizou com o joelho em seu pescoço, até a morte. A cena foi gravada por uma cidadã que passava no momento e publicada nas redes sociais. O vídeo tomou grande proporção, com visibilidade internacional, e provocou manifestações em todo o mundo. Casos como esses não são raros. Há uma frase que ficou conhecida nos últimos anos, dita pelo ator afro-americano Will Smith e bastante divulgada em noticiários de casos como esse do Floyd: “O racismo não está piorando, só está sendo gravado agora”.

Augusta afirma que foi a partir de um post feito sobre o caso do assassinato de George Floyd que a página @aquilombar começou a crescer, contabilizando oitenta

mil seguidores em pouco mais de cinco meses. As prioridades para Augusta são: ser acessível, responder e compartilhar vivências, e trabalhar com as questões de gênero e raça.

Com essa visibilidade da página, Augusta passa a ter contato direto com intelectuais renomados como Carla Akotirene, Djamila Ribeiro, Rodney William e Silvio Almeida, este último, hoje Ministro de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Com isso, conseguiu fechar parceria com Djamila e Rodney, recebendo livros da Coleção Feminismos Plurais que foram repassados para alguns seguidores da página @aquilombar.

O empreendimento digital está intimamente relacionado à visibilidade, ao alcance e ao engajamento. Nesse sentido, Augusta cita as dinâmicas do algoritmo, tendo em vista métricas e lucro, o tempo e os conhecimentos empregados nas redes sociais. Influenciadores digitais estão inseridos nas estratégias de marketing das marcas, que predominantemente avaliam métricas de alcance e engajamento.

fazer com que esses conteúdos circulem e sejam vistos é papel essencial na atuação profissional desses influenciadores/criadores de conteúdo, entretanto, dentro do espaço digital, (...) o poder de decisão da amplitude dessa distribuição não está apenas nos usuários desta rede, mas sim na lógica algorítmica por detrás de sua interface que afeta, de forma direta, uma das principais métricas de trabalho desses profissionais: o engajamento (Gabellini, 2022, p.5).

Quando uma página possui um número relevante de seguidores e produz engajamento, há uma maior probabilidade de sofrer ataques, principalmente quando é um perfil de conteúdo sobre raça e gênero. Portanto, Augusta revela que, como uma estratégia de proteção contra possíveis agressões, optou inicialmente por não aparecer. O sentir-se segura não é uma realidade na vida das mulheres, notadamente das mulheres negras. Práticas de proteção e cuidados dentro e fora de casa são uma realidade: trancar a porta, chegar em casa com as chaves na mão, compartilhar a viagem de aplicativo com alguém de confiança, sair com os documentos, não correr na rua à noite, não entrar em lojas com sacolas abertas. Esse mesmo cuidado é transferido para o uso de plataformas e redes.

Augusta ressalta que está em mutação, que pretende aparecer com frequência nos stories, com a intenção de se aproximar das/os seguidoras/es e de reforçar a

imagem da página como um empreendimento que traga lucro e o reconhecimento que merece. Mas o cuidado e a vigilância sempre estarão presentes.

Augusta afirma ter parceria não paga com editoras, que acontece através do envio de livros e da divulgação das editoras pela página @aquilombar. Ela ressalta que são editoras pequenas e, nesse caso, não há, por parte de Augusta, desconforto sobre a parceria. Augusta conta que foi vencedora de uma iniciativa do Banco Itaú chamada Academia Itaú de Criadores, onde, ao final do curso, teria um prêmio em dinheiro. No entanto, a parceria não aconteceu efetivamente: não houve o pagamento do prêmio e nenhuma co-criação conjunta. Ela afirma que vem cobrando o pagamento do prêmio e que esse fato corrobora a falta de responsabilidade e compromisso de marcas grandes com influenciadoras/es digitais e criadores de conteúdo. Dessa forma, Augusta criou um serviço de *publipost* no *Instagram* com preços acessíveis, e seus clientes são os seus seguidores. Essa estratégia não arca com suas necessidades, mas tem contribuído com despesas urgentes.

Morando há pouco tempo em Fortaleza, Augusta afirma que ainda não conseguiu fechar parcerias ou obter um reconhecimento local. Ela relata que em Quixadá também não obteve reconhecimento em sua região, considerando que, sendo uma cidade interiorana, as pessoas possuem uma aproximação maior do que em cidades maiores. Afirma que movimentou um evento em Quixadá com Aniele Franco, atualmente ministra no Ministério da Igualdade Racial, e que não obteve visibilidade do seu trabalho.

Porém, já foi reconhecida na rua, em Fortaleza, por uma seguidora que a elogiou e agradeceu o trabalho que ela vem realizando. Augusta diz que tem como objetivo expandir a página da @quilombar, conseguir fechar parcerias e projetos. Sobre os mecanismos de proteção contra mensagens ofensivas, ela afirma que precisou verificar seu perfil, devido a tentativas de invasão de sua página, além de utilizar a ferramenta de bloqueio de palavras com a finalidade de não ter acesso a comentários racistas. Como também, seu companheiro atua como moderador, bloqueando e excluindo mensagens e perfis de cunho violento.

Sobre conquistas, menciona as relações e contatos que foram proporcionados por sua atuação na página @quilombar, a troca que possui com suas seguidoras quando consegue obter parcerias que viabilizem um retorno para suas seguidoras e seu aprimoramento em trabalhar com design e comunicação.

A próxima subseção apresenta posts antirracistas de cada protagonista, com a finalidade de demonstrar as produções realizadas em seus perfis na plataforma *Instagram*.

7.2 Posts de conteúdos antirracistas

Como demonstrado no desenvolvimento desta investigação, as mulheres negras estão inseridas à margem, seja no âmbito tecnológico/virtual, seja fora dele. No entanto, é histórica a persistência e resistência dessas mulheres para movimentar-se e mudar suas realidades. No campo das tecnologias de rede, não é diferente. A apropriação desse espaço tecnológico por mulheres negras, segundo Lima e Oliveira (2020, p. 28), tem como um dos intuitos

propor soluções às brechas tecnológicas, sobretudo a brecha de conhecimento ao buscar meios formais e não-formais de obtenção de conhecimento para criação e manipulação de tecnologias, de modo a obter autonomia frente às TICs e fazer uso social das habilidades tecnológicas adquiridas na promoção de inovação e transformação social. Assim, observamos práticas genuínas e constantes de resistência e negociação diante dos processos de globalização e avanço tecnológico

Com as histórias de vida apresentadas neste trabalho, foi possível identificar a atuação de três mulheres negras cearenses que utilizam a rede social *Instagram* para criar conteúdo antirracista. Entendemos que essas produções são conhecimentos que geram transformação para as pessoas que acompanham as influenciadoras. Dessa forma, foram demonstrados nove posts, três de cada protagonista, que viralizaram – obtiveram um número relevante de engajamento (visualizações, compartilhamentos, comentários e curtidas). É importante dizer que são posts de conteúdos antirracistas, que não têm vínculos diretos com publicidade. Isso quer dizer que as visualizações e compartilhamentos são resultados da qualidade do conteúdo e do perfil dos seguidores e seguidoras das influenciadoras.

As publicações selecionadas são em formato de *Reels* (vídeos curtos do *Instagram*) e fotos. O *Instagram* possui um perfil diferenciado, como descrito na seção metodológica, vimos que a plataforma iniciou com publicações de fotos e atualmente tem o mecanismo de publicação de vídeos bem curtos que geralmente são acompanhados de textos para contextualizar e/ou complementar as informações.

7.2.1 Conteúdo antirracista de Yasmin Djalo

Yasmin, como a maioria das influenciadoras negras, tem o costume de trançar o cabelo, e são inúmeros os penteados, materiais e estilos diferentes. No dia 29 de abril de 2024, Yasmin publicou um *reels* sobre “etnomatemática das tranças”. No vídeo, ela explica o assunto, trazendo o nome da pesquisadora Luane Bento⁷⁸ e sua pesquisa de mestrado intitulada “Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros”. Explana sobre a relação que as tranças têm com a matemática e seus variados conteúdos. Fala sobre a origem do termo “etnomatemática”, que foi criado nos anos 70 pelo matemático Ubiratan D’Ambrosio, que reconhece a matemática nos diferentes contextos sociais e culturais.

Figura 25 Print de Reels de conteúdo antirracista da Yamin Djalo



Fonte: @yasmindjalo (2024).

O *reels* conta com a ferramenta de legenda, que é um mecanismo que facilita as/os seguidoras/es a acompanharem o conteúdo postado. Constando também com a seguinte legenda: *já tinha ouvido falar na etnomatemática das tranças? Eu sempre*

⁷⁸ Doutora em Ciências Sociais, mestra em Relações Étnico-raciais /CEFET-RJ, bacharel e licenciada em Ciências Sociais/UERJ, bacharel em Biblioteconomia e Documentação/UFF e docente de Sociologia da Educação Básica Diretora e roteirista do curta-metragem "Memórias Trançadas" (2022)

tive muita dificuldade em aprender matemática na escola e tenho certeza que se a abordagem fosse pautada em trançar os cabelos, a história teria sido diferente e só ia ter 10 no boletim!

É possível afirmar que esse post possui uma finalidade educacional, quando traz um termo ligado à área da educação, com base em pesquisa. O reels teve 437 curtidas/likes, 7.152 visualizações e 49 comentários. A maioria dos comentários são de mulheres, apoiadoras do trabalho que Yasmin desenvolve no Instagram.

O próximo conteúdo analisado trata sobre mulheres negras na moda. Publicada em 16 de junho de 2020, Yasmin publicou no feed um carrossel com oito fotos onde ela apresenta sete nomes de mulheres negras que atuam no mercado da moda, em Fortaleza, como demonstrado na figura 26.

Figura 26 Print da capa do post que apresenta 7 mulheres pretas atuantes no mercado da moda, em Fortaleza



Fonte: Instagram @yasmindjalo (2023)

A publicação está estruturada da seguinte forma: a primeira foto é a capa com a imagem das sete mulheres e a seguinte frase: “7 mulheres pretas talentosas atuantes no mercado da moda, em Fortaleza”. As fotos seguintes estampam individualmente as empreendedoras, com o nome, uma minibiografia e os endereços da conta do *Instagram* de cada uma delas. O texto que Yasmin traz junto ao *post* pode ser considerado um desabafo onde ela afirma que naquele período esteve afastada

da rede social online Instagram, que sentiu a necessidade de um afastamento devido à exposição de sua vida, trazendo uma reflexão de que essa exibição pode ser feita de uma maneira mais saudável. Contudo, precisava compartilhar esse post como reconhecimento do trabalho dessas mulheres. O *post* teve 558 curtidas/likes, com comentários de apoio e agradecimento.

A publicação da Yasmin corrobora com o pensamento de Alice Walker e o relato dela apresentado na seção 3 desta tese, em que fica evidente como a presença de modelos fazem diferença na vida de uma artista, e essa afirmativa abrange os diversos tipos de arte. Reconhecer o talento de outras mulheres negras e impulsioná-las é uma prática política.

Com foco em modelos negras atuantes em Fortaleza, a próxima publicação de Yasmin possui uma estética parecida com a publicação anterior: um carrossel com 10 imagens, contando com a capa que pode ser vista na figura 2, e as seguintes com fotos das modelos, seus nomes e suas menções. A publicação foi feita no dia 20 de novembro de 2020, data em que se celebra o dia da Consciência Negra⁷⁹ no Brasil. A descrição do post traz o posicionamento de Yasmin, alertando sobre a pouca quantidade e até inexistência de modelos negras contratadas por algumas marcas e sobre se sentir cansada com tal realidade.

Figura 27 Print da capa do post que apresenta 9 modelos pretas, em Fortaleza



Fonte: Instagram @yasmindjalo (2023)

⁷⁹ O Dia Nacional da Consciência Negra homenageia e resgata as raízes do povo afro-brasileiro e é comemorado no Brasil no dia 20 de novembro. Esta data foi restabelecida pelo projeto lei número 10.639, no dia 9 de janeiro de 2003, porque coincide com o dia 20 de novembro de 1695, dia da morte de Zumbi dos Palmares, grande líder da resistência negra e da luta pela liberdade.

(já está na hora de um post relevante por aqui, não é mesmo?) a verdade é que eu to meio cansada, sabes? cansada de repetir as mesmas coisas, de ter que ficar procurando pessoas negras nos feeds, cansada das cotas negras durante novembro e principalmente durante o carnaval, extremamente cansada de ser paciente. cansada dessa competitividade estrutural entre pessoas negras no mercado de trabalho, porque desde sempre a gente é ensinado a achar que, se tiver lugar, vai ser só pra uma. e no final nós que somos as vítimas. TÃO cansada que não estou nem aí se você me entendeu mal ou se não conseguiu entender. entretanto, apesar do cansaço, eu trouxe aqui, de MÃO BEIJADA, pra você, querida marca, algumas das MUITAS opções de modelos negras nessa cidade, pra não ter desculpa quando eu, consumidora, entrar no seu instagram e não me ver lá. (e se eu me ver em apenas UMA entre todas as outras mil, não vale, tá? isso é a cota que no início eu já disse que to cansada) (Djalo, 2020, descrição do post do Instagram).

A descrição do post tem relação direta com a estrutura racista em que o Estado do Ceará foi edificado e com o mito da inexistência de pessoas negras no Estado. É importante destacar duas frases: “cansada das cotas negras durante novembro” e “principalmente durante o carnaval”. O Dia Nacional da Consciência Negra começou a ser comemorado nas escolas em 2003, em 2011 tornou-se lei e, a partir de 2024, foi instituído feriado nacional. Esta data é um marco no calendário do movimento negro brasileiro. No entanto, Yasmin afirma que, em Fortaleza, somente em novembro e no carnaval, as empresas procuram profissionais negras, nesse caso, modelos para trabalharem para suas marcas, salientando uma quantidade mínima e causando competitividade. Yasmin ressalta que este conflito é consequência do racismo e, por fim, aponta o nome das modelos, afirmando entregar de mão beijada para as empresas algumas das muitas opções de modelos atuantes na cidade de Fortaleza.

De acordo com Lélia Gonzalez, a pessoa negra é evidenciada principalmente no carnaval, notadamente as mulheres negras, devido à fetichização em torno da mulata que samba. É sabido que o Brasil, pelos olhos estrangeiros, é conhecido como o país do carnaval e do futebol. E esse estereótipo é reforçado a cada ano. Em 2017, foi inaugurado, em um programa de TV nacional, um quadro de concursos de passistas “Musas do carnaval” (do Rio de Janeiro e São Paulo). Ou seja, é um período em que as marcas de produtos diversos procuram pessoas negras para estampar propagandas; no entanto, como ocorre no Dia da Consciência Negra, o mito da inexistência de pessoas negras no Estado do Ceará impacta profundamente modelos negras.

A publicação contava com 2.161 curtidas/*likes* – até a publicação da tese – e inúmeros comentários de apoio, elogios e outras indicações de modelos. É possível perceber que as postagens de Yasmin corroboram com a escrevivência dela em “Tempo presente”, quando afirma ser múltipla em suas atividades e optar por ter um posicionamento político e antirracista em seu perfil da rede social Instagram.

7.2.2 Conteúdo antirracista de Maria Izabel Feitosa Accioly

Izabel é pesquisadora, oferece cursos, palestras e formações sobre as questões étnico-raciais e, como dito em seu depoimento, o seu perfil do *Instagram* é uma vitrine de divulgação do seu trabalho. Dessa forma, é possível encontrar diversos *posts* informativos e educativos em sua *timeline*. O post intitulado "constrangimento educativo" é um relato de Izabel sobre um episódio que acontece com frequência, que é o fato de pessoas questionarem o fato de ela cobrar para realizar palestras.

Figura 28 Print de reels “Constrangimento educativo”



Fonte: @afroantropologa (2024)

Izabel enfatiza que o constrangimento educativo é uma estratégia na luta antirracista. O vídeo foi feito, aparentemente, em casa, na hora do café da manhã,

enquanto se alimenta, Izabel grava o vídeo e compartilha como ela faz para utilizar o constrangimento educativo. Quando questionada pelo fato de cobrar para realizar palestras, Izabel responde dizendo: “Desde 1888 tá liberado pessoas negras cobrarem pelo trabalho delas, sabia?”. E com isso, ela volta para a pessoa o constrangimento que lhe foi causado. Izabel finaliza o vídeo interagindo com as pessoas que a seguem, pedindo para que comentem como utilizam o constrangimento educativo em suas vidas. O resultado dessa interação é uma quantidade significativa de comentários longos, majoritariamente de mulheres, que contam como usam o constrangimento educativo em variados contextos e situações. O reels, até a publicação da tese, teve mais de 32,3 mil visualizações, 2.856 curtidas/likes e 120 comentários e 382 compartilhamentos.

O próximo conteúdo analisado é um *reels* publicado no dia 13 de maio de 2024, com a seguinte provocação: “13⁸⁰ de maio Abolição inconclusa”. No vídeo, Izabel explica de maneira objetiva que o dia 13 de maio não é o dia da princesa Isabel, e sim uma data que traz consigo o questionamento sobre as condições da população negra que, após a abolição da escravatura, continuaram na condição de cidadãos de segunda classe, não recebendo qualquer indenização ou reparação. A descrição do *reels* é a seguinte:

Sim, provavelmente você já sabe que a Princesa Isabel não é essa redentora boazinha que nos ensinavam os livros de História de antigamente. Entretanto, é sempre bom reforçar: essa abolição só ocorreu pela luta do povo negro (Accioly, 2024, descrição de post do Instagram).

⁸⁰ O dia 13 de maio está marcado no calendário brasileiro como o dia quando, em 1888, foi decretada a Lei Áurea, determinando a abolição da escravatura.

Figura 29 Print de reels “13 de maio Abolição inconclusa”



Fonte: Instagram @afroantropologa (2024)

Izabel reforça que a abolição foi assinada pela princesa Isabel devido à pressão e mobilização da população negra escravizada e não por bondade da realeza, como por muito tempo foi repassado na historiografia. O *reels* em questão teve, até a publicação desta tese, 823 curtidas/likes, 37 comentários, 171 compartilhamentos e 16,6 mil visualizações.

Voltado para o tema da Data Magna⁸¹, celebrada no dia 25 de março no Estado do Ceará, o seguinte *reels* analisado é semelhante ao anterior e aborda uma data marcante na historiografia cearense. A diferença é que, além de trazer informação histórica, nesse vídeo Izabel convida as pessoas a conhecerem a exposição “Anas, Simoas e Dragões: lutas negras pela liberdade”, que estava acontecendo no Instituto Dragão do Mar. Publicado no dia 25 de março de 2024, Izabel fala sobre a Data Magna, que celebra a abolição da escravatura no Ceará, ocorrida quatro anos antes do que no restante do país. Ela afirma que muitos cearenses não conhecem a história

⁸¹ Em 2011, o Ceará ganhou um feriado em homenagem ao pioneirismo do estado na libertação dos escravizados. Celebrada em 25 de março, a Data Magna relembra o dia em que foi oficializada a abolição, em 1884, quatro anos à frente da Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888.

e que, há dez anos atrás, visitou o Museu do Ceará⁸² e que havia um quadro intitulado “Fortaleza Liberta” com fotos de alguns homens brancos, o que reforça a ideia do protagonismo branco no processo abolicionista.



Figura 30 Print do reels sobre o feriado da Data Magna no Ceará

Fonte: Instagram @afroantropologa (2024)

Dessa forma, Izabel finaliza convidando as pessoas a visitarem a exposição mencionada acima. É importante trazer aqui que foi a partir da pesquisa da historiadora cariense Karla Jaqueline Vieira Alves que o nome da Preta Tia Simoa tomou notoriedade e que possui relação direta com o processo abolicionista e, consequentemente, com a Data Magna. Alves (2023) afirma que:

A Preta Tia Simoa se torna importante a partir desse episódio da primeira greve. A partir dela a gente pode pensar sobre a auto-organização política das pessoas negras, mesmo dentro de regime escravocrata, a resistência dessas pessoas também que não só enfrentavam o sistema como sabiam se organizar, puderam se organizar entre si, entre pessoas negras para poder coletivizar essa resistência e não individualizar. E também o enfrentamento através do confronto direto que é o caso desse episódio da primeira greve. Foi enfrentamento direto, inclusive envolvendo a polícia, que foi chamada na época, mas que a auto-organização política das pessoas negras

⁸² O Museu do Ceará foi a primeira instituição museológica oficial do Estado, criada por decreto em 1932, mas aberto oficialmente ao público em janeiro de 1933, com a denominação de Museu Histórico do Ceará.

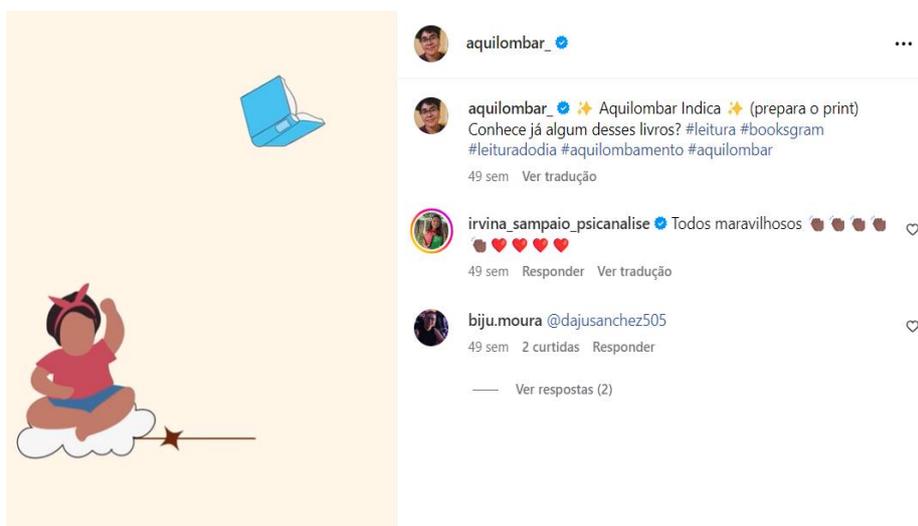
saiu vitoriosa, já que uniu ali uma classe de trabalhadores pretos, no caso os jangadeiros, que transportavam essas pessoas que iriam ser escravizadas da praia até o lugar onde o navio estava ancorado, e se negaram a fazer esse transporte (Alves, 2023, online).

Esse *reels*, até a publicação da tese, contava com 99,2 mil visualizações, 2.639 curtidas/likes, 58 comentários e 995 compartilhamentos. A próxima subseção apresenta conteúdo antirracista produzido pela protagonista Augusta Maria Carneiro Souza.

7.2.3 Conteúdo antirracista de Maria Augusta Carneiro Souza

Augusta administra a página denominada @aquilombar no Instagram. Como relatado na entrevista e apresentado como crônica nesse trabalho, Augusta não aparece com muita frequência em suas publicações e utiliza sua página para divulgar conteúdos de outras páginas que produzem conteúdos antirracistas. Com isso, foram selecionadas publicações próprias da Augusta.

Figura 31 Print do reels “Aquilombar indica”



Fonte: Instagram da @aquilombar (2023)

No *reels*, os livros indicados são: "Por um feminismo afro-latino-americano", de autoria de Lélia Gonzalez; "O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras", de autoria de bell hooks; e "Empoderamento", de autoria de Joice Berth. O *reels* foi postado em junho de 2023. Até a publicação da tese, o *reels* contabilizava 2.674 visualizações.

Indicar livros de autorias negras na internet é uma ação importante, tendo em vista que, atualmente, mesmo havendo um incentivo e considerável aumento de

publicações de pessoas negras, ainda é um conteúdo considerado de difícil acesso, restrito e até inexistente. Um dos fatores que contribuem para isso é o fato de que a literatura científica e não científica produzida por pessoas negras não foi inserida na matriz curricular das universidades. Em 2003, foi instituída a Lei 10.639/03⁸³ que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino regular público e privado, considerada uma conquista social e um avanço importante do Movimento Negro, que possui uma extensa luta na inserção da temática étnico-racial na educação. No entanto, no âmbito acadêmico, ainda é um tema que não é evidenciado e tratado como deveria.

A seguinte publicação analisada é um carrossel com 4 imagens que ilustram o passo a passo de como realizar denúncia contra fraudes de cotas nas Universidades pelo site do gov.br⁸⁴. Postada em 3 de fevereiro de 2024.

Figura 32 Print da capa do post “Como denunciar fraudes nas cotas das Universidades



Públicas?

Fonte: Instagram da @aquilombar (2024)

⁸³ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

⁸⁴ O site gov.br reúne, em um só lugar, serviços para o cidadão e informações sobre a atuação de todas as áreas do governo.

A descrição que acompanha as imagens é a seguinte:

Em um país de diversidade como o Brasil, as cotas universitárias são passos essenciais para a equidade na educação. Mas, onde deveria haver justiça, encontramos fraudes. Não fique em silêncio! Aprenda a denunciar essas ações e ajude a manter a integridade do nosso sistema educacional. Seu papel é crucial na construção de um futuro onde todos têm as oportunidades que merecem. Juntos, podemos combater a fraude e abrir caminhos verdadeiros para a inclusão (Sousa, 2024, online)

O Sistema de cotas raciais é um dos mecanismos de implementação das políticas de ações afirmativas. Gomes (2003, p. 27) define as políticas de ações afirmativas como sendo um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, bem como para mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado [...]. No Brasil, em 2002, algumas instituições públicas de ensino superior foram, de forma gradual, introduzindo categorias de ação afirmativa (bolsas, auxílios, cotas, processos seletivos especiais) com direcionamento a grupos variados, como estudantes de escolas públicas, pessoas de baixa renda, pessoas com deficiência, pessoas negras (pretas e pardas), pessoas indígenas e pessoas quilombolas. Somente em 2013 o sistema de cotas passa a ser obrigatório, em nível federal, instituído pela Lei 12.711⁸⁵.

Dessa forma, as instituições passaram a ter uma diversificação étnico-racial, especialmente em seu corpo discente, o que é considerado um aspecto positivo. No entanto, tem ocorrido, de forma recorrente, fraudes de pessoas que têm se utilizado de autodeclaração falsa para adentrar na universidade pelo sistema de cotas raciais. [...] A constatação de fraudes nas cotas raciais se dá em uma percepção divergente entre uma autodeclaração (o que a pessoa declara ser) e uma heteroidentificação (como as outras pessoas a veem) (Freitas; Sarmiento, 2020, p. 276). Com isso, denúncias de fraudes têm tomado os meios midiáticos e causado opiniões diversas. A publicação da Augusta na página @aquilombar no Instagram pode ser considerada de utilidade pública, pois traz informações importantes de como agir perante casos de

⁸⁵ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm

fraudes. Os comentários do post reiteram a relevância do conteúdo, apoiam e parabenizam a ação.

A próxima análise do perfil da Augusta é sobre personalidades negras históricas no Brasil. Publicada em 2 de julho de 2024, dia em que se comemora o dia da Independência da Bahia, o post é um carrossel com 3 fotos, cuja capa pode ser vista na figura 33. A personalidade tratada é a Maria Felipa de Oliveira⁸⁶, o post traz uma pequena biografia da Maria Felipe e de ações que foram realizadas por ela na Ilha de Itaparica, na Bahia, e sua liderança contra a dominação portuguesa. A descrição que acompanha as imagens é a seguinte:

Pescadora e capoeirista, liderou um grupo de mulheres em táticas de guerrilha contra as tropas portuguesas em 1823, na Ilha de Itaparica. Com coragem e estratégia, incendiaram 40 embarcações inimigas, contribuindo para a independência da Bahia. Mesmo após sua morte, sua memória vive em lugares como a Casa Maria Felipa e a Escola Maria Felipa. O que você achou dessa história? Compartilhe para espalhar o legado de Maria Felipa! (Sousa, 2024, online).

Figura 33: Print da capa do post “Maria Felipa: Heroína da Independência da Bahia”



Fonte: Instagram da @aquilombar (2024)

É importante afirmar que posts como esses contribuem para a disseminação da história de personagens históricos que não estão na historiografia oficial brasileira.

⁸⁶ Conhecida por sua liderança de um grupo de cerca de 40 mulheres na resistência contra os portugueses nas guerras de independência na Bahia, foi marisqueira, Maria Felipa teria nascido na Ilha de Itaparica em data incerta e morrido em 4 de julho de 1873.

O post analisado teve, até a publicação da tese, 617 curtidas/likes, 9 comentários e 87 compartilhamentos.

A partir das informações coletadas nessa amostra de produção de conteúdo, pode-se perceber que as três protagonistas disseminam conteúdos e informações antirracistas, que possuem dinâmicas múltiplas, cada uma com sua criatividade, finalidade e contexto. No entanto, corroboram e contribuem para a luta antirracista e pela transformação social, além de atuarem na disseminação de informações antirracistas de caráter educativo e crítico. A próxima seção trata das considerações finais desta investigação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que as mulheres negras resistem ao racismo e ao sexismo desde o período colonial, utilizando-se das estratégias que lhes eram possíveis em seus contextos. E essa obstinação foi indispensável para que, atualmente, possamos tecer uma narrativa anticolonial e construir uma epistemologia negra decolonial. A atuação de influenciadoras digitais negras pode ser considerada um movimento importante que compreende a criação/produção e disseminação de conteúdo que tem construído uma narrativa emancipatória e contribuído para a (re)constituição de identidades negras.

Este trabalho procurou, de forma geral, analisar as narrativas de mulheres negras cearenses influenciadoras digitais e sua contribuição para a memória coletiva e a luta antirracista. E como objetivos específicos: identificar influenciadoras digitais negras cearenses que produzem conteúdos antirracistas; caracterizar as influenciadoras digitais negras cearenses; conhecer a produção de conteúdo antirracista de influenciadoras digitais negras cearenses; apresentar as narrativas das influenciadoras digitais negras cearenses, a partir do método da história de vida.

A pergunta que norteou essa pesquisa parte do pressuposto de que influenciadoras negras que atuam nas redes sociais abordando pautas complexas como racismo e sexismo possuem uma vivência negra consciente, tendo em vista a naturalidade dessas mulheres, que nasceram e vivem no Estado do Ceará, lugar que carrega resistência histórica de negação de sua população negra. Logo, trazendo novamente o questionamento: como as narrativas de mulheres negras cearenses influenciadoras digitais podem contribuir para a memória coletiva e a luta antirracista?

Para desenvolver essa investigação, foi discutido, no decorrer do referencial teórico, a importância da escrita de mulheres negras que, consideradas desobedientes, seguiram e construíram uma narrativa que agregasse suas vivências, problemáticas e lhes permitisse dar visibilidade às suas existências e como esses escritos literários e teóricos têm contribuído para que as mulheres negras, na contemporaneidade, escrevam e construam conteúdos que reivindicam reconhecimento como produtoras de conhecimento; apresenta produções e ações desenvolvidas na Ciência da Informação e na Biblioteconomia, considerando os aspectos sociais da área e a importância do desenvolvimento e aprofundamento de tais questões para que aconteçam mudanças efetivas no campo da Ciência da

Informação; abordou o colonialismo, o racismo e as tecnologias, com a pretensão de elucidar por que o racismo e violências correlatas se fazem presentes nas relações mediadas pela internet e suas plataformas; levantou reflexões sobre o lugar das influenciadoras negras, estabelecendo um diálogo com o pensamento de Lélia Gonzalez, que faz um aprofundamento histórico, social e econômico sobre a condição da trabalhadora negra; tratamos sobre memória, arquivo e fabulação crítica, a fim de compreender e ratificar a importância da escrita de mulheres negras, tendo em vista o silenciamento histórico e o apagamento da memória dos povos africanos escravizados. Entendemos que discorrer sobre a operação historiográfica e a consequente criação do arquivo, sua importância memorialística e institucional, contribuiu para a ausência da história do povo negro na historiografia oficial, e como o conceito/método de fabulação crítica é uma ferramenta que pode ser entendida como um enfrentamento ao arquivo já consolidado, uma vez que a memória sobre os povos negros, notadamente no período escravocrata, é na subalternidade, como dados comerciais, numa narrativa que apenas servia aos senhores e, posteriormente, aos racistas. Trouxemos a história de vida das influenciadoras, apresentadas em formato de crônicas, acompanhadas de suas respectivas análises e conteúdos produzidos, postados e compartilhados em suas contas no Instagram.

A partir dos objetivos, foi construído um estudo qualitativo, por meio de pesquisa bibliográfica, com destaque nas 3 entrevistas semiestruturadas individuais aplicadas, que foram apresentadas em formato de crônicas, seguidas de suas análises e divididas seguindo uma ordem cronológica que pode ser identificada nos títulos: "Lançando lembranças... o princípio de si"; "Lançando lembranças... movimento de vida"; "tecendo lembranças... tempo presente". Por meio das narrativas das protagonistas, transformadas em texto-crônicas, ficou evidente que o racismo é parte imanente na vivência e formação da pessoa negra desde a infância, que pode ser iniciada no âmbito familiar e prosseguir na escola, na universidade, nos mais variados tipos de relações. E que sim, há, na dinâmica das redes, mediadas pelas plataformas de redes sociais, o que foi discutido como colonialismo de dados, racismo algorítmico, discurso de ódio e violências correlacionadas.

É notório que as mulheres negras se encontram como alvo preciso dos discursos de violência, como também são protagonistas históricas de transformação social e de ruptura de normas coloniais. Os perfis no Instagram de Yasmin, Izabel e Augusta são pontos de apoio informacional e de produção de conhecimento para

outras mulheres e são um mecanismo de expressão política, identitária e educacional, tendo em vista que duas das protagonistas começaram a atuar no Instagram no período pandêmico. É certo que o retorno financeiro não é imediato e, por vezes, não garante o sustento, levando em consideração o recorte de territorialidade nas quais as protagonistas desta investigação estão inseridas. O efeito e o reconhecimento pelo trabalho são advindos, em sua maioria, pelas/os seguidoras/os.

Desse modo, a história de vida das protagonistas dessa tese reverbera na vida das mulheres negras brasileiras, com ou sem consciência racial, tendo em vista a construção social, econômica, cultural e educacional do Brasil, notadamente do Estado do Ceará. As individualidades de cada uma se relacionam profundamente aos aspectos expostos por Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Alice Walker, bell hooks, Grada Kilomba e Conceição Evaristo. Considerando suas narrativas, ao pensamento de Rosane Borges (2023) que diz: "falar de si, onde não há a si mesmo". Isso quer dizer que quando uma mulher negra fala sobre si, constrói suas escrituras, suas performances, suas fabulações críticas, ela está falando de um continente inteiro e de uma nação que foi arquitetada sob ruínas de histórias diversas, de pessoas que tinham nomes e sobrenomes, tinham famílias e lembranças que foram condenadas ao esquecimento.

A história de vida de Yasmin, Izabel e Augusta tem relação direta com a da autora desta tese, que, sendo uma mulher negra, nascida no interior do Estado do Ceará, reconhece nos relatos das protagonistas aspectos semelhantes vividos na infância, na adolescência e na vida adulta. Sendo alguém que tem construído um percurso no ativismo de mulheres negras e no campo intelectual, sabe o quanto é desafiador atuar em espaços considerados não pertencentes a corpos negros. Digo ainda que ouvir as protagonistas, vê-las e senti-las em suas emoções foi viver o que as intelectuais utilizadas como base teórica para este trabalho nos dizem quando escrevem seus textos a partir de suas desobediências e originalidades, firmando a ideia de que é possível fazer pesquisa com emoção, entusiasmo, empatia e humanidade.

Por fim, espera-se que essa tese possa ser um fio imaginativo para a construção de outros trabalhos no campo da Ciência da Informação. Há inúmeras possibilidades de análise e aprofundamento do método/conceito de fabulação crítica e de escritura, relacionando-as com as diversas disciplinas que integram a

Ciência da Informação, principalmente aquelas voltadas para os aspectos sociais, identitários e de memória.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Waldir Ferreira de. **História de vida como metodologia de pesquisa: o relato de vida de um menino de rua da praça da república em Belém do Pará. Margens Virtual.** v. 1, n. 2, p. 41-54, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2849>. Acesso em: 22 out. 2022
- ALENCAR, Itana. Com mais de mil prisões na BA, sistema de reconhecimento facial é criticado por “racismo algorítmico”: inocente ficou preso por 26 dias. In: **G1 Bahia.** Bahia, 01 de set. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/09/01/com-mais-de-mil-prisoas-na-ba-sistema-de-reconhecimento-facial-e-criticado-por-racismo-algoritmico-inocente-ficou-presos-por-26-dias.ghtml>. Acesso em: 01/11/2024.
- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.
- ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: ALEXANDRE, Abdal; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo.** São Paulo: SESC/CEBRAP, 2016.
- ALVES, Karla Jaqueline Vieira. Preta Tia Simoa, mulher preta que ultrapassou os limites impostos pelo sistema. In: BARBOSA, Francisco. **Brasil de Fato: uma visão popular do Brasil e do mundo.** Fortaleza, 18 abril de 2023. Disponível em: <http://brasildefato.com.br/2023/04/18/preta-tia-simoa-mulher-preta-que-ultrapassou-os-limites-impostos-pelo-sistema>. Acesso em 01/11/2024.
- ALVES, Karla Jaqueline Vieira. **“Heróis” no cativeiro: discursos e silêncios no jornal Libertador sobre o protagonismo de José Napoleão e Preta Tia Simoa na luta abolicionista no Ceará (1881-1884).** Monografia (Licenciatura em História), Universidade Regional do Cariri, Crato, 2015.
- AMORIM, Igor Soares; ALVES, Uelinton dos Santos. Biblioteconomia e ciência da informação: uma perspectiva decolonial. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. esp., 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/198772>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2007.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antonio. A tríplice jornada de mulheres pobres na Universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Artigos • Rev. Estud. Fem.** 20 (3). Dez 2012 • <https://doi.org/10.1590/S0104->

026X2012000300011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/5dt5spzRWMYjrrRVB4dcsmj/#>

AZEVEDO, Lídia Michelle. Influenciadoras digitais negras e a beleza como negócio. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*. 24 (1):169-180, janeiro/abril, 2022.

BIRHANE, Abeba. Colonização algorítmica da África. In: SILVA, Tarcízio (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiaspóricos. São Paulo: Consultoria editorial LiteRUA, 2020.

BERNARDO, Teresinha. **Memória em Branco e negro**: olhares sobre São Paulo. São Paulo: EDUC: editora UNESP, 1998.

BLACK LIVES MATTER. About. Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/about/>. Acesso em 26 nov. 2020.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; VIEIRA, Eloy Santos. Economia política na internet: sites de redes sociais e lutas de classe. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26. **Anais....** Manaus, AM, 2012.

BORGES, Lize. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidaden**. 1 (maio.2020) Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872/21118>. Acesso em 09 fevereiro de 2024.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUCH, Sally. Sociedade da informação/Sociedade do conhecimento. In: AMBROSI, Alain; PEUGEOT, Valérie; PIMIENTA, Daniel. **Desafios de palavras**: enfoques multiculturais sobre as sociedades da informação. CeF Éditions, 2005.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v 42, n.5, p.351-360. 1991.

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFUSCar, 2015.

BRITO, Bianca Maria Santana de. **A escrita de si de mulheres negras**: memória e resistência ao racismo. 2020. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-01032021-161836/publico/BiancaMariaSantanadeBritoVC.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

BROOKES, Bertram Claude. The foundations of information science: Part I: Philosophical Aspects. **Journal of Information Science**, v. 2, p. 125-133. 1982.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2021.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB/UFMG, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecendo o feminismo: a situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.) **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003a.

CARNEIRO, Sueli. Estrelas com luz própria. **Revista História Viva** . São Paulo, n. 3, p. 48-49, 2006. Disponível em: https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc_001238. Acesso em: 19 jun. 2023.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, 2003b

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e computação) – COPPE, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre e internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Armando Alexandre. A irmandade da boa morte: memória, intervenção e turistização da festa em Cachoeira (BA). I Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, Bahia, em 14 e 15 de abril de 2005.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Everton Garcia; NEBEL, Letícia. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil, Polis [Online], 50 | 2018, posto online no dia 05 agosto 2019, consultado o 04 setembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/polis/15816>

CURY, Lucilene; CAPOBIANCO, Ligia. Princípios da história das Tecnologias de Informação e Comunicação: grandes invenções. **VIII Encontro Nacional de história da mídia**. Unicentro, Guarapuava, PR, 2011.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999.

DIAS, Matheus Felipe Gomes. Uberização: reflexos da precarização do trabalho no século XXI. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, ano II, vol. 4, n. 10, Boa Vista, 2020.

- DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2019.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares Cultura Afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005.
- FAUSTINO, Deivison. A interdição do reconhecimento em Frantz Fanon: a negação colonial, a dialética hegeliana e a apropriação calibanizada dos cânones ocidentais. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 3, n. 59, ago. 2021, p. 455-481.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu editora, 2020.
- FERREIRA, Edivan Alexandre., GRANGEIRO, Rebeca da Rocha., PEREIRA, Renan. Influenciadores digitais: análise da Profissionalização de uma Nova Categoria de Trabalhadores. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 14, n. 2, p. 04–23, 2019. Disponível em: <https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/2799>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- FIDALGO, Jéssica Marta Paiva. **O impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens**. 2018. Dissertação. (Mestrado Integrado em Medicina), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/42224>. Acesso em: 05/03/2024.
- FREITAS, Matheus; SARMENTO, Rayza. As falas sobre as fraudes: análise das notícias sobre casos de fraudes nas cotas raciais em universidades em Minas Gerais. **ESTUDOS • Rev. Bras. Estud. Pedagog.** 101 (258) • Mai-Agos. 2020 <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i258.4262>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/P776XJTh5SHWPgDKhpGJT8p/?lang=pt#> Acesso em: 06 de nov. 2024.
- GABELLINI, Laryssa da Costa. Plataformas e criadores de conteúdo: notas sobre a gestão algorítmica e a busca pelo engajamento no Instagram. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 5, nov. 2022. ISSN 2675-4169. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1505>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a orte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globalivros, 2019.

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima. (Org.). **Ações afirmativas**: políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções, diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALÉZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Hoje, Anpocs**, 1984, p. 223-244.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HOOKS, bell. **Aprendendo a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. O trabalho adoça a vida. In: **Irmãs do Inhome**: mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. Favela. In: FERNANDEZ, Rafaelle (Org). **Onde estás Felicidade?**. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

KARHAWI, Issaaf, Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**. v. 17, 2018. Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso o sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, abr-jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/wMKm98rhDgn7zsfvxnCqRvF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LEME, Marília Gabriela. **Despertar racial**: como as famílias monorraciais negras e/ou inter-raciais preparam ou não, ensinam ou não os seus filhos a se protegerem

contra o racismo. 2021. Monografia. (Especialização em Terapia da família e casais do Núcleo e Família e Comunidade) da PUC-SP, 2021.

LIMA, Dulcilei; Oliveira Taís. Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégia de resistência. **Dossiê tecnopolítico de gênero: cadernos pagu**, 2020.

LIMA, Luciméa Santos; GABINO, Maria Zilma. Epistemologias marginais: pensando o fazer antropológico. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 18 n. 2 Dezembro. 2023 ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 (print). Disponível: <file:///C:/Users/davil/Downloads/41951-Texto%20do%20artigo-185764-1-10-20231219.pdf>. Acesso em: 30 de dezembro de 2023.

LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e em ação**. In: Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACHADO, Débora Franco. A colonização dos dados como produto das operações das mídias sociais no Sul Global. In: CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Org.) **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia literária, 2021.

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Gênero**, Niterói, v. 16, n. 2, p.55-69, jan/jun. 2016.

MARQUES, Vasco. **Redes sociais 360: como comunicar online**. Coimbra: Conjuntura actual Editora, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe. Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS Simone Gonçalves de; Souza, Edinilsa Ramos de. (Org). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MONTE, Irina Coelho. Camilla de Lucas no instagram: reflexões críticas sobre a influenciadora digital negra a partir da constelação de Benjamin. In_: **Anais de Congresso Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: PUC, Minas Gerais, 2023. Acesso em: 18/12/2023; Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2023/listaGP.php?gp=17>

MOURA, Maria Aparecida. Colonialidade algorítmica e epistemologia de dados: desafios à mediação da informação. In: MARTELETO, Regina; SALDANHA, Gustavo (Org.). **A mediação de saberes em perspectiva - V Colóquio Científico Internacional da Rede Mussi**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/>. Acesso em 12 out. 2022.

MOVIMENTO MULHERES NEGRAS DECIDEM. Guia: cuidados digitais, aprendizados da formação de ciberativismos e cuidados digitais.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2017.

NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. **UJIMA - Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros**. n. XX, ano, XX, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: RATTTS, Alex (Org.). **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombo e movimentos. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz

NASCIMENTO, Maria Yasmim Rodrigues do. **Invenção da liberdade**: o instituto histórico do Ceará e o discurso racial no I centenário da abolição (1984). 2018. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras). Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2018.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

OLIVEIRA, Gabriela. A incidência dos influenciadores digitais negr@s para o combate o racismo. In: Mapeamento da mídia negra no Brasil: FOPIR, 2020.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Afrodescedência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito etnicorracial ao projeto “A cor da cultura”**. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

PATTERSON, Orlado. **Slavery and social death**. A coparatie Study. Cambridge: Harard University Press, 1982.

PELLEGRINI, Dayse Pereira; REIS, Diolinda Dias; MONÇÃO, Philipe Costa; OLIVEIRA, Ravel. Youtube: uma nova fonte de discurso. Santa Cruz: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2010. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/bocc-pelegrini-cibercultura.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.

PESSANHA, Roberto Moraes. Big Techs: teia de aranha digital-financeira entra em novo patamar de acumulação e controle sobre o mundo real e o poder. Blog do Roberto Moraes. Disponível em: <https://www.robortomoraes.com.br/search?q=Big+techs>. Acesso em: 13/10\2023.

PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, 1997.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100008>. 23 jun. 2022.

QUIJANO, Anibal. La tensión del pensamiento latino americano [1986]. In: QUIJANO, Anibal. **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: Clacso, 2014. p.697-704.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROZA, Rodrigo Hipólito. Revolução informacional e os avanços tecnológicos da informática e das telecomunicações. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v.4, n.3, p.3-11, set./dez. 2017.

SANTANA, Anália. Mulheres negras do Rosário do Pelourinho: memória, identidade e poder. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, 2013.

SANTOS, Rommer Mottinha; MORAES, Thiago Perez Bernardes de. “Eu preciso respirar”: George Floyd, black lives matter e o enxame de buscas na web. In: ROCHA, Wesley Henrique Alves da. (Org.). **Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios**. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021.

SANTOS, Rosangela da Silva; GLAT, Rosana. **Ser Mãe de uma Criança Especial**: do Sonho à Realidade. Rio de Janeiro: Editora Anna Nery / UFRJ, 1999.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio e Janeiro: SENAC Nacional, 2006.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico**: estudos em psicologia. 2007, vol. 1, n. 1, p. 25-35.

SILVA, Dávila Maria Feitosa da. MUCCILLO, Marcela de Oliveira; LIMA, Izabel França de; AZEVEDO NETTO; Carlos Xavier de. Práticas informacionais e relações étnico-raciais: um olhar sobre o Selo Nyota. **Folha de Rosto**, v. 8, n. 1, p. 104-120, 15 abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/853>. Acesso em: 01/11/2024.

SILVA, Dávila Maria Feitosa da. VALÉRIO, Erinaldo Dias; CARMO, Nicácia Lina do. Negra intelectual na Biblioteconomia do Cariri Cearense: a trajetória de Joselina da Silva. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Juazeiro do Norte, v.7, n.1. p. 28-47, jan./abr. 2021. ISSN 2447- 0120. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/741> Acesso em: 01/11/2024.

SILVA, Leyde Klébia Rodrigues da. **Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em biblioteconomia e ciência da informação**. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Chegou a hora de darmos à luz a nós mesmas: situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cad. CEDES**. v. 19, n. 45, jul. 1998.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022.

SILVA, Vadir Pierote; BARROS, Denise Dias. Método história oral de vida: contribuições para pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14087/15905>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TEODORO, Cristina. Violência sexual na infância: gênero, raça, e classe em perspectiva interseccional. In: Dossiê infância (s), gênero e sexualidades: sobre resistências e (re) existências. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 1582-1598, dez., 2022. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2022.e87381>. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8729870>. Acesso em: 15 fev. 2024.

TORQUATO, Helano Duarte. **Internet e a nova economia: caracterização e métodos de avaliação das empresas ponto com**. 2002. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

WERSING, G.; NEVELLING. The phenomena of interest to information science. **Information Scientist**, v.9, p. 127-140, 1975.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

Identificação:

Nome: _____

Idade: _____

Estado Civil: _____

Filhas(os): _____

Escolaridade: _____

Fale um pouco de sua trajetória de vida (família, escola, amigos, relações afetivas)

Quais os principais desafios e/ou dificuldades enfrentados em sua vida pessoal e profissional enquanto mulher negra?

Quais as experiências pessoais que definiram sua escolha em atuar na internet?

Como você define sua participação como influenciadora digital para a luta contra o racismo e especialmente para as demandas das mulheres negras?

Quais os principais desafios enfrentados enquanto mulher negra influenciadora digital?

E quais as principais conquistas?

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada **MULHERES NEGRAS CEARENSES: narrativas de vida de influenciadoras digitais antirracistas**, coordenada por Dávila Maria Feitosa da Silva, sob a orientação da Professora Doutora Izabel França de Lima. O objetivo geral foi analisar as narrativas de mulheres negras cearenses influenciadoras digitais e sua contribuição para a memória coletiva e a luta antirracista. Caso você aceite, você terá que (participar de uma entrevista que poderá ser de maneira virtual pela plataforma Google Meet, onde conversaremos sobre a sua trajetória de vida considerando aspectos familiares, escolar/acadêmico, fraternos e relações afetivas, o que deve dispende cerca de (60) minutos. Além disso, será realizado gravação de voz (áudio), que será de uso exclusivo para a pesquisa.

Riscos e Benefícios

Com sua participação nesta pesquisa, você estará exposta a possíveis riscos de ordem psicológica e desconfortos ao se dirigir às questões específicas de forma direta, e poderão ocorrer reações contrárias ao uso de dispositivos de registro (gravadores, câmeras, bloco de anotações) e, caso eles venham a ocorrer, serão tomadas as seguintes providências: pausa e adiamento ou encerramento da entrevista sob a responsabilidade da pesquisadora responsável.

Esta pesquisa tem como benefícios auxiliar na ruptura do padrão colonizador de saberes institucionais relacionados à produção de conteúdo por mulheres negras cearenses em plataformas midiáticas sociais, bem como potencializar os discursos e narrativas negras pela potência das vozes das produtoras de conteúdo, em uma primeira instância participantes da pesquisa e, na abrangência dela, demais personalidades femininas negras que trabalhem com internet e disseminação de informação na internet. Visa contribuir com a construção de uma Ciência da Informação feminina, negra e decolonial.

O material e informações obtidas podem ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Você irá decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública.

Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição individualizada dos dados da pesquisa. Sua participação é voluntária e você terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza.

Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo. É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, e garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você também poderá entrar em contato com os pesquisadores, em qualquer etapa da pesquisa, por e-mail ou telefone, a partir dos contatos dos pesquisadores que constam no final do documento.

Devolutiva dos resultados

Os resultados da pesquisa poderão ser solicitados a partir de do mês de junho de 2024, a devolutiva será por e-mail, e online quando for publicado no Repositório Institucional da UFPB. Ressalta-se que os dados coletados nesta pesquisa somente poderão ser utilizados para as finalidades da presente pesquisa, sendo que para novos objetivos um novo TCLE deve ser aplicado.

Ressarcimento e Indenização

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser paga, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa. De igual forma, a participação na pesquisa não implica em gastos para você.

Após ser esclarecida sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação em todas as páginas e no campo previsto para o seu nome, que é impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse do pesquisador responsável e a outra via com você.

Consentimento de Participação

Eu _____ concordo em participar, voluntariamente da pesquisa intitulada **MULHERES NEGRAS CEARENSES: narrativas de vida de influenciadoras digitais antirracistas** conforme informações contidas neste TCLE.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora responsável (orientadora): Izabel França de Lima

E-mail para contato:

Telefone para contato:

Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável: _____

Pesquisadora responsável (autora): Dávila Maria Feitosa da Silva

E-mail para contato: davillafeitosa@gmail.com

Telefone para contato: 88 (988051799)

Assinatura do (a) aluno (a) pesquisador (a):

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante sejam respeitados, sempre se pautando pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O CEP tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Caso você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você

imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Contato do pesquisador responsável ou com o Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas

Endereço:- Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14, Campus I - Cidade Universitária - Bairro Castelo Branco CEP: 58059-900 - João Pessoa-PB

Telefone: (083) 3216-7308

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br

ANEXO A - Parecer substanciado Plataforma Brasil

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULHERES NEGRAS: HISTÓRIAS DE VIDAS DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS

Pesquisador: DAVILA MARIA FEITOSA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69477923.9.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA UFPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.078.134

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Projeto de tese cujo tema está voltado para as mulheres negras cearenses e aborda suas experiências enquanto influenciadoras digitais que produzem conhecimento e informações antirracistas. A pretensão metodológica é pesquisa exploratória, bibliográfica, e pesquisa de campo, tendo como base a história de vida numa abordagem qualitativa pelo prisma biográfico. Como instrumento de coleta de dados será utilizada entrevista não estruturada.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os processos de construção da identidade de mulheres negras através da produção e narrativas de influenciadoras negras.

Objetivo Secundário:

a) Refletir sobre atuação política e social das mulheres negras no Brasil.b) Discutir o papel da Ciência da informação na luta antirracista;c)

Identificar e caracterizar as influenciadoras negras cearenses que produzem conhecimentos antirracistas; d) Contar a trajetória de vida das

influenciadoras negras cearenses, a partir de suas memórias individuais e coletivas;e) Apurar com base nas memórias apanhadas experiências,dificuldades/desafios e de afetividades.

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.078.134

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Ao se trabalhar com o auxílio de entrevista guiados por questões sensíveis à uma determinada temática, um dos riscos mais comuns, de ordem psicológica, são os desconfortos ao se dirigir as questões de forma direta, reações contrárias ao uso de dispositivos de registro (gravadores, câmeras, bloco de anotações...). Se a dinâmica de pesquisa não for bem elaborada para a coleta de dados, esses efeitos psicossomáticos podem alterar a credibilidade dos resultados da pesquisa.

*** Benefícios**

Auxiliar na ruptura do padrão colonizador dos saberes institucionais relacionados a produção de conteúdo por mulheres negras cearenses em plataformas midiáticas sociais, bem como potencializar os discursos e narrativas negras pela potencia das vozes reverberadas por produtoras de conteúdo, em uma primeira instância participantes da pesquisa e, na abrangência da mesma, demais personalidades femininas negras que trabalhem com internet e disseminação de informação na internet.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Proposta de pesquisa relevante não só para a universidade como também para a sociedade sob o tema de mulheres negras enquanto influenciadoras digitais e por se tratar da luta antirracista que costumam enfrentar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Dentre os documentos de apresentação obrigatória, encontram-se:

- TCLE
- FOLHA DE ROSTO (assinada e carimbada) – pelo pesquisador responsável e pelo responsável da Instituição Proponente/Unidade Órgão
- PROJETO COMPLETO (Word ou PDF) em português.

No entanto, faltou incluir:

- CERTIDÃO DE APROVAÇÃO PELO DEPARTAMENTO OU PÓS-GRADUAÇÃO OU NÚCLEO DE PESQUISA;
- CARTA DE ANUÊNCIA DO LOCAL DA PESQUISA

Recomendações:

Na metodologia está explícito que utilizará entrevista não estruturada e que trabalhará com

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.078.134

História de Vida. No entanto, nas informações básicas do projeto, na parte das intervenções a serem realizadas, diz que fará aplicação de questionários. Nesse caso, há incongruência.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Há pendências.

Falta incluir:

*CERTIDÃO DE APROVAÇÃO PELO DEPARTAMENTO OU PÓS-GRADUAÇÃO OU NÚCLEO DE PESQUISA;

* Explicar o porquê da inclusão do instrumento de coleta, o questionário, nas informações básicas do projeto, na parte das intervenções a serem realizadas, se na metodologia consta o uso da entrevista não estruturada tendo em vista o método de História de Vida que fará uso na pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

PARECER DO CEP/CCS/UFPB:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP- CCS, de acordo com as atribuições definidas na Resolução do CNS 466/12 manifesta-se por aguardar o atendimento às questões acima para emissão de seu parecer final.

Situação: Pendente

De acordo com a Res. 466/12, as pendências devem ser respondidas exclusivamente pelo pesquisador no prazo de 30 dias, a partir da data da emissão do parecer pelo CEP- CCS. Após esse prazo, o protocolo será arquivado. A resposta do pesquisador principal deve ser avaliada pelo CEP com emissão de parecer consubstanciado e, se aprovado, deve ser encaminhado para a CONEP. Solicita-se ainda, que as respostas sejam enviadas de forma ordenada, conforme os itens das considerações desde parecer, indicando-se também a localização das possíveis alterações no protocolo, inclusive no TCLE. Ressaltamos que ao usar o TCLE na pesquisa, se o referido documento, tiver mais de uma página, as primeiras páginas, devem ser rubricadas pelo pesquisador responsável e pelo participante da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço:	Prédio do CCS UFPB - 1º Andar	CEP:	58.051-900
Bairro:	Cidade Universitária		
UF:	PB	Município:	JOAO PESSOA
Telefone:	(83)3216-7791	Fax:	(83)3216-7791
		E-mail:	comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.078.134

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2091968.pdf	05/05/2023 15:42:48		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura_davila.docx	05/05/2023 15:41:57	DAVILA MARIA FEITOSA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Davila.pdf	05/05/2023 15:41:11	DAVILA MARIA FEITOSA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_davila.pdf	30/04/2023 20:20:29	DAVILA MARIA FEITOSA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 24 de Maio de 2023

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comiteeetica@ccs.ufpb.br